



Marcelo Massao Osava

**Hipólito de Roma e as heresias nos primeiros
três séculos do cristianismo**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Teologia do Departamento de Teologia da
PUC-Rio .

Orientador: Prof. André Luiz Rodrigues da Silva

Rio de Janeiro
Janeiro de 2020



Marcelo Massao Osava

**Hipólito de Roma e as heresias nos primeiros
três séculos do cristianismo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. André Luiz Rodrigues da Silva
Orientador
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Waldecir Gonzaga
Departamento de Teologia - PUC-Rio

Prof. Gilcemar Hohemberger
Faculdade São Bento do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 2020

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Marcelo Massao Osava

Graduou-se em Teologia no Claretiano Centro Universitário em 2017. Kursou especialização em História do Cristianismo na Universidade Católica de Petrópolis em 2017.

Ficha Catalográfica

Osava, Marcelo Massao

Hipólito de Roma e as heresias nos primeiros três séculos do cristianismo / Marcelo Massao Osava; orientador: André Luiz Rodrigues da Silva. – 2020.

143 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2020.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Hipólito de Roma. 3. Heresia. 4. Regra de fé. 5. Excomunhão. 6. Philosophumena. I. Silva, André Luiz Rodrigues da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Aos mártires e guardiões da fé.

Agradecimentos

A Deus, toda honra e glória por todos os séculos.

Ao meu orientador Prof. André Luiz Rodrigues da Silva pelo zelo, amizade, disponibilidade e atenção dispensada na realização deste trabalho.

À PUC-Rio pelo auxílio concedido na realização deste trabalho. Gratidão a todos os docentes que foram grandes incentivadores nos estudos teológicos, assim como aos funcionários do Departamento de Teologia, sempre cordiais e solícitos.

Aos meus pais (*in memoriam*) pela educação recebida ao longo da vida.

Aos meus familiares e colegas que contribuíram na realização deste trabalho.

À Paróquia Nossa Senhora da Conceição – Rio Bonito (RJ), na pessoa do Pe. Pedro Pereira de Moraes, pela confiança e orações.

Ao amigo Gilcemar Hohemberger, pelo incentivo e apoio neste aprofundamento teológico.

Aos professores que participaram da Comissão examinadora e contribuíram no aperfeiçoamento deste trabalho.

À CAPES pelos auxílios concedidos. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

Osava, Marcelo Massao; Silva, Andre Luiz Rodrigues da (Orientador). **Hipólito de Roma e as heresias nos primeiros três séculos do cristianismo.** Rio de Janeiro, 2020. 143p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Desde os primeiros séculos de sua existência, o cristianismo convive com as heresias, que têm como principal característica a negação de uma verdade de fé, devidamente ensinada pela Igreja. A forma utilizada pelos Padres da Igreja, sobretudo nos primeiros séculos, para determinar se estavam ou não diante de uma heresia, consistia em confrontar a doutrina ensinada com a regra de fé. Esta consistia em uma medida que fundamentava-se na Sagrada Escritura e nos ensinamentos dos apóstolos. A doutrina que estivesse fora desta medida era considerada herética. A fim de evitar a proliferação de tais doutrinas e punir os que causavam desordens na comunidade, aos poucos foram se desenvolvendo na Igreja critérios de discernimento. Hipólito de Roma, no século III, utilizou a regra de fé no combate aos hereges. É um personagem polêmico, seja em razão da autoria de suas obras ou por sua forte personalidade, historicamente considerado o primeiro antipapa em virtude do cisma com o Papa Calisto. Este trabalho demonstra a forma como Hipólito combatia as heresias que ameaçavam o cristianismo nos primeiros três séculos e como suas obras foram importantes na defesa da ortodoxia da fé, sobretudo a partir da *Philosophumena*. Pretende-se também apresentar Hipólito de Roma muito mais como um guardião da fé do que um cismático, pois ao final da vida, morre no exílio reconciliado com a Igreja, combatendo o bom combate e, literalmente, guardando a fé.

Palavras-chave

Hipólito de Roma; Heresia; regra de fé; excomunhão; *Philosophumena*.

Abstract

Osava, Marcelo Massao; Silva, Andre Luiz Rodrigues da (Advisor). **Hippolytus of Rome and the heresies in the first three centuries of Christianity**. Rio de Janeiro, 2020. 143p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

From the earliest centuries of its existence Christianity has lived with heresies, whose main characteristic is the denial of a truth of faith duly taught by the Catholic Church. The way bishops used, especially in the early centuries, to determine whether or not they were facing heresy, was to confront the doctrine taught with the rule of faith. This consisted in a measure that was based on the Sacred Scripture and the teachings of the apostles. Doctrine outside this measure was considered heretical. In order to prevent the proliferation of such doctrines and to punish those who caused disorder in the community, a code of laws was gradually developed in the Church. Hippolytus of Rome in the third century used the rule of faith in the fight against heretics. He is a controversial character, either because of the authorship of his works or for his strong personality, historically considered the first antipope because of the schism with Pope Callisto. This work demonstrates how Hippolytus fought the heresies that threatened Christianity in the first three centuries and how his works were important in defending the orthodoxy of faith, especially from the *Philosophumena*. It is also intended to present Hippolytus of Rome much more as a guardian of the faith than a schismatic, for at the end of his life he dies in exile reconciled to the Church, fighting the good fight and literally guarding the faith.

Keywords

Hippolytus of Rome; Heresy; Rule of Faith; Excommunication; Philosophumena.

Sumário

1. Introdução	12
2. Contexto cultural teológico de Hipólito de Roma.....	16
2.1. A heresia em contraste com a ortodoxia	16
2.1.1. As heresias surgidas no século II.....	19
2.2. Hipólito de Roma e o monarquianismo.....	24
2.3. Hipólito de Roma: presbítero, antipapa, mártir, santo, romano, posicionamento ministerial: as várias faces de um mesmo personagem. 27	
2.3.1. Obras de Hipólito de Roma	31
2.3.2. Autenticidade e autoria: polêmicas em torno das obras de Hipólito.35	
2.4. O valor da tradição e da apologética	38
2.5. <i>Regula fidei</i>	49
2.5.1. <i>Regula fidei</i> a partir de Irineu	51
2.6. Conclusão	55
3. Resoluções para as heresias – aspectos jurídicos e as fontes do Direito Canônico.....	57
3.1. Normas e prescrições da Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. 60	
3.2. A comunhão	63
3.3. A excomunhão	65
3.3.1. A praxe da excomunhão antes do cristianismo	67
3.4. A práxis de excomunhão e outras penas canônicas nos primeiros séculos do cristianismo	70
3.5. A prática disciplinar em trechos do Novo Testamento e um caso de incesto na comunidade de Corinto.	73
3.5.1. Práxis penitencial	75
3.5.2. O poder de ligar e desligar	76
3.6. As excomunhões de Teódoto de Bizancio, Marcião, Montano, Noeto, Sabélio.....	79
3.7. O cisma de Hipólito de Roma com o papa Calisto.	84
3.8. Heresias e excomunhão na atualidade.	86
3.9. Conclusão	89
4. A obra <i>Philosophumena</i>	91

4.1. Polêmicas e história	91
4.2. Conteúdo e estrutura.....	97
4.2.1. Livros.....	100
4.3. A doutrina sobre a criação e revelação divina no livro X.	112
4.4. Combate aos hereges	114
4.5. Influência de Irineu de Lião.	121
4.6. Relação da obra <i>Philosophumena</i> com as definições do Concílio de Niceia (325) e Calcedônia (451).....	126
4.7. Conclusão	129
5. Conclusão	131
6. Referências bibliográficas	138

Abreviaturas

CEC	Catecismo da Igreja Católica
CIC	Codex Iuris Canonici
CDF	Congregação para Doutrina da Fé
DH	Compêndio dos Símbolos, definições e declarações de fé e moral
DV	Constituição Dogmática Dei Verbum
GS	Constituição Pastoral Gaudium et Spes
LG	Constituição Dogmática Lumen Gentium
PB	Constituição Apostólica Pastor Bonus
SNL	Secretariado Nacional de Liturgia
TA	Tradição Apostólica de Hipólito de Roma
SEA	Studia Ephemeridis Augustinianum
UR	Decreto Unitatis Redintegratio

Assim, não seremos mais crianças, joguetes das ondas, agitados por todo vento de doutrina, presos pela artimanha dos homens e da sua astúcia que nos induz ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, cresceremos em tudo em direção àquele que é a Cabeça, Cristo, cujo Corpo, em sua inteireza, bem ajustado e unido por meio de toda junta e ligadura, com a operação harmoniosa de cada uma das suas partes, realiza o seu crescimento para sua própria edificação no amor.

Efésios 4, 14-16

1 Introdução

Heresia é a negação pertinaz de uma verdade de fé católica. Desta forma o atual Código de Direito Canônico define o que pode ser considerado herético. Em contraste com a heresia, a ortodoxia da fé sustenta-se sobre aquilo que segue retamente a doutrina católica. Este embate entre heresia e ortodoxia só terminará na *parusia*, pois, de acordo com Paulo, as heresias são necessárias para que os virtuosos possam manifestar-se (1 Cor 11,19).

Nos primórdios do cristianismo não era tarefa simples separar o joio do trigo, ou seja, uma linha tênue demarcava o limite entre o que era considerado ortodoxo e as doutrinas estranhas que causavam confusão nas comunidades já estabelecidas. Um cristão, por exemplo, poderia estar seguindo determinada doutrina confiante na sua autenticidade, quando, na verdade, corria o risco de estar cometendo heresia, desviando-se dos verdadeiros ensinamentos da Igreja. Imaginemos que a vida dos cristãos naquele período não deveria ter sido fácil no sentido de não saber exatamente qual parâmetro seguir¹, ou seja, tanto hereges quanto os ortodoxos lançavam-se como os guardiões da autêntica fé.

Não foram poucas as heresias que surgiram nos primeiros séculos, exigindo grande esforço da Igreja para combater-las e não deixar com que avançassem e causassem maiores confusões, embora nem sempre foi possível obter êxito neste ponto. As principais colocavam em dúvida aspectos relacionados diretamente com a pessoa e a natureza de Jesus Cristo.

Este trabalho tem seu foco em Hipólito de Roma e heresias que surgiram e conviveram muito perto com os cristãos dos primeiros três séculos, como, por exemplo, o gnosticismo, o ebionismo, o marcionismo e monarquianismo. Dentre as principais obras de Hipólito destacamos a *Philosophumena*, conhecida também como *Refutação de todas Heresias*, por se tratar do principal documento do autor na defesa e demonstração da verdadeira fé.

¹ A própria palavra heresia (do grego *háiresis*) significa uma escolha, um partido tomado ou corrente de pensamento.

A figura de Hipólito de Roma, retratada no capítulo dois, é motivo de controvérsia e polêmica e não foi por acaso que recebeu na história o título de primeiro antipapa por causa de suas disputas com o Papa Calisto. A principal objeção estava relacionada com a complacência do papa com aqueles acusados de pecados graves, pois na concepção de Hipólito estes não mereciam mais o perdão da Igreja. Era a ilusão de que no seio da Igreja só deveriam permanecer os puros. Além deste aspecto, as polêmicas também envolvem os escritos de Hipólito, ou seja, quais as obras podem ser realmente creditadas ou não a ele. Até uma estátua, sem a parte de cima, descoberta em 1551, faz parte do conjunto de pistas que procuram definir quais são verdadeiramente as obras de Hipólito.

De que maneira um determinado ensinamento seria classificado como herético ou ortodoxo? Como os cristãos poderiam discernir entre uma coisa e outra? Sobretudo a partir da regra de fé, que representava uma medida, norma a ser seguida de acordo com os ensinamentos retirados das Sagradas Escrituras e daqueles que chegavam até as primeiras comunidades diretamente dos sucessores dos apóstolos. Estar dentro desta regra de fé era o principal critério para separar o joio do trigo. Neste ponto da pesquisa a figura de Irineu de Lião, mestre de Hipólito de Roma, é colocada em destaque, sobretudo a partir de sua obra *Contra as Heresias*.

Mas o que aconteceria na prática com aqueles que se desviavam da doutrina verdadeira e ensinavam coisas estranhas na comunidade? E com os demais tipos de delitos que colocavam em risco a unidade e ordem? Toda sociedade precisa de leis a fim de que se desenvolva da melhor forma possível. A Igreja, sendo um modelo de sociedade, precisa também de leis que regulem os atos de seus membros. O capítulo três desta pesquisa propõe uma reflexão a respeito das fontes do Direito Canônico e qual o verdadeiro significado de uma pena de excomunhão.

Hipólito de Roma, na obra *Tradição Apostólica*, descreve um conjunto de normas litúrgicas que prefiguram o nascimento de um Direito Canônico no Ocidente. Os que estavam à frente das Igrejas deveriam segui-las a fim de ensinar da maneira correta e preservar a unidade da fé. Assim, uma das preocupações de Hipólito, ao consignar por escrito tais instruções, era não deixar com que as comunidades fossem dispersadas seguindo cada qual as normas que julgasse mais adequada. A obra indica também os passos necessários para a iniciação cristã e até quem deveria ser recusado neste caminho.

A heresia causava grande mal para a comunidade, pois rompia a comunhão. A comum união entre os membros da Igreja, alicerçada na Eucaristia, era o que sustentava a Igreja, conforme relatado no livro dos Atos dos Apóstolos (At 2,42). Neste ponto é essencial que as comunidades sigam a regra de fé, como norma segura para evitar desvios e garantir a unidade da fé. Ao romper com a comunhão, o membro da comunidade passava pelo processo de excomunhão. Gregório Magno (séc. IV) declara que a heresia representa o maior grau de ruptura com a comunhão da Igreja.

Ser excomungado era uma pena aplicada antes mesmo do cristianismo, já na Sinagoga tal prática pode ser constatada. Especificamente nas páginas do Novo Testamento é possível verificar o que acontecia com aqueles que causavam tumultos e colocavam em risco a ordem da comunidade. Quem recebia a pena de excomunhão era afastado do convívio com os demais fiéis, porém não é correta a dedução de que tal pena era simplesmente punitiva, pois na verdade a excomunhão pretendia ser um remédio para aqueles que cometiam alguns delitos, sobretudo os de adultério, apostasia e assassinato. As cartas de comunhão representavam um instrumento útil que os fiéis recebiam quando viajavam e tinha como objetivo mostrar que o portador estava em plena comunhão com a Igreja, sobretudo Roma, e poderia participar da celebração eucarística onde quer que estivesse. O poder conferido à Igreja de aplicar penas punitivas e absolver os arrependidos, é atestada na conhecida passagem narrada no Evangelho de Mateus (Mt 18,18). As excomuniões de personagens relevantes nos três primeiros séculos do cristianismo são descritas também neste capítulo, com ênfase em Teódoto de Bizancio, Marcião, Montano, Noeto e Sabélio.

Nos dias atuais a pena de excomunhão continua vigorando, e é prevista em alguns casos conforme determina o atual Código de Direito Canônico. No capítulo três desta pesquisa também demonstraremos um caso de excomunhão recente, promulgado contra algumas mulheres ordenadas por um bispo cismático.

O cisma de Hipólito de Roma com o Papa Calisto tem como principal motivo o rigorismo moral do primeiro. Os que tinham cometido pecados graves não poderiam mais conviver com os demais, pois manchariam a imagem da Igreja, que na concepção de Hipólito deveria ter em seu seio apenas os puros. O Papa Calisto reconhecia na Igreja a figura da Arca de Noé, onde embarcaram todos os tipos de animais, ou seja, todos os fiéis deveriam ser acolhidos na Igreja, independente dos

pecados que haviam cometido. Hipólito não conseguiu harmonizar-se com tal pensamento e acabou criando um cisma na Igreja. Não foi excomungado, mas acabou exilado posteriormente com o Papa Ponciano.

Na parte final desta pesquisa descreveremos a principal obra de Hipólito de Roma no combate às heresias, a *Philosophumena*. Será possível constatar o zelo que o autor mantinha para com a fé autêntica, provinda da Sagrada Escritura e ensinamentos dos apóstolos, assim como a preocupação em provar com detalhes, em cada livro, de que maneira os hereges estavam enganados sem seus ensinamentos. É também uma obra polêmica em relação à autoria, mas iremos expor evidências que indicam ser Hipólito de Roma o verdadeiro autor. Também demonstraremos de que maneira Irineu de Lião, sobretudo a partir da obra *Adversus Haereses*, influenciou várias partes da *Philosophumena*.

No encerramento do trabalho comparamos os ensinamentos de Hipólito com as futuras definições dogmáticas dos Concílios de Niceia (325) e Calcedônia (451), sustentando assim a ideia de que a obra de Hipólito possa também ter sido utilizada posteriormente pelos Padres conciliares, fazendo com que a imagem de cismático não sobreponha à de teólogo e apologista que muito contribuiu para a ortodoxia nos primeiros três séculos do cristianismo.

2 Contexto cultural teológico de Hipólito de Roma

2.1 A heresia em contraste com a ortodoxia

No final do século II, não seria exagero afirmar que a cidade de Roma vivia inflamada com acirradas disputas teológicas suscitadas a partir das várias escolas cristãs existentes, como, por exemplo, a de Justino, que desenvolveu a teologia do Logos, e a de Irineu, bispo de Lyon, defensor da mesma teologia, responsável também pela elaboração de uma *regula fidei*. As tendências teológicas eram diversas e não é um exercício difícil imaginar como as pessoas viviam agitadas “por todo vento de doutrina, presos pela artimanha de homens e da sua astúcia que induz ao erro” (Ef 4,14).

O século II foi extremamente efervescente de ideias novas, novas seitas, novas correntes filosóficas. É um século fértil em doutrinas, teorias, seitas e, porque não, em “heresias”. Homens dotados de grande capacidade criaram uma abundante e variada literatura em que se incluem tratados cosmológicos, filosóficos, comentários bíblicos, evangelhos e atos dos apóstolos, cartas apostólicas, apocalipses, salmos e hinos².

Mas até que ponto uma determinada corrente teológica era considerada herética? Quem eram os homens que se empenhavam em debater e defender suas convicções, mesmo correndo o risco de serem expulsos da comunidade, recebendo a acusação de heréticos? Se levarmos em consideração a assertiva de que cada história tem dois lados, de qual lado e como saber onde estavam verdadeiramente os defensores da autêntica fé? Do grego *haíresis*, a palavra heresia pode significar uma escolha ou um determinado partido que os pensadores, teólogos ou não, defendem ao longo da vida, sustentando-os até o final ou mudando de ideia por se reconhecerem equivocados. “Antes de Justino, o termo *haíresis* foi emprestado dos gregos para designar tendências divergentes, num sentido desfavorável, como na

²FRANGIOTTI, R. História das Heresias (séculos I-VII), p. 39.

Epístola de Paulo aos Gálatas (Gl 5, 20) e em sua primeira Epístola aos Coríntios”³.

Em que, então, diferencia-se a heresia da ortodoxia?

Em última análise, é o reconhecimento de que na heresia alguns princípios de fé inabdicáveis são ameaçados ou explicitamente rejeitados ou suas consequências levam a isso. A dificuldade para decidir isso na Igreja antiga reside no fato de que só durante os próprios confrontos se desenvolveram tantos os critérios para discernir entre heresia e ortodoxia, como também a clara consciência da instância competente para uma decisão⁴.

O Catecismo da Igreja Católica define heresia como a “negação pertinaz, após a recepção do Batismo, de qualquer verdade que se deve crer com fé divina e católica, ou a dúvida pertinaz a respeito dessa verdade”⁵. Negar ou pregar uma mensagem diferente, sobretudo daquela difundida pelos apóstolos, é uma das primeiras formas de heresia. “Na tentativa de interpretar a fé apostólica e fazer opção por uma delas, nascem vários movimentos, que serão chamados de heréticos, por pensar diferente, não aceitando a posição oficial”⁶.

As Sagradas Escrituras contêm relatos importantes a respeito da negação da verdade pregada por aqueles que conviveram primeiro com Jesus de Nazaré: “Houve, contudo, também falsos profetas no seio do povo, como haverá entre vós falsos mestres, os quais trarão heresias perniciosas, negando o Senhor que os resgatou e trazendo sobre si repentina destruição” (2Pd 2,1). Outras passagens atestam a presença de heresias no seio da Igreja primitiva: “Depois da primeira e da segunda admoestação, nada mais tens a fazer com um homem faccioso, pois é sabido que o homem assim se perverteu e se entregou ao pecado, condenando-se a si mesmo” (Tt 3,10). “Se eu te recomendei permanecer em Éfeso, quando estava de viagem para a Macedônia, foi para admoestares alguns a não ensinarem outra doutrina, nem se ocuparem com fábulas e genealogias sem fim, as quais favorecem mais as discussões do que o desígnio de Deus, que se realiza na fé” (1 Tm 1,3-4). “Nós somos de Deus. Quem conhece a Deus nos ouve, quem não é de Deus não nos ouve. Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro” (1 Jo 4,6).

Podemos nos perguntar, então, sobre quem são os heréticos. Há quem defenda que, no contexto daquela época, são os que não aceitavam a sucessão dos apóstolos,

³ CORBIN, A. (Org.). História do Cristianismo, p. 64.

⁴ DROBNER, H.R. Manual de Patrologia, p. 110.

⁵ CEC 2089.

⁶ FARIA, J.F. Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos, p. 70.

pois agindo deste modo, “se colocam automaticamente fora da Igreja”⁷. Inácio de Antioquia, na carta aos Efésios, alerta sobre a presença de pessoas que agem de forma dissimulada no meio da comunidade:

De fato, existem algumas pessoas que dolosamente costumam levar o Nome, mas agem de modo diferente e indigno de Deus; é preciso que eviteis essas pessoas como se fossem feras selvagens. Com efeito, são cães raivosos que mordem sorrateiramente. Atentos a eles, pois suas mordidas são difíceis de curar⁸.

Paulo, na primeira carta aos Coríntios declara que é “preciso que haja heresias no meio de vós” (1 Cor 1, 19), ou seja, os cristãos precisam das cisões para que sejam colocados à prova. Tomando a passagem do joio semeado no meio do trigo (Mt 13, 24-25) é possível um entendimento a respeito das heresias que surgem ao longo dos tempos e que servem para demonstrar aqueles que permanecem fiéis à doutrina autêntica, significada pelo trigo, e os que se deixam levar por ideias estranhas, como representados pelo joio.

Hoje ainda o erro e a contradição podem ajudar a Igreja a progredir no conhecimento da verdade (como igualmente devem fazer sair Israel de sua cegueira: cf Rm 9-11), na medida em que certos traços essenciais do cristianismo, que a Igreja possui virtualmente nela, não foram plenamente atualizados⁹.

A doutrina cristã nascente precisava conviver e confrontar-se em muitos aspectos com as ideias que circulavam naquele período, relacionadas sobretudo com o judaísmo, o paganismo e o gnosticismo. O livro dos Atos dos Apóstolos descreve um conflito ocorrido em Antioquia a respeito da necessidade ou não da circuncisão para os recém convertidos (At 15, 1-5). Sobretudo os judaizantes defendiam a ideia de que era preciso que todos deveriam se submeter às prescrições e práticas judaicas, recebendo uma marca, a circuncisão, pois só assim poderiam pertencer ao povo eleito de Deus. Estes representavam a tendência judaizante radical. Do outro lado estavam os moderados, que pregavam a não necessidade da circuncisão e observação das práticas judaicas para os recém-convertidos. A fim de resolver a questão os cristãos reuniram-se no concílio de Jerusalém (At 15, 13-21) e decidiram que não era preciso mais a prática da circuncisão, mas que apenas algumas regras fossem mantidas, como por exemplo a proibição de uniões

⁷ SUFFERT, G. Tu és Pedro, p. 56.

⁸ INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Efésios 7, 1. p. 84.

⁹ KERN, W. Heresia. In: LACOSTE, J.Y. (Org). Dicionário crítico de teologia, p. 816.

ilegítimas, comer carne sufocada e o sangue. A questão dos judaizantes foi a primeira grande dificuldade a ser enfrentada pela doutrina cristã e também marcou o início de um processo que pouco a pouco foi separando ainda mais cristãos e judeus, que participavam, até então, da mesma Igreja¹⁰.

Além do problema com os judaizantes radicais, a doutrina cristã também nasceu muito próxima aos pagãos e gnósticos, que, de certa maneira, eram bastante parecidos no modo de agir. “Os gnósticos, em geral, eram pagãos que, aceitando a fé cristã, nela queriam introduzir suas concepções pessoais, suas teorias filosóficas, suas quimeras passadas”¹¹. Para os gnósticos a novidade trazida pela doutrina cristã era muito simples e o conhecimento que eles tinham era muito superior.

2.1.1 As heresias surgidas no século II.

Muitos grupos aparecem nas primeiras listas de hereges, desde aqueles que consideravam Cristo um eleito de Deus na condição de simples homem, conhecidos como ebionitas, passando pelo dualismo de Marcião e o docetismo gnóstico, até chegar ao monarquianismo do final do século II, que será um dos principais motivos de controvérsia teológica no século posterior.

Constata-se assim no final do segundo século em Roma uma grande diversidade de tendências: uma teologia de escopo judeu-cristã representada pelo adocionismo, alguns com uma certa tendência gnóstica; outra corrente representada pela teologia monarquiana de origem asiática, que afirmavam um monoteísmo rígido não conjugando na ontologia do mistério o Filho e o Espírito. Também a teologia gnóstica nas suas diversas correntes era presente na capital do império. O montanismo também se fazia presente a Roma neste momento e encontrava numerosos simpatizantes¹².

Os ebionitas, formados por pensadores de origem judaico-cristã, negavam que Jesus fosse divino, porém o aclamavam como maior dos profetas e como o Messias de Israel, sem que a eleição por Deus pudesse acontecer antes do seu batismo no Jordão. Ao defenderem que Jesus fosse um simples homem, os ebionitas mostravam-se monoteístas radicais. “Os defensores dessa doutrina seriam os judeus

¹⁰ MEUNIER, B. O nascimento dos dogmas cristãos, p. 14.

¹¹ CRISTIANI, M. Breve história das heresias, p. 13.

¹² COSTA, P. C. Salvatoris Disciplina, p. 48.

de tendência cristã, talvez essênios convertidos que permaneceram fiéis aos costumes da Lei, mas hostis ao templo”¹³. A origem do termo “ebion” vem do hebraico e significa “pobre”. Orígenes, na obra *Contra Celso*, declara que havia dois tipos de ebionitas: “os que admitem como nós que Jesus nasceu de uma virgem, os que não acreditam que ele tenha nascido desta maneira, mas como o resto dos homens”¹⁴ (tradução nossa). A ideia de que Jesus Cristo foi um grande profeta, mas não o Filho de Deus, era bastante divulgada naquele período. “Tal conceito de Jesus, como profeta anunciado por Moises, mas não como Filho de Deus, foi comum a numerosos grupos de judeus-cristãos heterodoxos”¹⁵.

Os ebionitas acabaram tendo de enfrentar dois problemas: da parte dos judeus, por terem reconhecido Jesus como Messias, e, da parte dos cristãos, por não o reconhecerem como um ser divino. Refutando os ebionitas, Irineu de Lião defende a divindade de Jesus e explica de forma célebre o motivo da Encarnação:

Além disso, os que dizem ser homem pura e simplesmente, gerado por José, permanecem na antiga escravidão da desobediência e morrem nela, porque, ainda não unidos ao Verbo de Deus Pai, não recebem a liberdade por meio do Filho, como ele próprio diz: “Se o Filho vos emancipar, sereis verdadeiramente livres”. Ignorando o Emanuel, nascido da Virgem, são privados do seu dom, que é a vida eterna, e não recebendo o Verbo da incorruptibilidade, permanecem na carne mortal, devedores da morte, sem o antídoto da vida [...]. Estas palavras são dirigidas aos que recusam o dom da adoção filial, desprezam este nascimento sem mancha que foi a encarnação do Verbo de Deus, privam o homem de sua elevação a Deus e manifestam ingratidão para com o Verbo de Deus, que se encarnou por eles. Este é o motivo pelo qual o Verbo de Deus se fez homem e o Filho de Deus, Filho do homem: para que o homem, unido-se ao Verbo de Deus e recebendo assim a adoção, se tornasse filho de Deus¹⁶.

Se por um lado os ebionitas ainda demonstravam dependência das tradições judaicas, enquanto pelo menos uma parte de seus seguidores assim agiam, o marcionismo realizava uma ruptura radical com tais tradições. Marcião, nascido em Sinope no Ponto, considerado um dos maiores hereges do século II, tenta difundir em Roma, em 139, a sua doutrina dos dois deuses: o Deus bom e pai de Cristo e o Deus mal do Antigo Testamento. Para Marcião “o vinho novo do Evangelho não pode ser conservado nos odres velhos do Antigo Testamento, que ele rejeita. O Pai

¹³ PADOVESE, L. Introdução à Teologia Patrística, p. 46.

¹⁴ ORÍGENES. *Contra Celso* V, 61: PG 11, 1278.

¹⁵ DANIÉLOU, J; MARROU, H. *Nova História da Igreja* I, p. 79.

¹⁶ IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias* III 19, 1. p. 336.

todo amor de Jesus não pode ser o mesmo Deus vingador da Antiga Aliança”¹⁷. Não conseguindo alcançar sucesso com suas ideias, sobretudo por serem incompatíveis com a fé da Igreja¹⁸ é condenado em 144 pela Igreja de Roma. Por isso, retorna ao Oriente para ganhar outros adeptos e fundar sua própria Igreja. Justino de Roma, em sua Apologia, oferece informações preciosas sobre o marcionismo:

Por fim, um tal de Marcião, natural do Ponto, está agora mesmo ensinando seus seguidores a crer num Deus superior ao Criador e, com a ajuda de demônios, fez com que muitos, pertencentes a todo tipo de homens, proferissem blasfêmias e negassem o Deus Criador do universo, admitindo, em troca, não sabemos que outro Deus, ao qual, supondo maior, se atribuem obras maiores do que àquele¹⁹.

Encontramos também em Irineu uma refutação contra Marcião:

Sucedeu-lhe Marcião, originário do Ponto, ampliou a doutrina, blasfemando despididamente o Deus da Lei e dos profetas, chamando-o autor do mal, desejoso de guerras, inconstante nos sentimentos e em contradição consigo mesmo [...]. Além disso, Marcião mutilou o evangelho segundo Lucas, eliminando tudo o que se refere à geração do Senhor e expungindo muitas passagens dos ensinamentos do Senhor nas quais este reconhece abertamente como seu Pai o criador do universo²⁰.

Na concepção dualista de Marcião o mundo material é aquele criado pelo Deus mau e tudo relacionado à matéria é perverso em si mesmo. Além da alma, nada mais importa para a salvação, pois, na verdade, matéria e espírito estão em oposição. Seguindo esta concepção teológica, o próprio ato da encarnação é questionado. “Em outras palavras, é impossível conceber a encarnação de Deus na matéria. Se o espírito-alma procura por todas as vias se libertar deste corpo-matéria para aproximar-se de Deus, como poderá Deus entrar na matéria-carne?”²¹

No gnosticismo também é possível encontrar o dualismo entre dois tipos de deuses. Esta concepção será motivo de grandes embates no segundo e terceiro séculos. “A grande característica do gnosticismo é a desvalorização do deus cósmico, o que tem por consequências a refutação da unidade do criador: como existem dois mundos, assim coexistem dois deuses e dois princípios criadores”²². Valentim e Basilides são os principais pensadores gnósticos e, de acordo com o

¹⁷ SESBOÜÉ, B; WOLINKSI, J. História dos Dogmas, p. 41.

¹⁸ COSTA, P. C. Salvatoris Disciplina, p. 30.

¹⁹ JUSTINO DE ROMA. Apologia I 26 5, p. 42.

²⁰ IRINEU DE LIÃO. Contra as Heresias I 27 2, p. 108.

²¹ FRANGIOTTI, R. História das Heresias (séculos I-VII), p. 27.

²² COSTA, P. C. Salvatoris Disciplina, p. 27.

primeiro, a humanidade é dividida em três grandes grupos, segundo sua origem. De acordo com Sesboüé:

Os espirituais, os puros (ou pneumáticos), isto é, os gnósticos que são os verdadeiros cristãos e serão salvos; aqueles que são obras do Demiurgo ou do deus intermediário (os psíquicos), em quem os gnósticos identificam os cristãos da grande Igreja; e, por fim, os materiais (ílicos) que são excluídos de toda salvação. Desse modo, a liberdade humana não desempenha nenhum papel na salvação²³.

Os gnósticos apresentam-se como aqueles que receberam revelações e instruções particulares da parte do Senhor, de forma secreta e acessível apenas a alguns privilegiados. Esta é uma característica do pensamento gnóstico, ou seja, o conhecimento será causa de salvação, mas somente para poucos escolhidos. “Os gnósticos reportavam-se a uma tradição oculta que remontava aos profetas e apóstolos e da qual de diziam continuadores. Referiam-se a um ensinamento secreto ministrado por Cristo ressuscitado a determinados discípulos e transmitido por via esotérica”²⁴.

No combate contra o gnosticismo resplandece a figura de Irineu de Lião, sobretudo a partir da obra *Adversus Haereses*, composta em cinco livros. De acordo com Moreschini:

No terceiro livro, Irineu se propõe confutar os gnósticos com base nas Escrituras. Começa com uma dissertação sobre a autoridade e a verdade das Escrituras cristãs, que contêm fielmente o ensinamento dos apóstolos, e da tradição da Igreja, assegurada nas várias Igrejas pela sucessão episcopal que prolonga o ministério dos apóstolos; a esta os gnósticos opõem sua falsa tradição, que não se liga a Cristo mas só aos recentes chefes de escola.²⁵

No livro dos Atos dos Apóstolos é mencionado Simão Mago, que após ouvir a pregação de Filipe (At 8, 9-11) quis comprar com dinheiro os dons do Espírito Santo, fazendo com que os gnósticos encontrassem nesse personagem a inspiração de suas opiniões de modo que o consideraram fundador de alguns sistemas gnósticos. Ou seja, não é possível afirmar que Simão tenha sido de fato o fundador, mas sim que os gnósticos o assumiram assim. Especificamente a respeito da atuação de Simão Mago, Irineu oferece algumas informações:

²³ SESBOÜÉ, B; WOLINKSI, J. História dos Dogmas, p. 41.

²⁴ MONDONI, D. O cristianismo na antiguidade, p. 113.

²⁵ MORESCHINI, C; NORELLI, E. História da Literatura Cristão Antiga, p. 312.

Viveu nos tempos do imperador Cláudio, e até se diz, que por motivo da magia, foi honrado com ele por uma estátua. Este mago foi honrado por muitos como um deus e ensinou que ele era aquele que se manifestou como Filho entre os judeus, que desceu na Samaria como Pai e que veio entre os outros povos como Espírito Santo; que era a potência mais sublime, isto é, o Pai que está acima de todas as coisas e aceitava qualquer título que os homens lhes quisessem conferir²⁶.

Justino de Roma também apresenta informações sobre Simão:

Digo-vos isso porque não me preocupo com nada além de dizer a verdade. Não temerei ninguém ainda que tivesse de ser imediatamente despedido por vós. A prova é que, sem me preocupar com meus conterrâneos, isto é, com os samaritanos, comuniquei por escrito ao imperador que estão enganados em seguir o mago Simão, de seu próprio povo, que eles afirmam ser deus, acima de todo princípio, poder e força²⁷.

De acordo com Quasten, “o último representante do gnosticismo pré-cristão foi Simão Mago, contemporâneo dos apóstolos. Quando o diácono Filipe foi para Samaria, Simão Mago era bem conhecido lá e tinha muitos servos”²⁸ (tradução nossa). Eusébio, em *História Eclesiástica*, apresenta um relato de Hegesipo, um judeu do século II convertido à fé, segundo o qual a igreja ainda era virgem e não tinha nenhuma mancha causada pelas heresias antes da rebeldia de Tebutis, de onde surge Simão: “Foi Tebutis, contrariado por não ter se tornado bispo, quem começou no meio do povo a manchá-la com as sete seitas, das quais ele próprio também era membro. Destas seitas saíram Simão, do qual se originaram os simonianos”²⁹.

A Congregação para a Doutrina da Fé apresentou no dia 22 de fevereiro de 2018, a carta *Placuit Deo*, sobre alguns aspectos da doutrina cristã, abordando o neo-pelagianismo e o neo-gnosticismo, lembrando que certas heresias não morrem: “Um certo neo-gnosticismo, por outro lado, apresenta uma salvação meramente interior, fechada no subjetivismo. Essa consiste no elevar-se com o intelecto para além da carne de Jesus rumo aos mistérios da divindade desconhecida”³⁰.

²⁶ IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias* 23 1, p. 99.

²⁷ JUSTINO DE ROMA. *Diálogo com Trifão* 121, p. 142.

²⁸ QUASTEN, J. *Patrologia I*, p. 252.

²⁹ EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica* IV 5, p. 206.

³⁰ CDF, *Placuit Deo* – Sobre alguns aspectos da salvação cristã, 3.

2.2 Hipólito de Roma e o monarquianismo.

Na época específica de Hipólito de Roma (século III) as principais disputas teológicas estavam relacionadas com as controvérsias sobre a Trindade, quando foram formulados os primeiros esboços do dogma fundamental da fé cristã³¹. A grande motivação para o desenvolvimento do dogma trinitário, a partir do século III, está diretamente relacionada com as heresias surgidas no século anterior. “Parece que foi Teófilo de Antioquia (*Ad Autolyicum*), em meados do século II, o primeiro a empregar a palavra *trias* (tríade) para referir-se às três pessoas divinas”³². Estarão em cena travando debates teológicos acirrados, sobretudo os partidários dos monarquianistas e dos antimonarquianistas. O desafio daqueles que pensavam em uma tríade era não deixar supor a existência de três divindades. Era preciso demonstrar que trindade e monarquia não eram incompatíveis em Deus³³. Talvez nos dias de hoje, sobretudo nas confissões de fé cristãs, o dogma trinitário seja entendido e aceito. Porém, nos primeiros séculos do cristianismo, era uma tarefa complexa e desgastante admitir a divindade de Jesus sem que isto fosse uma afronta ao monoteísmo. Ainda em um ambiente altamente influenciado pelo judaísmo, para alguns “distinguir em Deus, pessoas diferentes na unidade da divindade, parecia-lhes admitir mais de um deus. Desse modo, Jesus Cristo seria um segundo Deus (*deúteros theós*)”³⁴.

A teologia do Lógos, embora não seja a tendência teológica predominante em Roma no século III, representada, sobretudo por Justino, há de desempenhar um papel importante nas disputas teológicas posteriores. De acordo com Costa:

A grande luta da teologia do Logos será contra a teologia unitária radical, que querendo salvaguardar o monoteísmo cristão, não fazia distinção de pessoas em Deus: é uma teologia que se mantém no âmbito da economia, não se preocupando em perscrutar a Trindade imanente e de elaborar uma linguagem para exprimir seus relacionamentos³⁵.

O monarquianismo despontou com grande força e influência no século III e tem como fundamentação teológica uma “forma de monoteísmo que admite um só

³¹ SESBOUÉ, B; WOLINKSI, J. História dos Dogmas, p. 157.

³² MONDONI, D. O cristianismo na antiguidade, p. 129.

³³ PADOVESE, L. Introdução à Teologia Patrística, p. 28.

³⁴ FRANGIOTTI, R. História das Heresias (séculos I-VII), p. 45.

³⁵ COSTA, P. C. Salvatoris Disciplina, p. 51.

princípio, Deus. Pode ser ortodoxo ou herético”³⁶. Segundo Drobner, o monarquianismo ortodoxo, muito contribuiu para as definições de Niceia (325), porém “na medida em que interpretou de forma estrita a unidade de Deus e com isso rejeitou a autonomia do Filho em relação ao Pai, ele resvalou para a heresia”³⁷. Neste contexto também encontraremos o modalismo, rejeitando a ideia de três pessoas divinas distintas, mas sim três “modos” da manifestação de Deus, que em determinado momento atua como Pai, em outro como Filho e, finalmente, como Espírito Santo. Temos em Noeto, Práxeas e Sabélio, os principais defensores desta tendência teológica. Para Sabélio, por exemplo, Deus se manifesta como Pai na criação; na redenção age como Filho e santificando os fiéis é o Espírito Santo³⁸. Hipólito de Roma será um personagem de primeira grandeza na luta contra o monarquianismo radical, sobretudo na obra *Contra Noeto*.

Natural de Esmirna, na Ásia, Noeto foi o principal expoente na difusão do monarquianismo radical, que para salvaguardar o monoteísmo negava a distinção de pessoas em Deus. “Noeto é um dos primeiros expoentes da doutrina monarquiana”³⁹. Condenado pelos presbíteros de Esmirna, Noeto parte para Roma e começa, com a ajuda de Epígono, seu discípulo, a difundir suas ideias. Hipólito será um adversário convicto de que a teologia de Noeto se afastara bastante da *regula fidei*, escrevendo uma obra conhecida como *Contra Noeto*. Na verdade trata-se de uma homilia proferida por Hipólito. De acordo com Prinzivali:

O único manuscrito do *Contra Noeto*, em uma cópia medieval de um florilégio composto sob o patriarca alexandrino monofisista Timóteo Eluro, atribui a homilia ao ‘santíssimo arcebispo de Roma e mártir Hipólito’⁴⁰.

Hipólito descreve um pouco a respeito da personalidade e teologia de Noeto:

Alguns outros introduziram outro ensinamento, ativos discípulos de um certo Noeto, que natural de Esmirna, vivia não faz muito tempo. Este, cheio de vã orgulho, se é levado pela soberba. Ensoberbecido da presunção de um espírito estranho, afirmava que Cristo mesmo é o Pai e que o próprio Pai foi gerado, sofreu e morreu. Observe

³⁶ SESBOÜÉ, B.; WOLINKSI, J. História dos Dogmas, p. 159.

³⁷ DROBNER, H.R. Manual de Patrologia, p. 123.

³⁸ MONDONI, D. O cristianismo na antiguidade, p. 131.

³⁹ ORBE, A. Estudios sobre la teologia Cristiana primitiva, p. 71.

⁴⁰ PRINZIVALI, E. Hipólito. In: BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETTI, M. (Orgs). Dicionário de Literatura Patrística, p. 954.

quanta vaidade de coração e dilatação de espírito estranho se introduziram nele⁴¹ (tradução nossa).

Na obra *Contra Noeto*, é apresentada com clareza a principal ideia difundida por Noeto e seus discípulos: “Vede irmãos, como introduziram levianamente uma doutrina insensata e presunçosa dizendo: Cristo mesmo é o Pai, Ele é o Filho, Ele foi gerado, Ele padeceu, Ele se ressuscitou a si mesmo”⁴². O patripassionismo, ideia de que o Pai é quem sofreu na paixão, é confutado por Hipólito e pode ser considerado uma das principais marcas que o monarquianismo radical irá deixar na teologia. A teologia de Hipólito a respeito do monarquianismo e sua relação com a ideia de três pessoas distintas em Deus, pode ser entendida a partir de um trecho da obra *Contra Noeto*:

Existe com efeito um só Deus, o Pai que ordena, o Filho que obedece e o Espírito Santo que faz compreender: o Pai que é sobre tudo, o Filho por tudo e o Espírito Santo em tudo. Nós não podemos pensar um só Deus, se não cremos no Pai, no Filho e no Espírito Santo[...]. Por que é por esta Trindade que o Pai é glorificado: o Pai a quis, o Filho a realizou e o Espírito Santo a mostrou”⁴³.

Uma questão essencial no estudo das questões envolvendo o monarquianismo é a constatação de que boa parte do clero romano também se deixou influenciar pelas ideias de Noeto. De acordo com Costa:

Nesta época o movimento monarquiano era tão forte em Roma, que encontrou acolhida também por parte do clero. Segundo as informações da *Refutatio*, Zeferino permitiu aos fieis de frequentar a escola de Cleômenes, cabeça do movimento monarquiano⁴⁴.

Cleômenes era discípulo de Epígono e este de Noeto. Além de combater os hereges, Hipólito e os demais defensores da autêntica fé, precisaram de muita “habilidade” para lidar também com a parte do clero que se deixou influenciar pelas ideias de Noeto e seus discípulos. “De sua parte, Hipólito considerava Zeferino um modalista absoluto, o patrocinador de Cleomenes e da escola que se reunia ao redor dele”⁴⁵. É possível imaginar o clima de agitação teológica que imperava na cidade de Roma naquele período. “A força com que Roma atraía fundadores de seitas, bem

⁴¹ HIPOLITO DE ROMA. *Contra Noeto*: PG 10, 803.

⁴² HIPOLITO DE ROMA. *Contra Noeto*: PG 10, 806.

⁴³ HIPOLITO DE ROMA. *Contra Noeto*: PG 10, 822.

⁴⁴ COSTA, P. C. *Salvatoris Disciplina*, p. 52.

⁴⁵ KELLY, J.N.D. *Patrística*, p. 92

como a atuação doutrinal de filósofos cristãos, sugere que também nesta comunidade cristã deve ter havido uma animada discussão intelectual”⁴⁶. Com Eusébio de Cesaréia também é possível comprovar o quanto estava agitada a situação em Roma, quando em sua obra comenta sobre a “arte dos infiéis em favor de sua doutrina herética”⁴⁷.

2.3

Hipólito de Roma: presbítero, antipapa, mártir, santo, romano, posicionamento ministerial: as várias faces de um mesmo personagem.

Descrever a personalidade de Hipólito não é uma tarefa simples, pois o mesmo pode ser reconhecido como um eloquente bispo, respeitado escritor, autor de importantes obras, mártir e até mesmo apelidado pela história com o título de primeiro antipapa da Igreja. Sua origem também é objeto de discussão, existindo a possibilidade de não ser natural de Roma, nem mesmo latino, nascido antes de 170, talvez no Oriente grego⁴⁸. De acordo com Fócio, é provável que tenha sido discípulo de Irineu⁴⁹. Um dos principais problemas para a reconstrução da vida de Hipólito é a falta de qualquer referência conhecida a ele nos escritos de seus contemporâneos. Conforme Haight:

Hipólito, o erudito e líder conservador que rompeu com Calisto, bispo de Roma, na segunda década do século III, representa a tradição da igreja de Roma que remonta ao século II: essa igreja parece consistir em um punhado de santos que se contrapunham ao mundo⁵⁰.

Vários são os relatos a respeito das atribuições de Hipólito. Eusébio de Cesareia e Jerônimo descrevem a sua atuação como Bispo em uma determinada comunidade de Roma. “Entre eles Berilo, bispo de Bostra na Arábia, além das cartas, deixou diferentes obras excelentes. De igual modo, Hipólito, que era também

⁴⁶ LENZENWEGER, J. et al (Ed.). História da Igreja Católica, p. 48

⁴⁷ EUSEBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica V 28, 15. p. 277.

⁴⁸ ALTANER, B; STUIBER, A. Patrologia, p. 171.

⁴⁹ FÓCIO. Biblioteca cod. 121. PG 103, 402.

⁵⁰ HAIGHT, R.A Comunidade Cristã na História, p. 177.

bispo de determinada Igreja”⁵¹. Jerônimo declara que não foi capaz de precisar a cidade na qual Hipólito era Bispo: “Hipólito, Bispo de alguma Igreja (o nome da cidade eu não fui capaz de aprender) escreveu um *computo pascal*...”⁵². Através de um escrito do próprio Hipólito encontramos uma descrição de sua atuação na comunidade como sucessor dos Apóstolos.

Mas essas doutrinas de ninguém mais serão refutadas, exceto pelo Espírito Santo que nos foi dado na Igreja; os apóstolos, depois de tê-lo obtido primeiro, o entregaram àqueles que têm uma fé correta. Porque somos seus sucessores legítimos, uma vez que participamos da mesma graça, do mais alto sacerdócio e ensino, e uma vez que somos considerados os sentinelas da Igreja⁵³ (tradução nossa).

Antes do latim tornar-se a principal língua literária do Ocidente, Hipólito “foi o último dos padres ocidentais a escrever suas obras em grego”⁵⁴. Um evento importante, relatado por Jerônimo, demonstra quanto era eloquente na pregação, mencionando que Orígenes estava presente em uma de suas pregações⁵⁵. A ida de Orígenes a Roma é confirmada posteriormente por Eusébio:

Quanto a Adamâncio (pois Orígenes usava também este apelativo), na época em que Zeferino guiava a Igreja de Roma, esteve em Roma, conforme ele próprio escreveu numa passagem: “Tivera desejos de ver a muito antiga Igreja de Roma”. Após rápida permanência, dali voltou a Alexandria”⁵⁶.

O posicionamento ministerial de Hipólito é do tipo moralista, sendo reconhecido por sua ambição e rigorismo, crítico contumaz dos modalistas⁵⁷. O extremo de seu posicionamento doutrinal rigoroso acontece com a eleição de Calisto (217), pois considerava o papa muito complacente com o perdão dos pecados àqueles que os tinham cometido após a recepção do batismo. Altaner descreve o comportamento de Hipólito:

No tocante ao tratamento dos culpados de “pecados graves”, Hipólito aderiu aos princípios rigoristas. Relata ter o papa Calisto concedido aos incidentes em pecado de impureza, a readmissão na Igreja. Hipólito se opõe e reclama, outrossim, maior severidade no tratamento dos bispos transgressores e na admissão de bigamos ao sagrado ministério eclesiástico⁵⁸.

⁵¹ EUSEBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica* VI 20, 2. p. 308.

⁵² JERÔNIMO. *De viris illustribus* 61. PL 23, 671.

⁵³ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, I, 6.

⁵⁴ DROBNER, H.R. *Manual de Patrologia*, p. 129.

⁵⁵ JERÔNIMO. *De viris illustribus* 61. PL 23, 673.

⁵⁶ EUSEBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica* VI 14, 10. p. 300.

⁵⁷ BOGAZ, A.S.; COUTO, M. A.; HANSEN, J. H. *Patrística*, p. 106.

⁵⁸ ALTANER, B; STUIBER, A. *Patrologia*, p. 176.

Na concepção de Hipólito, a Igreja deveria ser composta de pessoas exclusivamente justas, não sendo possível tolerar a presença daqueles que tivessem cometido alguma falta grave relacionada com a fé e moral. “O que é a igreja? A santa reunião dos que vivem em retidão”⁵⁹ (tradução nossa). Neste ponto específico evidencia-se a sua personalidade rigorosa. Com isso, a comunidade romana acabou por ser dividida, enquanto Hipólito se elegeu Bispo de Roma, apoiado por boa parte dos presbíteros locais. Tal gesto fez com que posteriormente Hipólito ganhasse o apelido de primeiro antipapa da Igreja e seu nome não consta na lista de papas. De acordo com Altaner:

Hipólito, presbítero ambicioso e rigorista, tornou-se adversário de Calisto e bispo de uma pequena comunidade cismática romana, que perdurou mesmo sob os pontificados de Urbano e Ponciano.⁶⁰

Hipólito, por conta de sua auto eleição como Bispo, torna-se chefe de uma Igreja, e com isso foi o único presbítero a ser exilado através de um edito do Imperador Maximino. Eusébio de Cesareia descreve a perseguição iniciada por Maximino César:

Havendo o imperador de Roma, Alexandre, completado treze anos de reinado, sucedeu-lhe Maximino César. Este, por ódio à casa de Alexandre, constituída na maioria de fiéis, suscitou uma perseguição e mandou matar exclusivamente os chefes das Igrejas, enquanto promotores do ensino do evangelho⁶¹.

No exílio, foi companheiro de martírio de outro desafeto, o Papa Ponciano (230-235). Duas fontes romanas destacam a atuação de Hipólito, seja como presbítero e mártir da fé. De acordo com testemunho do Cronógrafo de 354 – catálogo Liberiano “o bispo Ponciano e o presbítero Hipólito foram deportados para a Sardenha em 235”⁶². Na *Atas dos Mártires* é registrado também a respeito do exílio de Hipólito e Ponciano para Sardenha, onde ambos morreriam como mártires.

Hipólito, para sua glória, ia redimir-se, com a morte no desterro, dos longos anos em que foi chefe dissidente na Igreja romana. No desterro, lhe acompanhou o Papa legítimo Ponciano e, irmanados nas durezas do exílio, os dois se reconciliaram. Hipólito, nos seus últimos instantes, exortou expressamente aos seus seguidores a

⁵⁹ HIPÓLITO DE ROMA. *Commentaries sur Daniel*. SCh 14, p. 85

⁶⁰ ALTANER, B; STUIBER, A. *Patrologia: Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja*, p. 171.

⁶¹ EUSEBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica* VI 28, p. 316.

⁶² FURII DIONYSII PHILOCALI. *Cronógrafo de 354*. PL 127, 120.

unirem-se aos demais fiéis e que seguissem a parte católica e assim, o seu cisma não sobreviveu⁶³.

Ainda no *Cronógrafo* é descrito que “no dia 13 de agosto, não se sabe de que ano, Hipólito foi sepultado na Tiburtina, e Ponciano no cemitério de Calisto”⁶⁴. O papa Fabiano (236-250) foi o responsável em realizar a transladação dos corpos do Papa Ponciano e de Hipólito, trazendo-os da Sardenha e realizando o sepultamento de ambos em Roma⁶⁵.

Uma inscrição do Papa Dâmaso (366-384), na lápide de Hipólito, coloca-o como cismático e mártir:

O Presbítero Hipólito, diz-se, quando as ordens do tirano oprimiam, persistiu no cisma de Novato. No tempo que a espada destruiu as entranhas sagradas da Mãe, quando, devotado a Cristo, ele caminhava para os reinos dos santos e que o povo lhe perguntava para onde ia, ele disse que seguissem todos a fé católica. Assim, tendo confessado, mereceu ser mártir. Dâmaso cita o que lhe foi contado: Cristo sente tudo⁶⁶.

Teodoreto de Ciro, na *Haereticarum Fabularum Liber Tertius*, declara Hipólito como mártir e episcopo⁶⁷, assim como Jerônimo no comentário ao evangelho de Mateus⁶⁸. Informações a respeito de Hipólito mártir também podem ser encontradas no *Kalendarium antiquum Polemei Silvii*⁶⁹. No *Kalendarium ecclesiae carthaginensis*, Hipólito é considerado santo e mártir romano⁷⁰. É importante ressaltar que antes de sua morte, reconcilou-se no exílio com o Papa Ponciano, e até os dias atuais é venerado como santo⁷¹. “Apesar que diversos martirologios às vezes contem até cinco mártires de nome Hipólito, a tradição cristã conhece apenas um escritor antigo e cristão com esse nome: só o citado por Eusébio e Jerônimo”⁷² (tradução nossa).

O fim do cisma de Hipólito, de acordo com D. Botte, acontece quando os seus restos mortais juntam-se ao do Papa Ponciano: “A deposição simultânea de

⁶³ BUENO, D.R. Actas de los mártires, p. 56.

⁶⁴ FURII DIONYSII PHILOCALI. Cronógrafo de 354. PL 127, 124.

⁶⁵ MCBRIEN, R. Os Papas, p. 50.

⁶⁶ SNL. Antologia Litúrgica, p.532-533.

⁶⁷ TEODORETO DE CIRO. Haereticarum Fabularum Liber Tertius. PG 83, 402.

⁶⁸ JERÔNIMO. Comentário ao Evangelho de Mateus. PL 26, 20.

⁶⁹ KALENDARIUM ANTIQUUM POLEMEI SILVII. PL 13, 684.

⁷⁰ KALENDARIUM ECCLESIAE CARTHAGINENSIS. PL 13, 1224.

⁷¹ No calendário litúrgico a memória de ambos é celebrada no dia 13 de agosto.

⁷² FRICKEL, J. Ippolito di Roma, scrittore e martire. Nuove Ricerche Su Ippolito, p. 24.

Hipólito e Ponciano não é uma coincidência. Ambos, chefes de comunidades rivais, foram exilados. O retorno de seus restos mortais a Roma marca o fim do cisma⁷³ (tradução nossa). A oração sobre as oferendas, na liturgia da Missa do dia 13 de agosto, proclama que tanto Hipólito como Ponciano renderam testemunho à verdade que serve para a nossa salvação. Hipólito deixou prescrições para que os seus seguidores fossem obedientes à fé católica.

2.3.1 Obras de Hipólito de Roma

Um dos pontos mais controversos em relação a Hipólito de Roma está relacionado ao conjunto de sua obra, ou seja, quais escritos podem ser considerados realmente de sua autoria ou se pertencem a outro escritor. “Sendo um dos últimos escritores de língua grega no Ocidente, suas obras ficaram prejudicadas pela transição que se operava de uma língua a outra⁷⁴. Assim como aconteceu com os escritos de Orígenes, Hipólito também teve alguns dos seus textos atribuídos a outros autores. Os motivos talvez relacionem-se, por exemplo, à sua personalidade polêmica e cismática ou à língua grega com que escrevia, o que pode explicar porque seus escritos foram ocultados ou não bem aceitos pela comunidade. Vários elencos trazem as obras de Hipólito, mas merecem destaque, como referência, as listas de Eusébio de Cesareia e de Jerônimo.

Na lista de Eusébio são relacionadas as obras: *A Páscoa* (com dados cronológicos para a fixação da Páscoa), *O Hexameron*, *Eventos subsequentes ao Hexameron*, *Contra Marcião*, *O Cântico* (dos cânticos), algumas partes de Ezequiel, *Contra todas as heresias*⁷⁵. Ainda de acordo com Eusébio, muitas obras, além das citadas, acabaram ficando em posse de outras pessoas, deixando entender que realmente Hipólito tivesse escrito muito mais do que a lista apontada por ele.

Tenha-se presente que Eusébio diz explicitamente não dar a lista completa das obras de Hipólito e não parece um puro acaso o fato de que entre aquelas por ele não citadas e depois mencionadas por Jerônimo se encontre a tríade De Daniele, De apocalypsi

⁷³ BOTTE, B. La Tradition Apostolique d'Hippolyte de Rome, p. 14.

⁷⁴ ALTANER, B; STUIBER, A. Patrologia: Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja, p. 172.

⁷⁵ EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica V, 23, p.309-310.

e De Antichristo. São obras centralizadas sobre expectativas escatológicas, das quais Eusébio, e antes dele, Orígenes estavam distantes⁷⁶.

Jerônimo, na obra *De viris illustribus*, aparentemente depende das informações de Eusébio a respeito de Hipólito, porém demonstra possuir informações próprias, pois menciona mais do que as obras presentes na lista de Eusébio: *Sobre o Êxodo, Sobre o Gênesis, Sobre Zacarias, Sobre os Salmos, Sobre Isaías, Sobre Daniel, Sobre o Apocalipse, Sobre os Provérbios, Sobre o Eclesiastes, Sobre Saul e a pitonisa, Sobre o Anticristo, Sobre a Ressurreição, Louvação a Nosso Senhor Salvador*⁷⁷.

Torna-se interessante notar que Eusébio e Jerônimo não mencionam algumas obras clássicas atribuídas a Hipólito como, por exemplo a *Philosophoumena* considerada uma das principais obras do autor.

Contudo, em 1859, L. Dunker e F.G. Schneidewind colocaram o nome de Hipólito como seu autor, alegando o argumento de que no prefácio e ao longo das páginas da importante obra o autor se refere a “Syntagma”, a Essência do Universo e a Chronica (Ou Chronicon) como escritos seus, anteriores⁷⁸.

As obras de Hipólito, deixando de lado as polêmicas que envolvem o verdadeiro autor, podem ser divididas a partir de gêneros literários distintos. De caráter exegético estão relacionadas as obras: *O Anticristo, Comentário sobre Daniel, Comentário sobre o Cânticos dos Cânticos, Sobre as bênçãos de Isaac, Jacó e Moisés, A homilia sobre os Salmos, A propósito da narrativa de Davi e Golias*⁷⁹. Conforme Prinzivalli “a primeira coisa a dizer é que estas obras marcam o início da literatura cristã de caráter especificamente exegético”⁸⁰.

A obra *O Anticristo* representa na antiga literatura cristã o único escrito a abordar de tal forma esse personagem misterioso de caráter escatológico, sendo o “único tratado dogmático de Hipólito que chega à posteridade”⁸¹. Traços homiléticos podem ser encontrados no *Comentário a Daniel*, escrito em quatro livros. Na obra o autor apresenta relevante informação a respeito da data exata do

⁷⁶ PRINZIVALI, E. Hipólito. In: BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETTI, M. (Orgs). Dicionário de Literatura Patrística, p. 954.

⁷⁷ JERÔNIMO. *De viris illustribus* 61. PL 23, 671.

⁷⁸ Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: Liturgia e catequese em Roma no século III, p. 15.

⁷⁹ PIERINI, F. A idade antiga: Curso de História da Igreja I, p. 104.

⁸⁰ PRINZIVALI, E. Hipólito. In: BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETTI, M. (Orgs). Dicionário de Literatura Patrística, p. 957.

⁸¹ LOPES, G. Patrística Pré-Nicena, p. 165

nascimento de Cristo. “Hipólito especifica que Cristo nasce cinco mil e quinhentos anos depois de Adão e o seu reino não virá antes que sejam cumpridos seis mil anos: o fim, portanto, está ainda muito distante”⁸².

Se calcularmos o tempo decorrido desde a criação do mundo e desde Adão, o problema será esclarecido. A primeira parusia de nosso Senhor, a encarnação que o faz nascer em Belém, ocorreu no oitavo dia dos calendários de janeiro, quarta-feira, no quadragésimo segundo ano do reinado de Augusto, cinco mil e quinhentos anos depois de Adão⁸³ (tradução nossa).

Bento XVI, na audiência geral de 23 de dezembro de 2009, cita Hipólito como o “primeiro que afirmou com clareza que Jesus nasceu a 25 de Dezembro, no seu comentário ao Livro do Profeta Daniel, escrito por volta de 204”⁸⁴.

Na obra *Sobre as bênçãos de Isaac, Jacó e Moisés*, Hipólito com base na passagem de Gn 49,8-12, elabora uma interpretação cristológica das bênçãos encontradas no Pentateuco (Isaac, Jacó, Moisés, Balaão). De acordo com Prinzivali é o “trabalho mais ambicioso de Hipólito”⁸⁵.

A segunda parte das obras pode ser considerada de caráter anti-herético, apologético e têm em comum o fato de terem sido transmitidas, como muitas outras obras daquele período, sem a indicação exata do autor ou em nome de outros: *Syntagma*, *Philosophumena* e *Sobre a essência do Universo*. A obra *Philosophumena*, que será descrita adiante neste trabalho, relaciona cada filosofia grega a uma determinada heresia cristã.

Entre as obras de caráter cronológico, destaca-se *A Crônica*, onde Hipólito, a fim de acalmar os ânimos a respeito do fim do mundo, tenta demonstrar que este evento ainda estava muito distante. O *Cômputo pascal*, ou *Determinação da data da Páscoa* constitui uma proposta de Hipólito em estabelecer uma data para a Páscoa independente do calendário judaico. Algumas homilias também figuram entre as obras de Hipólito, como por exemplo *Sobre a Páscoa*, *Sobre o louvor do Senhor*, *Nosso Salvador* e *Demonstração contra os judeus*.

⁸² PRINZIVALI, E. Hipólito. In: BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETTI, M. (Orgs). Dicionário de Literatura Patristica, p. 958.

⁸³ HIPÓLITO DE ROMA. Commentaries sur Daniel. SCh 14, IV 23 p. 187.

⁸⁴ BENTO XVI. Audiência Geral. Vaticano. Quarta-feira, 28 de Março 2007.

⁸⁵ PRINZIVALI, E. Hipólito. In: BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETTI, M. (Orgs). Dicionário de Literatura Patristica, p. 958.

A obra *Tradição Apostólica*, que “até o século passado, era apenas um título de obra, inscrito no pedestal de uma estátua redescoberta no século XVI”⁸⁶, uma das mais conhecidas de Hipólito, apresenta um manual de organização da liturgia e catequese em Roma no século III. “Escrita no ano de 215, a Tradição é mais rica fonte de informações que se tem para o conhecimento e a constituição da vida da Igreja nos três primeiros séculos”⁸⁷.

A obra *Tradição Apostólica* é dividida em três partes: na primeira o autor descreve a formação da comunidade, hierarquicamente falando, enquanto indica como eram realizadas, por exemplo, a sagração e eleição de bispos, presbíteros e diáconos:

Seja ordenado bispo aquele que, irrepreensível, tiver sido eleito por todo o povo. E, quando tiver sido chamado pelo nome e aceito por todos, reúna-se o povo juntamente com o *presbyterium* e os bispos presentes, no domingo⁸⁸.

Na segunda parte da obra o autor descreve como acontecia a iniciação cristã e as condições essenciais para admissão, tempo de preparação: “Ouçam os catecúmenos a Palavra durante três anos. Se algum deles for atento e dedicado, não se lhe considerará o tempo: somente o seu caráter – nada mais – será julgado”⁸⁹. O autor também indica quais eram as profissões proibidas por aqueles que aspiravam, por exemplo, a recepção do batismo e demais sacramentos: “O escultor ou pintor será ensinado a não fazer ídolos: ou cesse ou seja recusado”⁹⁰.

A última parte é dedicada a questões que envolvem a celebração da eucaristia como o jejum, o ágape, a ceia, os frutos oferecidos, descrevendo as partes que compõem a liturgia eucarística dominical: “No domingo de manhã, o bispo, se puder, distribuirá a comunhão a todo o povo, com as próprias mãos, partindo os diáconos o pão; também os presbíteros poderão parti-lo”⁹¹.

⁸⁶ GIBIN, M. *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: Liturgia e catequese em Roma no século III*, p. 16.

⁸⁷ LOPES, G. *Patrística Pré-Nicena*, p. 167.

⁸⁸ HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*, parte I, p. 46.

⁸⁹ HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*, parte II, p. 59.

⁹⁰ HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*, parte II, p. 57.

⁹¹ HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*, parte III, p. 68.

2.3.2

Autenticidade e autoria: polêmicas em torno das obras de Hipólito.

Uma questão que é levada em consideração na análise da autoria das obras de Hipólito está relacionada com a possível existência de outro personagem com o mesmo nome, fato que possivelmente era comum naquela época. De acordo com Quasten, P. Nautin identifica o autor de *Philosophumena* com um certo Josipo. “No entanto, seu autor não seria Hipólito de Roma, mas um tal Josipo, desconhecido até agora”⁹². Mas na verdade quem seria esse Josipo? De acordo com Moreschini:

Josipo deve ser explicado como corruptela de Flavio Josefo, a quem alguns atribuíram a obra *Sobre o Universo*. Por um lado, temos portanto o escritor Hipólito a que se refere Eusébio, Jerônimo e demais fontes[...]. Esse autor escreve entre o final do século II e o início do século III e vive no Oriente, talvez bispo de uma Igreja na Ásia Menor. Outro personagem, o cismático romano, ativo nos primeiros decênios do século III, compôs o *Elenchos*, o escrito sobre o Universo...⁹³

Pierantoni atesta que o problema hipolitano não é de fácil solução e trata-se de uma tarefa difícil realizar a distinção entre possíveis dois autores⁹⁴. Ou seja, ainda não existe consenso a respeito da identificação de Hipólito de Roma com outro personagem e com isso, para efeitos neste texto, trabalharemos sempre com a hipótese de apenas um Hipólito: presbítero romano, cismático e mártir.

A relação das obras que podem ser atribuídas autenticamente à Hipólito continua sendo uma questão em aberto e motivo de várias discussões. Das listas de Eusébio e Jerônimo, passando pela estátua descoberta em Roma (1551) e um manuscrito encontrado no mosteiro de Athos, várias são as teses a respeito dos escritos que fazem parte ou não das obras escritas realmente por Hipólito de Roma.

Em 1551, em Roma, foi descoberta uma estátua de mármore mutilada, representando uma pessoa, sem a parte superior, sentada sobre uma cátedra e contendo no pedestal uma listagem com inscrição de várias obras. Supostamente o personagem da estátua e as obras seriam atribuídas a Hipólito de Roma, levando em consideração algumas informações relevantes, como por exemplo uma tabela

⁹² QUASTEN, J. *Patrologia I. Hasta el concilio de Niceia*, p. 472.

⁹³ MORESCHINI, C; NORELLI, E. *História da Literatura Cristã e Antiga*. p. 325

⁹⁴ PIERANTONI, C. *El enigma de los dos Hipólitos*. *Teología y Vida*, v. 47, n. 1, p. 55-75.

para calcular a época da Páscoa, a partir de 222, que estava gravada em ambos os lados do estátua. Conforme Moreschini:

As primeiras duas linhas foram perdidas, exceto as últimas letras; as outras obras eram: Acerca dos Salmos; Acerca do Ventríloquo; Para o Evangelho Segundo João e o Apocalipse; Tradição Apostólica acerca dos carismas; (Livros) de Crônicas; Contra os gregos e contra Platão, ou também acerca do Universo; Exortação a Severina; Demonstração dos tempos da Páscoa e do que está na tabela (isto é, no cômputo gravado na estátua); Odes sobre todas as Escrituras; Acerca de Deus e da ressurreição da carne; Acerca do bem e por conseguinte do mal⁹⁵.

Como o cálculo para a data da páscoa estava de acordo com aquele narrado por Eusébio de Cesareia, baseado na contagem proposta por Hipólito, e também alguns títulos inscritos faziam parte da lista de obras atribuídos pela tradição, não foi difícil, na época, identificar a estátua com Hipólito de Roma. A própria restauração da estátua é controversa, pois o humanista Pirro Ligório fez o trabalho como se fosse realmente um retrato de Hipólito, baseando-se na lista de obras atribuídas por Eusébio⁹⁶. Brent descreve sobre a descoberta da estátua:

A descoberta de uma estátua mutilada de uma figura sentada em uma cadeira e sem braços e cabeça, encontrada em uma igreja em ruínas entre a Via Tiburtina e a Via Nomentana, foi restaurada pelo famoso antiquário renascentista Pirro Ligorio (1500-1583)⁹⁷ (tradução nossa).

M. Guarducci levantou a hipótese de que a estátua originalmente não representava Hipólito, mas sim uma figura feminina, muito provavelmente uma filósofa epicuréia, Themisa di Lampsaco⁹⁸.

A partir da listagem de obras inscritas na estátua, levou-se em consideração a hipótese de que poderia não se tratar apenas de um autor, mas vários. Com isso, levantou-se a tese de que era possível dividir em dois grupos distintos as obras, até então consideradas exclusivamente de Hipólito.

O francês Pierre Nautin, em 1947, colocou em discussão a existência de dois autores diferentes para duas obras consideradas de Hipólito: *Elenchos* (refutação de todas as heresias) e o *Contra Noeto*. De acordo com ele, existem indícios que

⁹⁵ MORESCHINI, C; NORELLI, E. História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina: De Paulo à Era Constantiniana, p. 322.

⁹⁶EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica VII, 22, p. 309-310.

⁹⁷BRENT, A. Hippolytus and the Roman Church in the third century: Communities in tension before the emergence of a monarch-bishop, p. 3.

⁹⁸ GUARDUCCI, M. La “Statua di Sant’Ippolito” e la sua provenienza. p.61-74,1989.

apontam realmente para dois autores diferentes. “Nautin encontra divergências tamanhas entre a cristologia, a teologia e a visão anti-herética dos dois textos que os atribui a dois autores diversos”⁹⁹. O nome do outro autor diferente de Hipólito é descrito na tese do francês: “Pierre Nautin sustenta a tese de que o autor de *Elenchos* seria um certo Jesipo, um nome ao qual se atribuía o *Sobre o Universo*, como informa Fócio”¹⁰⁰. Porém, a tese de Nautin não foi aceita por unanimidade e foi motivo de acirrados debates, abrindo espaço para vários estudos.

Dois eventos foram realizados no *Institutum Patristicum Augustinianum* em Roma sob a coordenação do professor Manlio Simonetti, com o objetivo de aprofundar as questões envolvendo Hipólito de Roma: o primeiro no ano de 1976, com os artigos publicados no volume 13 do *Studia Ephemeridis Augustinianum* (SEA) - *Ricerche su Ippolito*, com contribuições de V. Loi, M. Guarducci, M. Simonetti, J. Frickel e outros; em 1989, na edição 30 (SEA) foram publicados novos estudos a partir do tema *Aggiornamento della questione di Ippolito*. Pasquale Testini, J. Frickel, V. Saxer, M. Simonetti e M. Guarducci contribuíram na elaboração dos estudos.

Basicamente os estudos apresentaram reflexões a respeito da possibilidade de dois autores distintos e não apenas um único, para as obras de Hipólito. Pasquale Testini no artigo *Vetera et nova su Ippolito* atesta que o problema de fundo sobre Hipólito está relacionado com sua personalidade:

É o padre escritor e mártir Hipolito de Roma, que mais tarde se tornou bispo de uma sede oriental não mais conhecida (provavelmente porque foi considerado chefe de uma facção herética acusada de subordinacionismo). Ou são dois autores distintos, romano, um oriental?¹⁰¹ (tradução nossa).

J. Frickel cita P. Nautin, sobre a existência de dois escritores diferentes para as obras *Elenchos* e *Contra Noeto*:

Recentemente, P. Nautin voltou a se opor ao *Elenchos*, comparando-o, sob diferentes pontos de vista, ao *Contra Noeto*, uma obra que geralmente se acredita autêntica por Hipólito. O resultado dessa comparação é conhecido: o autor dos *Elenchos* não pode ser o autor do *Contra Noeto*, porque os dois escritos mostram claramente uma origem divergente¹⁰² (tradução nossa).

⁹⁹ PRINZIVALI, E. Hipólito. In: BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETTI, M. (Orgs). Dicionário de Literatura Patrística, p. 956.

¹⁰⁰ COSTA, P. C. Salvatoris Disciplina: Dionísio de Roma e a Regula Fidei no debate teológico do III século, p. 56.

¹⁰¹ TESTINI, P. *Vetera et nova su Ippolito*.p.7.

¹⁰² FRICKEL, J. *Ippolito di Roma, scrittore e martire*.p.36.

Simonetti considera notável os estudos de J. Frickel na defesa da existência de apenas um autor, Hipólito de Roma, para as obras *Elenchos* e *Contra Noeto*: “O estudo de Frickel representa uma tentativa verdadeiramente notável de demonstrar a tese tradicional do único Hipólito com base em uma revisão fundamental da obra *Contra Noeto / Elenchos*, considerado o cerne da questão”¹⁰³ (tradução nossa).

V. Saxer considera que a problemática envolvendo Hipólito chegou a um impasse e que deve ser evitado todo e qualquer mal entendido a fim de que as verdadeiras fontes sejam realmente conservadas: “Pelo contrário, o problema hipolitano foi empurrado para um beco sem saída do qual deve ser retirado a todo custo para evitar que se torne pesado”¹⁰⁴ (tradução nossa).

Um códice grego do século XIV, descoberto em um mosteiro no Monte Athos, na Grécia, em 1842, também faz parte das polêmicas envolvendo Hipólito de Roma. A obra *Philosophumena* é composta por dez livros. Porém o nome só consta nos três primeiros livros. A princípio a obra era atribuída a Orígenes, mas com o surgimento dos livros IV a X, a autoria passou para Hipólito. “A obra pertence, de fato, a Hipólito, uma vez que tem muitas semelhanças com *Syntagma* e com a *Essência do Universo*, obras do mesmo autor”¹⁰⁵. Estava assim suscitada mais uma controvérsia a respeito do autor.

2.4 O valor da tradição e da apologética

Os primeiros discípulos de Jesus de Nazaré utilizaram-se de um gênero próprio de pregação, com a proclamação do Cristo Senhor, morto e ressuscitado, conhecido como kerygma ou primeiro anúncio da boa nova transmitida pelo próprio Jesus.

Para Irineu, o kerygma é constituído por tudo quanto foi pregado pelos Apóstolos e por seus discípulos a respeito de: Deus criador; Jesus Cristo, seu Filho; o Espírito

¹⁰³ SIMONETTI, M. Aggiornamento su Ippolito, p.96

¹⁰⁴ SAXER, V. La questione di Ippolito Romano, p.45

¹⁰⁵ LOPES, G. Patrística Pré-Nicena, p. 163.

Santo e a economia que inclui o advento, o nascimento virginal, a paixão, ressurreição e juízo universal¹⁰⁶.

As confissões de fé foram as primeiras formulações resumidas da fé elaboradas pelos cristãos, representando na linha da ortodoxia a gênese do credo cristão¹⁰⁷. A mais antiga confissão de fé está relacionada diretamente com a pessoa de Jesus, confessado como Cristo e Filho de Deus por Pedro (Mt 16,16) ou como Senhor e Deus por Tomé (Jo 20,28).

Em sentido contrário ao que era difundido pelos gnósticos, ou seja, a existência de um corpo de doutrinas secretas que só poderia ser acessível por um grupo seletivo, o kerygma era uma proclamação aberta na qual todos, sem exceção, poderiam ter acesso. “A igreja é a comunidade histórica dos discípulos de Jesus animada por Deus enquanto Espírito, cujo objetivo é prolongar e propagar a mensagem de Jesus na história”¹⁰⁸.

A partir deste anúncio nasce o conceito de tradição, onde a *parádosis* grega se traduz pela *traditio* latina, pela qual teologicamente sugere a conotação da mediação da Palavra de Deus. De acordo com Müller:

A tradição tem sua origem no próprio kerygma. É a forma constitutiva de mediação do kerygma, por meio da qual se fundamenta a Igreja, com a missão, que lhe é inerente, de anunciar na confissão, com autoridade e de forma adequada à situação, o Evangelho recebido¹⁰⁹.

A Igreja primitiva tinha necessidade, em vista das heresias emergentes, de guardar a fé cristã. Neste contexto é que se desenvolve o conceito de Tradição¹¹⁰.

Mas o que é a Tradição? Conforme Rops:

Materialmente, não é uma sequência qualquer de pretensos iniciados cujo pensamento não se pode determinar; é a tradição da Igreja, que todos podem conhecer, a dos bispos, cuja lista se pode estabelecer, a de Roma, que desempenha aqui um papel eminente¹¹¹.

¹⁰⁶ MARA, M.G. Kerygma. In: BERARDINO, A.(org). Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristã, p. 803-804.

¹⁰⁷ GROSSI, V. Linee di ecclesiologia patristica, p. 18.

¹⁰⁸ HAIGHT, R.A Comunidade Cristã na História: Ecclesiologia histórica, p. 162.

¹⁰⁹ MÜLLER, G.L. Dogmática Católica: teoria e prática da teologia, p. 61.

¹¹⁰ BEINERT, W.; STUBENRAUCH, B. (Ed). Novo Léxico da Teologia Dogmática Católica, p. 488.

¹¹¹ DANIEL-ROPS, Henri. A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires, p. 292.

Em Efésios 2,20, Paulo atesta que a Igreja está “edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, tendo por pedra angular o próprio Cristo Jesus”. A apostolicidade, fator determinante para a continuidade dos acontecimentos que deram origem ao cristianismo, é uma das características da Igreja. “A apostolicidade é, em última instância, um nexó vital do conjunto dos fiéis com a pessoa do Senhor, nexó vivido hoje em dia graças aos apóstolos, e como os apóstolos também o viveram em seu tempo”¹¹². A Tradição vai garantir que a difusão das palavras de Jesus e dos apóstolos não se perca ou seja falsificada. “Caríssimos, estando eu muito preocupado em vos escrever a respeito da nossa comum salvação, senti a necessidade de dirigir-vos esta carta para exortar-vos a pelejar pela fé, confiada de uma vez para sempre aos santos” (Jd 3).

Paulo atesta o efeito da *parádoxis*: “Eu vos transmiti primeiramente o que eu mesmo havia recebido: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras” (1 Cor 15,3). A experiência da fé cristã tem um caráter muito pessoal, pois embora Jesus não tenha deixado nada por escrito, entregou a algumas pessoas, sobretudo os apóstolos e primeiros discípulos, a sua própria obra e memória.¹¹³

O evento pascal é a fonte principal que irá sustentar e dar credibilidade à pregação dos apóstolos. Relatos dos Atos dos Apóstolos comprovam a forma de pregação na Igreja Primitiva: “Este Jesus, Deus o ressuscitou, disso nós somos testemunhas. Exaltado assim pela destra de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou, como estais vendo e ouvindo” (At 2,32-33).

A partir da proclamação do kerygma, as primeiras comunidades recebiam, de forma oral ou consignado por escrito, os fundamentos para o desenvolvimento da autêntica fé. “Esse é o conteúdo inicial da fé cristã, já transmitido em sua totalidade simples, e que será doravante objeto de uma tradição/transmissão eclesial constante. Essa é também a primeiríssima regra de fé”¹¹⁴.

Na primeira carta aos Filipenses, Policarpo de Esmirna, alerta sobre o perigo daqueles que ensinavam doutrinas diferentes daquela pregada pelos apóstolos: “Por isso, abandonando os discursos vazios de muitos e falsos ensinamentos, retornemos à palavra que nos foi transmitida desde o começo”¹¹⁵. Justino, na I Apologia,

¹¹² DIANICH, S.; NOCETI, S. Tratado sobre a Igreja, p. 414.

¹¹³ DIANICH, S.; NOCETI, S. op. cit., p. 406.

¹¹⁴ SESBOÛÉ, B; WOLINKSI, J. História dos Dogmas. Tomo 1, p. 26.

¹¹⁵ POLICARPO DE ESMIRNA. Segunda carta aos Filipenses 7, p. 143.

destaca a importância de guardar e seguir a memória (*apomnemonemata*) deixada pelos apóstolos: “Foi isso que os Apóstolos nas memórias por eles escritas, que se chamam evangelhos, nos transmitiram que assim foi mandado a eles”¹¹⁶ e também no Diálogo com Trifão:

Com efeito, nas Memórias, que eu digo terem sido compostas pelos Apóstolos ou por aqueles que o seguiram, está escrito que ele derramou suor com gotas de sangue, quando orava e dizia: Se for possível, afaste-se este cálice¹¹⁷.

Uma das principais características encontradas nas primeiras comunidades cristãs e relatadas no livro dos Atos dos Apóstolos é a perseverança na doutrina dos apóstolos (At 2,42). A norma é seguir o que foi consignado por escrito ou de forma oral pela Igreja Apostólica. “Essa transmissão da revelação, que remonta aos apóstolos e se realiza na presença do Senhor exaltado, e ocorre por meio da palavra e da ação da Igreja, denomina-se agora, em sentido estrito, a tradição apostólica da Igreja”¹¹⁸. Dentre os muitos escritos que surgiam, sobretudo nos dois primeiros séculos, era em primeiro lugar, necessário ter um discernimento, isto é, estabelecer se eles eram inspirados ou não, baseado no critério da apostolicidade,

ou seja, se este livro, direta ou indiretamente havia sido escrito por um dos apóstolos ou seus discípulos. A este, se juntava outro critério: se este determinado livro era usado na liturgia das Igrejas apostólicas¹¹⁹.

Toda doutrina que estivesse diretamente relacionada com aquilo que a Igreja pregava desde os primórdios, será considerada apostólica, “por estar consignada no testemunho neotestamentário dos apóstolos”¹²⁰.

Orígenes, no prefácio da obra *De Principiis*, argumenta que

a pregação eclesiástica é preservada e transmitida desde os Apóstolos e seus sucessores, e subsiste até hoje nas Igrejas; por isso, só deve ser recebida como verdadeira aquela em que não há nenhuma discordância com a tradição eclesiástica e apostólica¹²¹.

¹¹⁶ JUSTINO DE ROMA. Apologia I 66, 3, p. 82.

¹¹⁷ JUSTINO DE ROMA. Diálogo com Trifão 103,8, p. 270.

¹¹⁸ MÜLLER, G.L. Dogmática Católica: teoria e prática da teologia, p. 62.

¹¹⁹ RIVERO, A. História da Igreja: Século a século, p. 50.

¹²⁰ ROLOFF, J. Apóstolo. In: LACOSTE, J.Y. (Org). Dicionário crítico de teologia, p. 179.

¹²¹ ORÍGENES. Tratado sobre os princípios, prefácio 2. p. 50.

O período apostólico é “considerado norma e fundamento para a Igreja de todos os tempos”¹²². Mesmo após a passagem da era apostólica, a mensagem do evangelho continuou sendo difundida e levada adiante por aqueles que sucederam os apóstolos.

Para que o Evangelho fosse perenemente conservado íntegro e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram os bispos como seus sucessores, entregando-lhes o seu próprio ofício de magistério. Com efeito, a pregação apostólica, que se exprime de modo especial nos livros inspirados, devia conservar-se, por uma sucessão ininterrupta, até à consumação dos tempos¹²³.

A revelação original é transmitida de forma completa e autêntica pelos apóstolos, que será levada adiante com os bispos através da sucessão apostólica¹²⁴. De acordo com Daniélou:

Ao lado da multiplicidade das escolas, multiplicidade que caracteriza a época em foco, vemos afirmar-se a autoridade dos bispos. É outro traço marcante do fim do segundo século. Diante das doutrinas novas e múltiplas representam eles simultaneamente a tradição da fé comum e da unidade desta fé¹²⁵.

É possível, então, constatar a importância e missão da Igreja com sua organização hierárquica, pois “ela transmite a verdade da tradição. Então só pode existir em torno do bispo. É ele, com efeito, que garante o discurso apostólico da Igreja, porque faz parte da sucessão dos apóstolos dos primeiros tempos”¹²⁶. Enviando cartas para as diversas Igrejas, os bispos se preocupam sobretudo com o aspecto pastoral e litúrgico das comunidades, ou seja, em primeiro lugar era preciso tomar conta do que acontecia internamente na Igreja, criando assim um ambiente adequado para suportar as heresias que surgissem. “Os primeiros escritos cristãos são assinados por bispos de Roma, Esmirna, Antioquia e Hierápolis. Estas são as recordações das cartas atribuídas a Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna”¹²⁷. Inácio, por exemplo, “não apenas enviou cartas, mas

¹²² PIÉ-NINOT, S. Crer na Igreja, p. 22.

¹²³ CEC 77.

¹²⁴ MÜLLER, G.L. Dogmática Católica: teoria e prática da teologia, p. 63.

¹²⁵ DANIÉLOU, J; MARROU, H. Nova História da Igreja I: Dos primórdios a São Gregório Magno, p. 125.

¹²⁶ SUFFERT, G. Tu és Pedro, p. 56

¹²⁷ LOPES, G. Patrística Pré-Nicena, p. 31.

também recebeu, durante sua trasladação de prisioneiro, delegações das diversas comunidades”¹²⁸:

Em nome de Deus, recebi a vossa comunidade na pessoa de Onésimo, homem de indizível amor, vosso bispo segundo a carne. Eu vos peço que o ameis em Jesus Cristo, e que vos torneis semelhantes a ele. Seja bendito aquele que vos concedeu a graça e vos considerou dignos de merecer tal bispo¹²⁹.

Os bispos, após os apóstolos, seriam os autênticos pastores para guiar as comunidades cristãs e concretizar a “presença do ministério apostólico e, desse modo, do próprio Jesus no comando das comunidades, as quais eles presidiam em lugar dos apóstolos”¹³⁰. A autoridade dos bispos, de acordo com Hipólito, teria sido transmitida diretamente pelo próprio Jesus.

Tu, que desde o princípio dos séculos, te agradas em ser glorificado por estes que elegeste, derrama neste momento a força que sai de ti, o Espírito de liderança que deste ao teu querido Filho, Jesus Cristo, e que Ele concedeu aos santos apóstolos, de forma que constituíram a tua Igreja por toda a parte¹³¹.

Não sem razão, os bispos atuantes nos primeiros séculos do cristianismo, podem ser considerados guardiões da autêntica fé professada pela Igreja apostólica. No século III, a presença do bispo já era constante nas comunidades, sobretudo no ritual de ordenação de outros ministros, conforme descrição de Hipólito na *Tradição Apostólica*¹³².

O ofício dos bispos em ensinar e defender a fé emerge a partir da ação dos próprios apóstolos, que deixaram sucessores para a continuidade da missão evangelizadora. A Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II, *Dei Verbum* – sobre a Revelação Divina, declara que os bispos recebem diretamente dos apóstolos o *munus* de reger o povo de Deus:

Deus dispôs com suma benignidade que aquelas coisas que revelara a para a salvação de todos os povos permanecesse sempre íntegras e fossem transmitidas a todas as gerações[...]. Para que o Evangelho fosse perenemente conservado íntegro e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram os Bispos como seus sucessores, entregando-lhes o seu próprio ofício de magistério”¹³³.

¹²⁸ GNILKA, J. Pedro e Roma: A figura de Pedro nos dois primeiros séculos, p. 236.

¹²⁹ INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Efésios 1, 3. p. 82.

¹³⁰ PIÉ-NINOT, S. Crer na Igreja, p. 43.

¹³¹ HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, parte I p. 47.

¹³² HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, parte I p. 51.

¹³³ DV 7.

Além disso, Hegesipo oferece um dos “primeiros testemunhos não-bíblicos acerca de uma tradição apostólica transmitida às Igrejas”¹³⁴. Clemente Romano¹³⁵ também fala a respeito da sucessão apostólica:

Os apóstolos receberam do Senhor Jesus Cristo o Evangelho que nos pregaram. Jesus Cristo foi enviado por Deus. Cristo, portanto, vem de Deus, e os apóstolos vêm de Cristo. As duas coisas, em ordem, provêm, da vontade de Deus. Eles receberam instruções e, repletos de certeza, por causa da ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, fortificados pela palavra de Deus e com a plena certeza dada pelo Espírito Santo, saíram anunciando que o Reino de Deus estava para chegar. Pregavam pelos campos e cidades, e aí produziam suas primícias, provando-as pelo Espírito, a fim de instituir com elas bispos e diáconos dos futuros fiéis. Isso não era algo novo: desde há muito tempo, a Escritura falava dos bispos e dos diáconos. Com efeito, em algum lugar está escrito: “Estabelecerei seus bispos na justiça e seus diáconos na fé”¹³⁶.

A partir do século II, os autores cristãos trazem a literatura cristã para o gênero literário apologético em busca de promover a defesa da fé. Conforme Sesboué:

Aquela literatura dá lugar em grande medida a uma literatura apologética de defesa e ilustração da fé cristã, primeiramente diante dos adversários externos, os judeus e os pagãos, depois contra adversários que se manifestam no interior da Igreja, os heréticos¹³⁷.

O critério para avaliar a pregação da Igreja era examinar e constatar se o conteúdo da doutrina concordava com os ensinamentos dos apóstolos. “A Igreja só poderia ser Igreja na medida em que proclamasse e ensinasse o que os primeiros apóstolos tinham ensinado”¹³⁸. Inácio de Antioquia, na carta aos Tralianos, alerta sobre a vigilância devida com aqueles que se afastam dos ensinamentos dos apóstolos e dos sucessores, chama atenção para aqueles que se consideram profetas e mestres mas plantam “ervas estranhas” no seio das comunidades, ou seja, propagam doutrinas estranhas.

Eu vos exorto, portanto, não eu propriamente, mas o amor de Jesus Cristo, a usar somente alimento cristão, abstendo-vos de toda erva estranha, que é a heresia. Aqueles que, para terem crédito, misturam Jesus Cristo consigo mesmos, são como aqueles que oferecem veneno mortal misturado com vinho melado. O incauto o toma com prazer, mas nesse prazer nefasto lhe dá a própria morte. Cuidado, portanto, com

¹³⁴ MANZANARES, C. V. Dicionário de Patrística: séc. I-VI, p. 120.

¹³⁵ “Deve ser considerado como membro do círculo dos bispos/presbíteros romanos, e pode ser tido como um dos homens influentes na comunidade” (GNILKA, J. Pedro e Roma: A figura de Pedro nos dois primeiros séculos, p. 28)

¹³⁶ CLEMENTE ROMANO. Carta aos Coríntios 42, p. 52.

¹³⁷ SESBOÛÉ, B; WOLINKSI, J. História dos Dogmas. Tomo 1. p. 44.

¹³⁸ BURKHARD, J.J. Apostolicidade ontem e hoje: Igreja ecumênica no mundo pós-moderno, p. 52.

essas pessoas. Fazei-o sem vos encher de orgulho, permanecendo inseparáveis de Jesus Cristo Deus, do bispo e dos preceitos dos apóstolos. Aquele que está dentro do santuário é puro, mas aquele que está fora do santuário não é puro; ou seja, aquele que age sem o bispo, sem o presbitério e os diáconos, esse não tem consciência pura¹³⁹.

Irineu de Lião alerta sobre o perigo de doutrinas propagadas por aqueles que não seguiam os ensinamentos dos apóstolos e acreditavam que poderiam trilhar um caminho independente de qualquer sistema ou doutrina.

Todos os que têm opiniões erradas, impressionados pela legislação de Moisés, que julgam diversa e contrária à do Evangelho, deixaram de estudar as causas desta diferença entre os dois Testamentos. Desprovidos do amor do Pai e inflados por Satanás voltaram-se para a doutrina de Simão, o mago, afastando-se com o seu pensamento do verdadeiro Deus e acreditaram, inventando outro Deus, ter encontrado algo mais do que os apóstolos, os quais teriam anunciado o Evangelho pensando ainda da mesma forma que os judeus, ao passo que eles seriam mais independentes e sábios do que os apóstolos¹⁴⁰.

Era necessário então distinguir os que se mantinham fieis à tradição dos apóstolos e os que simplesmente ignoravam os ensinamentos e se afastavam cada vez da linha de sucessão original, ou seja, ligada diretamente aos apóstolos¹⁴¹.

Eusébio de Cesareia faz uma lista daqueles que considera como ilustres escritores eclesiásticos, autênticos defensores da fé e a importância que tiveram para o estabelecimento da ortodoxia cristã.

Floresciam nesta época na Igreja, Hegesipo, já conhecido pelas narrações precedentes; Dionísio, bispo de Corinto; Pintos, bispo de Creta. Além disso, Filipe, Apolinário, Melitão, Musano e Modesto, e sobretudo Ireneu. Através de todos eles, chegou até nós por escrito a ortodoxia da tradição apostólica, a verdadeira fé¹⁴².

Sobre Hegesipo, temos também informações fornecidas por Eusébio a respeito de pelo menos sete heresias existentes no judaísmo e que encontram-se na base das primeiras heresias surgidas no seio do cristianismo.

O próprio Hegesipo ainda faz menção das seitas outrora existentes entre os judeus, dizendo: Havia diversas opiniões entre os circuncisos filhos de Israel contra a tribo de Judá e contra Cristo. São as seguintes: essênios, galileus, hemerobatas, masboteus, samaritanos, saduceus, fariseus¹⁴³.

¹³⁹ INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Tralianos 6,1, p. 99.

¹⁴⁰ IRINEU DE LIÃO. Contra as Heresias III 12,12, p. 300.

¹⁴¹ ORBE, A. Estudios sobre la teologia Cristiana primitiva, p. 427.

¹⁴² EUSEBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica IV 21, p. 205.

¹⁴³ EUSEBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica IV 22 7, p. 207.

Uma das primeiras apologias cristãs é a obra *Octávio* de Minúncio Felix, na qual faz o papel de mediador entre um cristão e o pagão Cecílio. O autor apresenta uma defesa em favor dos cristãos, acusados de espalhar o ódio e cometer atrocidades, denunciando o modo de vida dos pagãos: “Chamamo-nos irmãos, e isto suscita inveja, porque somos filhos de um só Deus criador, estamos unidos pela mesma fé e somos herdeiros de esperanças futuras. Por outro lado, vós não vos conheceis e odiai-vos cruelmente”¹⁴⁴ (tradução nossa). No final dos debates, o pagão Cecílio se torna cristão. “A obra é admirável pela elegância da narrativa, pela serenidade do estilo, pela objetividade do raciocínio”¹⁴⁵.

No prólogo da *Tradição Apostólica*, temos um alerta do autor a respeito da importância de permanecer na tradição e fugir do perigo da heresia.

Agora, impelidos pelo amor a todos os santos, chegamos ao ponto mais alto da tradição que convém às Igrejas; que todos, bem instruídos, conservem a tradição que persiste até hoje e, conhecendo-a pela nossa exposição, permaneçam absolutamente firmes, por causa do que ocorreu recentemente – heresia ou erro motivado pela ignorância e pelos ignorantes¹⁴⁶.

Na mesma obra também encontramos um testemunho a respeito do orgulho que alguns demonstraram em não seguir os ensinamentos dos apóstolos.

Aconselho a que sejam guardados por todos os que têm coração puro. Se todos seguirem a Tradição dos Apóstolos - que ouviram – e souberam conservá-la, nenhum herético – ninguém, absolutamente – poderá afastar-vos do caminho reto. Na verdade, muitas heresias desenvolveram-se porque os chefes não quiseram aprender a doutrina dos Apóstolos, mas, seguindo a sua própria fantasia, fizeram o que quiseram – não o que deveriam fazer¹⁴⁷.

Caso a intenção seja buscar as origens do que hoje é chamado, na Igreja Ocidental, de Símbolo dos Apóstolos, a *Tradição Apostólica* é um texto de grande relevância¹⁴⁸. Os símbolos da fé, juntamente com a sucessão apostólica e o cânon da Sagrada Escritura serão os pilares de sustentação da Tradição. Compõe-se de uma série de artigos (14, 12 ou 9) formados pela relação entre Pai-Filho (binária) ou Pai-Filho-Espírito Santo (ternária). O número variável de artigos indica que os

¹⁴⁴ MINUCIO FÉLIX. *Octavio*, p. 129.

¹⁴⁵ PIERINI, F. *A idade antiga: Curso de História da Igreja I*, p. 101.

¹⁴⁶ HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*, parte I, p. 45.

¹⁴⁷ HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*, parte III, p. 82.

¹⁴⁸ SESBOÛÉ, B; WOLINKSI, J. *História dos Dogmas*. Tomo 1. p. 84.

símbolos de fé foram construídos aos poucos, de modo que serviam como reconhecimento de pertença a determinada comunidade cristã e de comunidades entre si. O catecúmeno devia aprender e recitar o símbolo como profissão de fé pública e também era lido e explicado pelo bispo na abertura de um sínodo. A Tradição Apostólica, junto com o símbolo romano, contém os símbolos mais antigos da Igreja, recitados no rito batismal¹⁴⁹, com isso, Hipólito demonstra estar em consonância com a doutrina ensinada pelos apóstolos e sucessores:

Assim que desce à água o que é batizado, diga-lhe o que batiza, impondo sobre ele a mão: - Crês em Deus Pai Todo-Poderoso? - Creio. - Crês em Cristo Jesus, Filho de Deus, que nasceu da Virgem Maria por obra do Espírito Santo, foi crucificado sob Pôncio Pilatos, morreu, ressuscitou no terceiro dia, vivo de entre os mortos, subiu aos céus e está sentado à direita do Pai, que virá julgar os vivos e os mortos? - Creio. - Crês no Espírito Santo na santa Igreja? - Creio¹⁵⁰.

As expressões do símbolo de fé são extraídas diretamente do Novo Testamento, de modo que a regra de fé transmitida por ele é herança das confissões de fé dos Apóstolos, estando assim no núcleo da tradição de fé e constituído-ose como uma regra apostólica¹⁵¹.

Não é possível atribuir a redação de um símbolo de fé diretamente pelos apóstolos, conforme uma lenda segundo a qual cada um dos artigos de fé foi escrito por um deles, pois “a versão mais antiga que conhecemos não pode ser datada antes dos últimos decênios do séc. II”¹⁵², mas que a sua composição tenha sido realizada por algum de seus sucessores é aceitável e digno de confiança. O fato é que a lenda ilustra uma afirmação da verdade encontrada na regra de fé, segundo a qual aquilo que é professado no batismo fundamenta-se nos ensinamentos dos apóstolos¹⁵³.

Tertuliano, na obra Tratado sobre a prescrição dos hereges indica uma forma para constatar se os ensinamentos transmitidos estão em acordo com a autêntica fé da Igreja:

Se quisermos saber o conteúdo da pregação dos Apóstolos e, portanto, aquilo que Jesus Cristo lhes revelou, é preciso recorrer a estas mesmas Igrejas fundadas pelos próprios Apóstolos e às quais pregaram quer de viva voz, quer por seus escritos¹⁵⁴.

¹⁴⁹ GROSSI, V. *Linee di Ecclesiologia Patristica*, p. 19

¹⁵⁰ HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*, parte II, p. 63.

¹⁵¹ SESBOUË, B; WOLINKSI, J. *História dos Dogmas*. Tomo 1. p. 85.

¹⁵² DH 6

¹⁵³ HAMMAN, A-G. *Para ler os Padres da Igreja*, p. 9.

¹⁵⁴ TERTULIANO. *Prescrição dos Hereges* 9, PL 2, 22.

A unidade da Igreja era colocada em discussão nos dois primeiros séculos do cristianismo, sobretudo em relação à organização hierárquica. A falta de unidade certamente representava uma ameaça e um solo fértil para o nascimento de falsas doutrinas e o conseqüente surgimento de cismas. “Uma resposta ao problema da unidade, quer no interior de cada comunidade, quer entre as comunidades das diferentes cidades, foi encontrada na organização”¹⁵⁵. Inácio de Antioquia, na carta aos Tralianos, demonstra a importância desta organização: “Da mesma forma, todos respeitem os diáconos como a Jesus Cristo, e também ao bispo, que é a imagem do Pai, e os presbíteros como à assembleia dos apóstolos. Sem eles, não se pode falar de Igreja”¹⁵⁶. O mesmo Inácio, na carta aos Efésios, compara a hierarquia com um instrumento musical e um coro:

Vosso presbitério, de boa reputação e digno de Deus, está unido ao bispo, assim como as cordas à cítara. Por isso, no acordo de vossos sentimentos e na harmonia de vosso amor, vós podeis cantar a Jesus Cristo. A partir de cada um, que vos torneis um só coro, a fim de que, na harmonia de vosso acordo, tomando na unidade o tom de Deus, canteis a uma só voz, por meio de Jesus Cristo, um hino ao Pai, para que ele vos escute e vos reconheça por vossas boas obras, como membros do seu Filho¹⁵⁷.

Diante do exposto até o momento é possível concluir que estar em harmonia com a autêntica doutrina significa seguir aquilo que está consignado por escrito na Sagrada Escritura ou o que foi transmitido de forma oral a partir da era apostólica. Os Padres da Igreja consideram como legítima Tradição a doutrina ensinada diretamente por Jesus e seus apóstolos e entregue à Igreja, de forma oral ou por escrito¹⁵⁸. Quem opta por seguir um caminho diferente corre o risco de ser considerado herético. No segundo Concílio de Niceia (787) temos uma formulação a este respeito: “Se alguém rejeita toda a tradição eclesiástica, escrita ou não escrita, seja anátema”¹⁵⁹. Aceitar o testemunho dos apóstolos é o caminho mais seguro para a realização da comunhão com o “Pai e com seu Filho Jesus Cristo”¹⁶⁰. A mensagem inicial pregada pelos apóstolos (kerygma) passou com o tempo a adquirir uma forma normativa, pregada a partir de então pela Igreja, começando-se a falar, “a

¹⁵⁵ HAIGHT, R. A Comunidade Cristã na História: Eclesiologia histórica, p. 107.

¹⁵⁶ INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Tralianos 3, p. 98.

¹⁵⁷ INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Efésios 4, p. 83

¹⁵⁸ KELLY, J.N.D. Patrística: Origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã, p. 22

¹⁵⁹ DH 609.

¹⁶⁰ DIANICH, S.; NOCETI, S. Tratado sobre a Igreja, p. 402.

partir do século II, da *regula fidei* ou da *regula veritatis* (regra da fé ou da verdade)”¹⁶¹.

O testemunho dos apóstolos fundamenta a crença de toda a Igreja, pois sem a confirmação daqueles que conviveram diretamente com Jesus Cristo, certamente o próprio evento da ressurreição não teria sido conhecido, ou na melhor das hipóteses cairia no esquecimento. Não existem outras fontes, além daquelas que foram transmitidas pelos apóstolos, pelas quais é possível acessar o relato do acontecimento primordial para o cristianismo, ou seja, a ressurreição do Senhor. “Por essa razão, os apóstolos e o testemunho apostólico são constitutivos do evento da revelação. Eles e seu testemunho são, portanto, o fundamento sobre o qual se apoia a igreja, com o qual ela se mantém em pé ou cai”¹⁶².

2.5 Regula fidei

A mensagem pregada pelos apóstolos e sucessores é a *regula fidei* da Igreja, ou seja, a norma a ser ensinada e seguida por todos aqueles que, sobretudo a partir da recepção do sacramento do Batismo, são inseridos na comunidade cristã. O Credo ou os Símbolos da Igreja ainda não tinham surgido e por isso foi necessário, sobretudo para combater os gnósticos e os discípulos de Marcião, o desenvolvimento de uma regra de fé, que deveria “estabelecer pontos doutrinários de referência e assim diferiam das fórmulas querigmáticas mais antigas, cuja função primária era proclamatória”¹⁶³. O conceito de *regula fidei* irá despontar na Igreja sobretudo a partir de Irineu. “O cristão tem em si o cânone imutável da verdade (*ò canòn tes aletéias aklinés*), que recebeu no Batismo”¹⁶⁴. Em relação ao credo batismal, Justino de Roma já indica a existência de uma regra de fé e de “um corpo de doutrinas que fazia parte do ensinamento eclesiástico”¹⁶⁵. Na Apologia I, Justino

¹⁶¹ BEINERT, W.; STUBENRAUCH, B. (Ed). Novo Léxico da Teologia Dogmática Católica, p. 244.

¹⁶² KASPER, W. A Igreja Católica: essência, realidade, missão, p. 240.

¹⁶³ BURKHARD, J.J. Apostolicidade ontem e hoje: Igreja ecumênica no mundo pós-moderno, p. 82.

¹⁶⁴ LOPES, G. Patrística Pré-Nicena, p. 157.

¹⁶⁵ COSTA, P. C. Salvatoris Disciplina: Dionísio de Roma e a Regula Fidei no debate teológico do III século, p. 35.

declara que a doutrina apresentada pela Igreja era fundamentada nos ensinamentos do próprio Jesus:

Celebramos essa reunião geral no dia do sol, porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo, e também o dia em que Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos. Com efeito, sabe-se que o crucificaram um dia antes do dia de Saturno e no dia seguinte ao de Saturno, que é o dia do Sol, ele apareceu a seus apóstolos e discípulos, e nos ensinou essas mesmas doutrinas que estamos expondo para vosso exame¹⁶⁶

A *regula fidei* representa um conjunto de verdades imutáveis, conservadas e garantidas integralmente na Igreja. Burkhard descreve:

De acordo com Irineu, a traditio abrange a vida da Igreja. No tocante às controvérsias que Irineu encara, a traditio está relacionada com uma série de questões críticas que envolvem as Escrituras hebraicas, os textos cristãos mais novos que surgiram depois da ressurreição do Senhor, as profissões de fé, a assim chamada regula fidei e a regula veritatis; a noção de doutrina e “sucessão” (diadoché)¹⁶⁷.

O corpo doutrinal, contido na regra de fé, representava a base de aprendizagem para os recém convertidos. “Irineu está firmemente convencido de que a doutrina dos Apóstolos segue sem alteração. Esta tradição é a fonte e a norma da fé. É o cânon da verdade”¹⁶⁸. Somente através da sucessão apostólica é possível crer em uma regra de fé conservada na e pela Igreja, sendo difícil acreditar em algo que não esteja estabelecido nesta regra. “Ora, pelo temor de qualquer coisa de similar, nós devemos manter inalterada a Regra da Fé e cumprir os mandamentos de Deus crescendo nele, temendo-o como Senhor, e amando-o como Pai”¹⁶⁹. O cânon da verdade é constituído pela Doutrina transmitida pela Igreja e que mantém a coerência em qualquer parte do mundo¹⁷⁰. O papa Bento XVI, na audiência geral do dia vinte dois de março de dois mil e sete, comenta sobre a *regula fidei*:

A Tradição apostólica é única. De fato, enquanto o gnosticismo se subdivide em numerosas seitas, a Tradição da Igreja é única nos seus conteúdos fundamentais, a que como vimos Irineu chama precisamente *regula fidei* ou *veritatis*¹⁷¹.

¹⁶⁶ JUSTINO DE ROMA. Apologia I 67, 7 p. 83.

¹⁶⁷ BURKHARD, J.J. Apostolicidade ontem e hoje: Igreja ecumênica no mundo pós-moderno, p. 80.

¹⁶⁸ QUASTEN, J. Patrologia I. Hasta el concilio de Niceia, p. 301.

¹⁶⁹ IRINEUDE LYON. Demonstração da Pregação Apostólica 3, p. 73.

¹⁷⁰ KELLY, J.N.D. Patrística: Origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã, p. 144.

¹⁷¹ BENTO XVI. Vaticano. Audiência geral. Quarta-feira, 28 de Março 2007.

Para Irineu é fundamental que todos os cristãos estejam submetidos à Tradição Apostólica, que “chega até nós na Igreja, na qual é possível remontar aos Apóstolos através da sucessão dos bispos. Eis por que Irineu se preocupa em enumerar os bispos que se sucederam em Roma a partir de Pedro e Paulo”¹⁷².

No desenvolvimento do processo da Tradição, a Igreja foi responsável em definir quais livros entrariam ou não para a lista dos canônicos, tanto para o Antigo como para o Novo Testamento. Embora o processo para a definição do cânon tenha levado vários séculos e trilhado caminhos complexos, é possível constatar que já no ano de 382, o Papa Dâmaso, no Sínodo de Roma, apresenta uma definição oficial da Igreja para a formação do cânon bíblico¹⁷³. Porém, “antes disso, a *regula fidei* (regra de fé) representava o primeiro cânon da Igreja, cujo fundamento era o registro por escrito da mensagem apostólica”¹⁷⁴.

Importante destacar que a *regula fidei* não tinha como objetivo substituir as Escrituras, muito pelo contrário, pois na verdade pretendia fazer como que os fiéis pudessem compreendê-la ainda mais. “Os Padres dessa época nunca tentaram apresentar a ‘regra de fé’ como substituição do kerygma, na forma como se encontra nas Escrituras”¹⁷⁵. Na verdade a *regula fidei* era um critério para diferenciar o que era herético do ortodoxo: “Critério – em última análise, se pode dizer isto de um ponto de vista católico esclarecido – é a *regula fidei*, quer dizer, o depósito da fé fundamentado na Sagrada Escritura, transmitido pela Tradição da Igreja e por ela aprovado”¹⁷⁶.

2.5.1 Regula fidei a partir de Irineu

¹⁷² COMBY, J. Para ler a História da Igreja: Das origens ao século XV, p. 64.

¹⁷³ DH 179.

¹⁷⁴ BEINERT, W.; STUBENRAUCH, B. (Ed). Novo Léxico da Teologia Dogmática Católica, p. 77.

¹⁷⁵ BURKHARD, J.J. Apostolicidade ontem e hoje: Igreja ecumênica no mundo pós-moderno, p. 83.

¹⁷⁶ DROBNER, H.R. Manual de Patrologia, p. 110.

Caso a intenção fosse eleger um personagem que tenha se destacado na luta contra as heresias nos três primeiros séculos e no desenvolvimento de uma regra de fé, certamente Irineu de Lião estaria entre os principais, sobretudo por causa das obras “Contra as Heresias” e “Demonstração da Pregação Apostólica”. “Irineu, isto é, o Pacífico, com seu escrito *Adversus haereses*, é, de certo modo, o primeiro teólogo sistemático, que com as regras de fé estabelecidas por ele, foi determinante para todo o desenvolvimento posterior”¹⁷⁷. De acordo com Altaner, “todos os escritos anti-heréticos posteriores, a começar por Tertuliano, dependem, quanto aos tempos idos, de Irineu”¹⁷⁸. Irineu é considerado como o “último homem apostólico e o primeiro teólogo”¹⁷⁹. Ele mesmo afirma que foi discípulo de Policarpo, que por sua vez foi do apóstolo João:

Podemos ainda lembrar Policarpo, que não somente foi discípulo dos apóstolos e viveu familiarmente com muitos dos que tinham visto o Senhor, mas que, pelos próprios apóstolos, foi estabelecido bispo na Ásia, na Igreja de Esmirna. Nós o vimos na nossa infância, porque teve vida longa e era muito velho quando morreu com glorioso e esplêndido martírio¹⁸⁰.

Sem dúvida é possível constatar que Irineu realmente conviveu com alguém que era muito próximo dos apóstolos¹⁸¹:

Eu te vi, de fato, quando ainda criança, na Ásia Menor, junto de Policarpo. Eras ilustre na corte imperial e procuravas ter boa reputação junto dele. Pois lembro-me melhor das coisas daquele tempo do que de acontecimentos recentes. Efetivamente, os conhecimentos adquiridos na infância progridem com a alma e com ela se identificam, de sorte que posso dizer até o lugar onde se sentava o bem-aventurado Policarpo para falar, como ele entrava e saía, seu modo de viver, seu aspecto físico, as preleções à multidão, como referia suas relações com João e com os outros que haviam visto o Senhor, como relembrava suas palavras e o que ouvira dizer a respeito do Senhor, seus milagres, sua doutrina; como Policarpo, após ter recebido tudo isso de testemunhas oculares da vida do Verbo (1Jo 1,1-2), anunciava-o conforme as Escrituras¹⁸².

De acordo com Irineu, a verdadeira e autêntica doutrina, a regra de fé, é pregada pelos presbíteros da Igreja, sucessores dos apóstolos, que “com a sucessão no episcopado receberam o carisma seguro da verdade segundo o beneplácito do

¹⁷⁷ KASPER, W. A Igreja Católica: essência, realidade, missão, p. 289.

¹⁷⁸ ALTANER, B; STUIBER, A. Patrologia: Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja, p. 120.

¹⁷⁹ LOPES, G. Patrística Pré-Nicena, p. 152.

¹⁸⁰ IRINEU DE LIÃO. Contra as Heresias III 3,4 p. 251.

¹⁸¹ QUASTEN, J. Patrologia I. Hasta el concilio de Niceia, p. 287.

¹⁸² EUSEBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica V 20,5-7, p. 264-265.

Pai. Quanto a todos os outros que se separam da sucessão principal e em qualquer lugar que se reúnam, devem ser vistos com desconfiança, como hereges e de má fé”¹⁸³. A sucessão apostólica será a base para Irineu desenvolver a sua teologia da *regula fidei*, baseada na tradição apostólica transmitida pela Igreja¹⁸⁴.

A metodologia utilizada pelo bispo é refutar as heresias em primeiro lugar a partir da razão e depois fazer uma confrontação com as Sagradas Escrituras, “desenvolvendo uma grande argumentação escriturística de perspectiva dogmática”¹⁸⁵. Conforme Manzanares, os ensinamentos cristãos foram dogmaticamente formulados graças a Irineu¹⁸⁶. Certamente nos primórdios do cristianismo não é possível encontrar uma definição para o termo dogma (embora presente em alguns escritos de Clemente Romano e Inácio de Antioquia) como é conhecido atualmente, sobretudo a partir da definição formulada no Concílio Vaticano I (1869-1870), segundo o qual o dogma de fé é “toda verdade revelada pela Palavra de Deus e proposta à crença, enquanto revelada pelo magistério da Igreja”¹⁸⁷. Mas para efeitos da formulação de uma regra de fé, o termo dogma, no cristianismo nascente, está relacionado diretamente com o próprio Evangelho e na autoridade única presente em sua mensagem. De acordo com Sesboüé:

Se ainda não há concílios – será preciso aguardar o final do século II para ver a realização dos primeiros concílios locais e o IV para a reunião do primeiro concílio ecumênico de Nicéia -, já existe uma consciência viva de que a fé cristã comporta uma normatividade, ou uma regra, ou ainda artigos de fé¹⁸⁸.

Na obra *Demonstração da Pregação Apostólica*, também conhecida por *Epideixis*, escrita provavelmente por volta dos anos 190, aproximadamente dez anos após a obra *Contra as Heresias*, Irineu não tem como principal meta refutar heresias, mas sim expor aos fiéis a doutrina cristã, garantindo a autenticidade do evangelho, sobretudo a partir da pregação dos apóstolos. Dirigida a um tal Marciano, logo no começo é possível captar a intenção de Irineu ao escrever a obra e identificar que pretende desenvolver uma regra de fé:

¹⁸³ IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*, IV 2, p. 450.

¹⁸⁴ AYÁN,J.J. Irineu de Lyon. In: BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETTI, M. (Orgs). *Dicionário de Literatura Patrística*, p.1051.

¹⁸⁵ SESBOÛÉ, B; WOLINKSI, J. *História dos Dogmas*. Tomo 1. p. 47.

¹⁸⁶ MANZANARES, C. V. *Dicionário de Patrística: séc. I-VI*, p. 127.

¹⁸⁷ DH 3011

¹⁸⁸ SESBOÛÉ, B; WOLINKSI, J. *História dos Dogmas*. Tomo 1. p. 48.

O que te enviamos é uma série de anotações sobre pontos fundamentais do corpo da verdade; e que, com este compêndio, tenhas à mão as provas das realidades divinas. Assim, o resultado servirá não apenas à tua salvação, mas também à confutação daquele que cultivam falsas opiniões¹⁸⁹.

Em *Contra as Heresias*, Irineu responde uma pergunta fundamental a respeito da autenticidade do evangelho e da pregação apostólica, indicando assim não apenas a Tradição, mas a regra de fé a ser seguida pelos fiéis:

Lembra-te, portanto, no que dissemos nos dois primeiros livros e, acrescentando o que agora diremos, terás fartíssima argumentação contra todos os hereges e te oporás a eles com segura e determinada firmeza em favor da única fé, verdadeira e vivificante, que a Igreja recebeu dos apóstolos e comunica a seus filhos. Com efeito o Senhor de todas as coisas deu aos seus apóstolos o poder de pregar o evangelho e por meio dele nós conhecemos a verdade, isto é, o ensinamento do Filho de Deus. A eles o Senhor disse: “O que vos ouve, a mim ouve, e o que vos despreza, a mim despreza e o quem me enviou”. Não foi, portanto, por ninguém mais que tivemos conhecimento da economia da nossa salvação, mas somente por aqueles pelos quais nos chegou o Evangelho, que eles primeiro pregaram e, depois, pela vontade de Deus, transmitiram nas Escrituras, para que fosse para nós fundamento e coluna da nossa fé¹⁹⁰.

Os três principais artigos da fé católica, a divindade das três Pessoas da Trindade, são descritos por Irineu, oferecendo assim um resumo da regra da fé, aquilo em que os fiéis devem acreditar:

Eis a ordem da nossa fé, o fundamento do edifício e base da nossa conduta: Deus Pai incriado, incircunscrito, invisível, único Deus, criador do Universo. Tal é o primeiro e principal artigo de nossa fé. O segundo é o Verbo de Deus, Filho de Deus, Jesus Cristo, nosso Senhor que apareceu aos profetas segundo o desígnio de sua profecia e segundo a economia disposta pelo Pai; por meio dele foi criado o Universo [...] E como terceiro artigo, o Espírito Santo, de cujo poder os profetas profetizaram, e os Padres foram instruídos com relação a Deus[...]¹⁹¹.

Irineu relaciona diretamente a regra de fé ou regra da verdade (expressão muito utilizada em seus escritos) com a pregação e sucessão apostólica, e somente nesta regra é possível um seguimento seguro da doutrina autêntica. Depois de elencar uma lista contendo a sucessão de vários apóstolos, de Lino a Eleutério, Irineu declara:

Com esta ordem e sucessão chegou até nós, na Igreja, a tradição apostólica e a pregação da verdade. Esta é a demonstração mais plena de que é uma e idêntica a fé

¹⁸⁹ IRINEU DE LYON. Demonstração da Pregação Apostólica I, p. 71.

¹⁹⁰ IRINEU DE LYON. Contra as Heresias III Prefácio; 1,1. p. 247-248.

¹⁹¹ IRINEU DE LYON. Demonstração da Pregação Apostólica I 6. p. 75.

vivificante, que, fielmente foi conservada e transmitida, na Igreja, desde dos apóstolos até agora¹⁹².

Um testemunho contra a presunção dos hereges, sobretudo os gnósticos, de se considerarem os mais sábios de todos, é descrito por Irineu:

E quando, por nossa vez, os levamos à Tradição que vem dos apóstolos e que é conservada nas várias igrejas, pela sucessão dos presbíteros, então se opõem à tradição, dizendo que, sendo eles mais sábios do que os presbíteros, não somente, mas até dos apóstolos, foram os únicos capazes de encontrar a pura verdade¹⁹³.

Logo em seguida faz uma exposição descrevendo onde devia ser encontrada a verdadeira e autêntica tradição, colocando novamente em evidência a relação dos apóstolos e seus sucessores, deixando claro a diferença que existia entre o ensinamento apostólico e dos outros que estavam simplesmente delirando nos seus ensinamentos:

Portanto, a tradição dos apóstolos, que foi manifestada no mundo inteiro, pode ser descoberta em toda Igreja por todos os que queiram ver a verdade. Poderíamos enumerar aqui os bispos que foram estabelecidos nas Igrejas pelos apóstolos e os seus sucessores até nós; e eles nunca ensinaram nem conheceram nada que se parecesse com o que essa gente vai delirando¹⁹⁴.

De acordo com Bento XVI, para Irineu, a “regra da fé coincide na prática com o Credo dos apóstolos e nos dá a chave para interpretar o Evangelho”¹⁹⁵.

2.6 Conclusão

Pelo exposto até o momento constatamos que os dois primeiros séculos do cristianismo e início do terceiro, foram marcados por contendas teológicas que agitaram bastante as comunidades, sobretudo Roma. Ebionismo, Marcionismo e Gnosticismo foram algumas das heresias combatidas sobretudo por Justino de Roma, Tertuliano e Irineu de Lião. O monarquianismo, grande corrente teológica

¹⁹² IRINEU DE LYON. *Contra as Heresias* III 3,3 p. 250.

¹⁹³ IRINEU DE LYON. *Contra as Heresias* III 2,2 p. 248.

¹⁹⁴ IRINEU DE LYON. *Contra as Heresias* III 3,1 p. 249.

¹⁹⁵ BENTO XVI. Vaticano. Audiência geral. Quarta-feira, 28 de Março de 2007.

no terceiro século, foi duramente combatido por Hipólito, sobretudo contra Noeto de Esmirna e seus discípulos.

Sobre Hipólito de Roma é possível chegar a algumas considerações a respeito de sua história, porém ainda é motivo de controvérsias, como por exemplo sua origem (latina ou grega), seu posicionamento eclesial e moral (contrário as posições do papa Calisto), autoria de obras (sobretudo a partir da descoberta da estátua em 1851) e também se podemos falar de um ou mais personagens com o mesmo nome (Jesipo?). A história deu-lhe o título de primeiro antipapa, porém morreu reconciliado com a Igreja junto com o papa Ponciano.

A respeito da defesa tradição apostólica, Irineu com o desenvolvimento da *regula fidei*, desponta como o grande teólogo do cristianismo nascente. Seguir o que foi deixado pelos Apóstolos é a norma de fé, a regra para seguir a Igreja. Os bispos surgem como os autênticos sucessores dos apóstolos, garantido assim a transmissão fiel da mensagem deixada pelos primeiros seguidores de Jesus Cristo. A autoridade dos bispos é uma das características marcantes da Igreja no final do século II e início do III.

Neste contexto é que Hipólito de Roma vive e desenvolve a sua teologia. Não restam dúvidas de que a sua história ficou marcada por polêmicas e incertezas, porém estas não devem ser motivo para desqualificar a sua atuação na defesa da ortodoxia da fé e seguimento da tradição dos apóstolos, sendo também uma testemunha de primeiro grau da liturgia celebrada em roma.

3

Resoluções para as heresias – aspectos jurídicos e as fontes do Direito Canônico

Seguir os ensinamentos dos apóstolos era norma que garantia a ortodoxia da fé, base para o surgimento da *regula fidei*. Quando alguém na comunidade ensinava e propagava doutrinas que divergiam desta regra, levantava-se suspeita sobre o ensinamento apresentado, ou seja, entendia-se que tal ensinamento era herético e contrário às normas deixadas pelos apóstolos. A heresia era refutada, sobretudo com intervenção dos bispos, e os fiéis eram exortados a ficar em estado de alerta: “Cuidado, portanto, com essas pessoas. Fazei-o sem vos encher de orgulho, permanecendo inseparáveis de Jesus Cristo Deus, do bispo e dos preceitos dos apóstolos”¹⁹⁶. No entanto, o que de fato acontecia com aqueles que ensinavam doutrinas estranhas? Que tipo de pena era aplicada e em que tipo de legislação se fundamentava? Era lícito aplicar sanções aos que divergiam da regra de fé?

Partindo da Sagrada Escritura, tanto no Novo quanto no Antigo Testamento, é possível encontrar princípios que fundamentam aplicação de correções disciplinares que compõem a origem do direito canônico na Igreja¹⁹⁷. Pode-se constatar, por exemplo, nos trechos dos evangelhos: Mt 5, 19 e 31, 32; Lc 18; Mc 10,11-12. As principais fontes que fundamentam as leis eclesiais se remetem ao próprio Jesus Cristo, como legislador por excelência, e às Sagradas Escrituras.

Por meio das Sagradas Escrituras é possível conhecer, em grande linhas, a matéria jurídica da Igreja, sua constituição, seu direito sacramental, administrativo e coercitivo. Por isso, é considerada o código sagrado, estabelecido pelo próprio Deus, ocupando uma posição de máxima dignidade¹⁹⁸.

Certamente no início da Igreja Primitiva não existiam códigos, coleções ou decretos legislativos que pudessem ser aplicados, por exemplo, nos casos de suspeita de heresia, de modo que não é possível ainda falar em um direito positivo¹⁹⁹.

¹⁹⁶ INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Tralianos 7,1, p. 99.

¹⁹⁷ MATSUNAGA, L. Sanções penais na Igreja. Revista de Cultura Teológica, n. 15, n. 60, p. 156.

¹⁹⁸ LIMA, M.C. Introdução à História do Direito Canônico, p. 32.

¹⁹⁹ “Quanto ao legislador: podem ser de Direito Divino (provenientes da revelação) ou de Direito Humano (provenientes da autoridade eclesial, da civil ou de ambas); as de Direito Humano podem se chamar coleções de leis, nomocânes, decretais, capitulares, mistas, pontificias, conciliares, sinodais, de organismos secundários, de duas ou mais procedências”. (LIMA, M.C. Introdução à História do Direito Canônico, p. 25).

na Igreja, tendo surgido somente a partir do século III com as primeiras coletâneas de atas de concílios e sínodos regionais²⁰⁰. O primeiro código de Direito Canônico surge apenas no século XX em 1917²⁰¹. Conforme Gonçalves:

Se deve logo recordar que a ordem interna da Igreja tem uma estrutura jurídica que não é somente positiva, isto é, criada pelos homens e, portanto, modificável ao arbítrio com critérios de pura eficiência, mas que é fundamentada sobre a natureza imutável da igreja querida por Cristo. Ele deu à Igreja uma constituição básica, que se pode encontrar no Evangelho, a qual se entende ficar fiel em cada atividade de reforma²⁰².

Nos primeiros séculos do cristianismo, além do Novo Testamento, aparecem outros escritos de diversos autores que, de certa forma, podem ser considerados fontes jurídicas. A Sagrada Tradição também será fonte para o Direito Eclesiástico. É preciso compreender o contexto da época, pois na Igreja nascente era praticamente impossível o estabelecimento de uma legislação canônica devido a insegurança vivida pelos primeiros cristãos. Lombardia descreve:

As primeiras gerações cristãs regeram a vida coletiva das comunidades aplicando aos textos, no Novo Testamento, a tradição apostólica, os costumes²⁰³ e as decisões adotadas pelos bispos em sua qualidade de sucessores dos apóstolos. O perfil da organização jurídica da Igreja primitiva, nós o conhecemos pelas obras dos mais antigos escritores cristãos, denominados Padres Apostólicos: Inácio de Antioquia, Clemente Romano, Policarpo de Esmirna etc. Algumas fontes de venerável antiguidade e autores desconhecidos nos informam da liturgia e da disciplina, a saber: Doutrina dos doze Apóstolos, ou Didaquê, composta na Síria, provavelmente durante o século I; Didascália dos doze Apóstolos, redigida no século III, na Palestina ou na Síria; Constituições apostólicas, procedentes também da Síria ou Palestina e escritas por volta do ano 380; Tradição Apostólica de S. Hipólito, escrita provavelmente por Hipólito de Roma por volta do ano 218²⁰⁴.

De acordo com essas fontes, a apostasia da fé, o adultério e o homicídio eram os delitos mais graves e os que cometiam estavam sujeitos à punição²⁰⁵. Os

²⁰⁰ LIMA, M.C. Introdução à História do Direito Canônico, p. 36.

²⁰¹ O papa João Paulo II, com a constituição apostólica *Sacri cânones*, de 18/01/1990, promulgou o *Código dos Cânones das Igrejas Orientais Católicas*, pela primeira vez proclamado pela Santa Sé, parte integrante de um único e novo *Corpus Iuris Canonici*, constituído por três documentos: a) *Código Direito canônico* da Igreja latina, promulgado em 25/1/1983; b) *Constituição apostólica Pastor bonus*, de 28/6/1988, para a reorganização da Cúria romana; e c) *Código dos Cânones das Igrejas Orientais*. Cf. LIMA, M.C. Introdução à História do Direito Canônico, p. 286.

²⁰² GONÇALVES, M.L.M. Introdução ao Direito Canônico, p. 85.

²⁰³ Direito consuetudinário diz respeito aos costumes de um povo. É aquele que se pratica repetidamente como um costume.

²⁰⁴ LOMBARDIA, P. Lições de Direito Canônico, p. 32.

²⁰⁵ MATSUNAGA, L. Sanções penais na Igreja. p. 157.

infratores recebiam como pena principal a exclusão da comunidade, que poderia ser temporária ou perpétua.

Clemente Romano declara na carta aos Coríntios: “Vós que lançastes os fundamentos da revolta, submetei-vos aos presbíteros e deixai-vos corrigir com arrependimento, dobrando os joelhos de vosso coração”²⁰⁶. Não é possível identificar de maneira exata o sentido da revolta descrita por Clemente. Porém é clara a intenção do autor em destacar que os transgressores iriam passar por algum tipo de correção. A Carta de Clemente Romano aos Coríntios é “considerado o primeiro documento no sentido jurídico fora da Bíblia, mostrando um pouco do exercício do ministério do Bispo de Roma no primeiro século, o que serve como referência histórica sobre as questões que envolvem a sucessão apostólica”²⁰⁷.

Inácio de Antioquia, na carta a Policarpo, deixa evidente que eram aplicados remédios diferentes para diversos casos de contenda na comunidade.

Se amas os bons discípulos, não tens mérito; submete-te com mansidão os mais contaminados. Nem toda ferida se cura com o mesmo emplastro. Acalma as crises violentas com compressas úmidas. Em todas as coisas, sê prudente como serpente e sempre simples como pomba, pois é carnal e espiritual para tratar com afabilidade as coisas que aparecem diante de ti²⁰⁸.

Irineu de Lião, no *Contra as Heresias*, relata uma batalha que é travada entre os que guardam a fé transmitida pelos apóstolos contra os que trilhavam outros caminhos e pretendiam arrastar outros com eles. Diante disso, Irineu tem a esperança de poder resgatar alguns dos que se perderam nas heresias:

Nossa batalha, caríssimo, é contra estes, que escorregadios como serpentes, tentam se esgueirar de todos os lados. Por isso, de todos os lados lhe devemos resistir, na esperança de poder trazer de volta à verdade alguns deles, refutados e confundidos. De fato, se é difícil que uma alma, tomada pelo erro, mude de opinião, contudo não é completamente impossível que possa evitar o erro quando se lhe apresenta a verdade²⁰⁹.

Hermas, na oitava parábola, descreve a situação dos que erraram, mas que ainda estavam sujeitos a algum tipo de penitência:

Aqueles que devolveram os ramos secos, mas não apodrecidos, estão próximo dos anteriores: eram hipócritas que introduziram ensinamentos errados, que desviavam os servos de Deus e sobretudo os pecadores, não lhes permitindo fazer penitência,

²⁰⁶ CLEMENTE ROMANO. Carta aos Coríntios 56, p. 62.

²⁰⁷ GONCALVES, M.L.M. Introdução ao Direito Canônico, p. 85.

²⁰⁸ INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta a Policarpo, 1. p. 121.

²⁰⁹ IRINEU DE LIÃO. Contra as Heresias, p. 248.

mas persuadindo-os com ensinamentos loucos. Todavia, esses têm esperança de fazer penitência²¹⁰.

A Didaqué enfatiza a correção mútua que deveria acontecer nas comunidades, em casos de contenda, demonstrando que para cada transgressão uma pena correspondente era aplicada:

Corrijam-se mutuamente, não com ódio, mas com paz, como vocês têm no Evangelho. E ninguém fale com nenhuma pessoa que tenha ofendido o próximo; que essa pessoa não escute nenhuma palavra de vocês, até que se tenha arrependido²¹¹.

Pela natureza do nosso estudo destacamos a obra *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma. Nela encontram-se prescrições que contribuíram para o posterior desenvolvimento das normas eclesiásticas.

3.1 Normas e prescrições da Tradição Apostólica de Hipólito de Roma

A *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma é “a mais conceituada obra em prol do Direito Canônico no Ocidente, apesar de revestida de formas orientais”²¹². A obra retrata as normas disciplinares que deveriam ser seguidas pelas comunidades, desde aquelas relativas à eleição dos bispos, à ordenação de presbíteros e diáconos, à iniciação cristã e à prática litúrgica até às profissões que não seriam mais lícitas após o ingresso no catecumenato.

No prólogo é indicada a utilidade da obra para o governo e ordenação das comunidades: “Conceda o Espírito Santo a graça perfeita aos que creem na verdade ortodoxa, para que os que se encontram à frente da Igreja saibam como convém ensinar e conservar tudo²¹³”. A intenção da obra é ser um guia a fim de orientar os chefes das Igrejas, indicando assim a preocupação do autor com a unidade da Igreja.

Na parte I, Hipólito descreve normas a respeito da eleição e consagração dos bispos, presbíteros e diáconos. “Seja ordenado bispo aquele que, irrepreensível (1

²¹⁰HERMAS. 72, p. 240.

²¹¹DIDAQUÉ. 15, p. 358.

²¹²LIMA, M.C. Introdução à História do Direito Canônico, p. 38.

²¹³HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, prólogo, p. 46

Tm 3,2), tiver sido eleito por todo o povo”²¹⁴. Sobre os diáconos não lhes era permitido que participassem do conselho dos presbíteros, mas se admitia que cuidassem da administração²¹⁵. O texto apresenta uma importante distinção entre o ministério ordenado e os demais, assim como descreve uma norma para corrigir aqueles que implantavam gestos comuns para a ordenação sacerdotal na instituição dos ministérios femininos.

Uma viúva não é ordenada ao ser instituída: é eleita pela simples inscrição do nome[...]. Não se imponha a mão sobre ela, porque não oferece a Oblação nem exerce a liturgia. A ordenação existe para o clero por causa da liturgia, mas a viúva só é instituída para a oração: esta é de todos²¹⁶.

Na parte II, sobre a iniciação cristã e catecumenato, é estabelecido que antes de aproximarem pela primeira vez para ouvir a Palavra, deveriam ser conduzidos à presença dos catequistas e responder alguns questionamentos, dentre os quais deveria ser esclarecido o motivo pelo qual estavam buscando a fé²¹⁷, podendo ser recusado se alguém levantasse algum testemunho contra eles ou em virtude do tipo de trabalho ou ocupação que exerciam.

Os que mantêm casa de prostituição desista, ou seja, recusado. O escultor ou pintor será ensinado a não fazer ídolos; ou cesse ou seja recusado. O que é ator ou representa no teatro cesse ou seja recusado. O professor de crianças é bom que cesse; no entanto seja-lhe permitido ensinar se não possui outra habilidade. Igualmente o cocheiro que compete e todo aquele que vai à luta nos jogos públicos cessem ou sejam recusados. O que é gladiador ou ensina a combater os gladiadores, o bestiário que exercer o seu mister e o funcionário encarregado das lutas de gladiadores cessem ou sejam recusado. O sacerdote – ou guardião – de ídolos abandone-os ou seja recusado. O soldado – que recebe o poder de matar – não matará ninguém²¹⁸; ainda que isto lhe seja ordenado não o fará, nem prestará o juramento. Se não concordar, porém, seja recusado. O que tem poder de gládio e o magistrado da cidade, revestido de púrpura, renunciem ou sejam recusados. O catecúmeno e o fiel que desejaram tornar-se soldados sejam recusados – por desprezarem a Deus. A meretriz, o devasso e o invertido, e qualquer outro que pratique atos que se não devem mencionar sejam recusados porque são impuros. Não seja apresentado à inquirição o mágico. O feiticeiro, o astrólogo, o advinho, o intérprete de sonhos, o charlatão, o falsário e o fabricante de amuletos renunciem ou sejam recusados²¹⁹.

²¹⁴HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, parte I, p. 46.

²¹⁵HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, parte I, p. 52.

²¹⁶HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, parte I, p. 55.

²¹⁷HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, parte II, p. 56.

²¹⁸ Ao receber a ordem de matar, o soldado deveria recusar tal encargo, pois caso contrário seria recusado na iniciação cristã. Uma norma precursora da objeção de consciência?

²¹⁹HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, parte II, p. 57.

Três anos era o tempo determinado para os catecúmenos ouvirem a Palavra. Também não era pouco o rigorismo para a recepção do sacramento do Batismo:

Escolhidos os que receberão o Batismo, sua vida será examinada: se viveram com dignidade enquanto catecúmenos, se honraram as viúvas, se visitaram os enfermos, se só praticaram boas ações. E, ao testemunharem sobre eles os que os tiverem apresentado, dizendo que assim agiram, ouçam o Evangelho²²⁰.

Na parte III, Hipólito descreve normas referentes ao jejum, às ceias da comunidade e às orações:

Jejem frequentemente as viúvas e as virgens, e rezem pela Igreja. Os presbíteros e os leigos jejem quando quiserem. O bispo, entretanto, não pode jejuar a não ser no dia em que todo o povo o faz, pois pode acontecer que alguém queira levar algo à igreja: ele não pode recusar e, se parte o pão, deve prova-lo²²¹.

De acordo com a obra, os catecúmenos não poderiam participar da Ceia do Senhor²²² e era exigida a presença de pelo menos um sacerdote na celebração da ceia, pois os leigos não podiam dar a *benedictio*²²³. É ordenado também o modo sobre como os fiéis deveriam agir no jejum pascal: “Ninguém coma, na Páscoa, antes de fazer a Oblação, pois não será considerado o jejum de quem assim proceder”²²⁴.

O autor demonstra uma grande preocupação em relação ao processo de instrução dos fiéis, mesmo aqueles que já tinha passado pelo catecumenato. Quando descreve os momentos em que se deve rezar, não deixa de mencionar a importância da instrução: “Se houver instrução da palavra de Deus, prefiram encaminhar-se ao local, considerando em seu coração que é a Deus que ouvem naquele que prega”²²⁵. Neste ponto é possível entender a preocupação de Hipólito, pois as heresias rondavam as comunidades e era preciso estar devidamente instruído, sobretudo na Palavra de Deus, a fim de não se deixar contaminar e sair do caminho reto da ortodoxia.

²²⁰HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, parte II, p. 60.

²²¹HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, parte III, p. 68.

²²²HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, parte III, p. 71.

²²³HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, parte III, p. 73.

²²⁴HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, parte III, p. 74.

²²⁵HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, parte III, p. 77.

No epílogo da obra, Hipólito de Roma sugere que todos guardassem as normas e prescrições descritas na obra, pois assim estariam seguindo e guardando a Tradição dos Apóstolos.

Aconselho a que sejam guardados por todos os que têm o coração puro. Se todos seguirem a Tradição dos Apóstolos – que ouviram – e souberam conservá-la, nenhum herético – ninguém, absolutamente – poderá afastar-vos do caminho reto. Na verdade, muitas heresias desenvolveram-se porque os chefes não quiseram aprender a doutrina dos Apóstolos, mas, seguindo a sua própria fantasia, fizeram o que quiseram – não o que deveriam fazer²²⁶.

Ser rejeitado na iniciação cristã ou não ter condições de receber o batismo, de acordo com as normas descritas na Tradição Apostólica, era algo bastante comum. No entanto, a partir do momento em que se recebia o batismo, os fiéis que se desviassem da doutrina ou a negassem de maneira pertinaz, passavam por um processo que poderia culminar na expulsão da comunidade. Antes de expor a ideia de excomunhão, é importante descrever o que significa estar em comunhão, pois assim é possível entender melhor os males que as heresias causavam no seio da Igreja e de que maneira os hereges sofriam as punições.

3.2 A comunhão

O conceito de assembleia convocada e reunida é muito usual quando se pretende apresentar o sentido etimológico do termo Igreja, porém é preciso não esquecer que a *communio* é o que une efetivamente os fiéis entre si e também o clero, sobretudo os bispos. “Uma importante instituição, também jurídica, que talvez tenha escapado de alguns autores, acerca da Igreja dos primeiros séculos, é a *communio* (com a união, comum união, comunhão)”²²⁷.

A comunhão praticada na Igreja Primitiva pode ser comprovada no livro dos Atos dos Apóstolos (At 2,42), embora também estejam presentes episódios de conflitos, como por exemplo, a fraude de Ananias e de Safira (At 5,1-11). A Didaqué também retrata a comunhão vivenciada na Igreja nascente como, por exemplo, no costume de se acolher os hóspedes: “Acolham todo aquele que vier em

²²⁶ HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica, parte III, p. 82.

²²⁷ LIMA, C.M. Introdução à História do Direito Canônico. p. 188.

nome do Senhor”²²⁸. É muito difícil imaginar que a Igreja primitiva, nascida como um grão de mostarda (Mc 4,30-32), tenha crescido e se tornado a maior de todas as hortaliças sem que seus membros experimentassem na prática a vivência da comunhão. Certamente as primeiras comunidades cristãs não teriam se desenvolvido, se a comunhão não fosse realmente vivenciada. “Onde a comunhão eclesial falha, afastando-se da doutrina transmitida pelos apóstolos, ou porque o comportamento moral é contrário à caridade e aos costumes evangélicos, quer dizer que não existe mais nem sequer a comunhão com Deus”²²⁹.

Seguir a Tradição é essencial para que a Igreja se mantenha unida, em comunhão. A controvérsia em Antioquia (Gl 2,11-14) ilustra como a decisão tomada pela assembleia dos apóstolos e dos anciãos virou norma para a Igreja primitiva. Na ocasião a discussão girava em torno da necessidade ou não da circuncisão por parte dos gentios que abraçavam a fé.

O novo Povo de Deus, nascido a partir do evento da Ressurreição, é a Igreja, e esta não existe sem comunhão. O principal objetivo da convocação do povo, reunido em assembleia²³⁰, a partir da obra de Cristo, não é a instauração de um reino meramente temporal e terrestre, mas celestial, “pois todos os fiéis dispersos pela terra estão em comunhão com os demais no Espírito Santo”²³¹. A Igreja foi querida por Jesus Cristo²³² e a fonte deste mistério é o próprio Deus, que ao revelar-se como comunhão interpessoal chama todos os homens à salvação²³³.

²²⁸ DIDAQUÉ. 12, p. 356.

²²⁹ GHIRLANDA, G. O Direito na Igreja, p. 34.

²³⁰ “A ekklesia designa: assembleia de culto, Igreja local e Igreja universal. Os três significados estão evidentemente entrelaçados. Existe, portanto, a única realidade da Igreja, do povo que Deus congrega neste mundo. A única Igreja de Deus manifesta-se concretamente por meio de comunidades locais e essas, por sua vez, encontram sua expressão mais alta na assembleia de culto. Vê-se por aí que os cristãos primitivos possuíam já essa consciência de unidade eclesial. Embora vivesse espalhada por diferentes lugares do mundo, e portanto, externamente dispersa, a Igreja incipiente tinha plena consciência de ser assembleia de Deus”. (RATZINGER, J. O Novo Povo de Deus, p. 137).

²³¹ LG, 13

²³² “Admitamos que a mensagem de Jesus não anunciava imediatamente o advento da Igreja, mas do Reino de Deus (ou do “Reino dos Céus”). Isto comprova estatisticamente no fato de que, das 122 passagens do Novo Testamento que falam do Reino de Deus, 99 pertencem aos evangelhos sinóticos, e destas últimas 90 são diretamente palavras de Jesus. Assim se pode compreender a frase de Loisy que se tornou popular: “Jesus anunciava o Reino, e o que veio foi a Igreja”. Entretanto, uma leitura desses textos sob o ponto de vista histórico nos mostra que esta contraposição entre Reino e Igreja não corresponde à realidade, pois, segundo a concepção judaica, a atividade de reunir e purificar os homens para o Reino faz parte do Reino de Deus”. (RATZINGER, J. Compreender a Igreja hoje, p. 13)

²³³ HOHEMBERG, G. A Igreja em Comunhão. p. 75.

Os Sacramentos, sobretudo a Eucaristia, é o que fundamenta de forma mística a *communio*. Não se deve correr o risco de interpretar a instituição da Eucaristia por Jesus apenas como gesto cultural a ser seguido pelos discípulos e pelas comunidades posteriores. “Mediante o acontecimento eucarístico, Jesus incorpora os discípulos em sua relação com Deus e com isso também em sua missão, que está dirigida para os muitos, para a humanidade de todos os lugares e de todas as épocas”²³⁴. A Eucaristia é a expressão máxima da comunhão eclesial. De acordo com Lima:

Era, conseqüentemente, a eucaristia, celebrada pelo bispo e participada pelos fiéis ou concelebrada pelos bispos entre si, que constituía a Igreja, pois a todos unia com Cristo, Cabeça da Igreja, e lhe proporcionava mais um constitutivo jurídico, cujo valor se ampliava por ocasião dos cismas e heresias, discriminando a autenticidade da fé e a adesão à Igreja. Assim, igualmente, em extremo importante era a comunhão com a sé de Pedro: manifestava ela a comunhão com a Igreja inteira. Do mesmo modo, ser excluído de uma comunidade significava a privação da comunhão eucarística com o bispo e os fiéis; ser privado dessa comunhão: estar excomungado²³⁵.

O mal causado pela propagação de ensinamentos estranhos e contrários à regra de fé provoca uma ferida na comunidade, sendo ocasião para o rompimento da comunhão, pois de acordo com Cipriano de Cartago, as heresias e cismas são inventadas pelo inimigo com o objetivo de subverter a fé, corromper a verdade e quebrar a unidade²³⁶. Com o rompimento da unidade é aberto o caminho para o processo de excomunhão.

3.3 A excomunhão

Excomunhão significa a “separação da comunidade ou a exclusão de algum culto ou da vida cristã”²³⁷. Importante destacar que o termo excomunhão foi utilizado tecnicamente pela primeira vez somente no I Concílio de Toledo (397-400). O bispo, sozinho ou acompanhado por presbíteros e diáconos, era quem exercia o poder de sanção da pena.

²³⁴ RATZINGER, J. Compreender a Igreja hoje, p. 17

²³⁵ LIMA, C.M. Introdução à História do Direito Canônico, p. 189.

²³⁶ CIPRIANO DE CARTAGO. Obras Completas. A unidade da Igreja Católica, p. 131.

²³⁷ MATSUNAGA, L. Sanções penais na Igreja. Revista de Cultura Teológica, n. 15, n. 60, p. 158.

Contrário do que possa parecer, mesmo nos dias atuais, a excomunhão não era uma condenação fria e vingativa por parte da Igreja, muito pelo contrário, pois a finalidade principal de toda pena canônica é no sentido expiatório-recuperador. No atual Código de Direito Canônico (1983) fica explícito tal sentido:

Cân. 1311 — A Igreja tem direito originário e próprio de punir com sanções penais os fiéis delinquentes. Cân. 1312 — § 1. As sanções penais na Igreja são: 1.º penas medicinais ou censuras, enumeradas nos cân. 1331-1333; 2.º penas expiatórias, referidas no cân. 1336. § 2. A lei pode estabelecer outras penas expiatórias, que privem o fiel de algum bem espiritual ou temporal, e sejam consentâneas com o fim sobrenatural da Igreja. § 3. Aplicam-se ainda remédios penais e penitências, aqueles sobretudo para prevenir delitos, e estas de preferência para substituir ou aumentar a pena²³⁸.

Ao aplicar a pena de excomunhão, a Igreja tem em vista a proposta para que o infrator veja uma oportunidade de reparação e de repensar as ideias. É sempre importante lembrar que a finalidade principal da Igreja é a salvação das almas, sendo necessário aplicar, quando precisa, os remédios eficientes para a cura de seus filhos. É certo que alguns não tenham conseguido retornar para a Igreja depois de passar por um processo de excomunhão, seja por motivo de morte ou mesmo por se negarem a renunciar as ideias consideradas heréticas. “Somente quando o delito era gravíssimo ou o delincente não dava esperanças de arrependimento, a pena de medicinal se tornava vindicativa, exigindo expiação permanente para o eventual perdão”²³⁹.

Não é correto o pensamento de que a aplicação de leis canônicas fere a essência da Igreja, no sentido de uma instituição divina valer-se de um direito positivo em sua administração. “A coerção é um direito fundado em harmonia com a própria natureza da Igreja e sua formação divina. Ela teria advindo, juntamente, com toda sua estrutura jurídica, de uma única fonte: seu criador, Jesus Cristo”²⁴⁰.

As sanções penais existentes derivam do fato das duas naturezas que constituem a Igreja, ou seja, trata-se de uma instituição divina e ao mesmo tempo organizada, enquanto sociedade, de forma hierárquica, não existindo incoerências entre uma natureza e outra. “É certo que as coisas terrenas e as que, na condição

²³⁸ CIC Cân. 1311; 1312, §1,2,3.

²³⁹ LIMA, C.M. Introdução à História do Direito Canônico, p. 198.

²⁴⁰ MATSUNAGA, L. Sanções penais na Igreja. Revista de Cultura Teológica, n. 15, n. 60, p. 164.

humana, transcendem este mundo, se encontram intimamente ligadas; a própria Igreja usa das coisas temporais, na medida em que a sua missão o exige”²⁴¹.

Não é possível imaginar uma Igreja, enquanto sociedade organizada, sem leis e normas que possam ser aplicadas nos casos em que a fé e a moral estejam em risco, sobretudo por causa de ensinamentos e comportamentos estranhos à regra de fé. “A Igreja tem, por sua constituição, uma organização hierárquica-monárquica e possui poderes legislativos, judiciários e executivos para guiar, com meios adequados e segurança, o Povo de Deus em sua completa realização”²⁴².

3.3.1

A praxe da excomunhão antes do cristianismo

A pena de excomunhão não foi uma invenção do cristianismo, pois mesmo antes do seu advento já existia tal prática. A prática da excomunhão não deve estar relacionada de forma exclusiva como penalidade canônica utilizada nas comunidades cristãs. “A prática parece institucionalizada, principalmente em relação à sinagoga, nos tempos após o retorno do exílio, sofrendo diversas evoluções ao longo do tempo”²⁴³.

Percorrendo às páginas do Antigo Testamento é possível notar leis descritas para reger tanto o convívio social quanto a prática religiosa do povo de Israel. O livro do Levítico e do Deuteronômio são referências sobre a legislação do antigo povo de Deus²⁴⁴. Assim sendo, é possível estabelecer uma ligação entre a história de Israel e a Igreja no seu aspecto institucional-legislativo.

Outra questão que emerge é sobre a natureza do Código de Direito Canônico. Para responder devidamente a ela, cumpre recordar o antigo patrimônio de direito contido nos livros do Antigo e do Novo Testamento, de onde, como de fonte primária, emana toda a tradição jurídico-legislativa da Igreja. Cristo Senhor, com efeito, de modo algum destruiu, mas, antes, deu pleno cumprimento (cf. Mt 5,17) à riquíssima

²⁴¹ GS 76

²⁴² LIMA, M.C. Introdução à História do Direito Canônico, p. 18.

²⁴³ BOROBIÓ, D. El sacramento de la reconciliación penitencial, p. 93.

²⁴⁴ “Quando Israel entra na terra, terá uma lei a cumprir. O livro do Deuteronômio apresenta os mandamentos e decretos como uma tarefa na terra prometida (cf. 6,1; 12,1). Observar os mandamentos significa ser fiel a Javé. Do cumprimento das leis dependem a vida e a benção de Israel na terra prometida” (6,20-25; 28). (LÓPEZ, F.G. O Pentateuco, p. 244).

herança da Lei e dos Profetas, formada paulatinamente pela história e experiência do Povo de Deus no Antigo Testamento²⁴⁵

Imaginar Israel sem o protagonismo que a lei exercia em todos os seus âmbitos - social, cultural, religioso - é uma tarefa hercúlea. Não é exagero afirmar que a trajetória do povo de Israel foi toda desenvolvida a partir da *Torah*. Mas a lei no contexto daquele povo não precisa ser entendida exclusivamente no seu aspecto jurídico legislativo-punitivo, mas como um conjunto de normas estabelecidos pelo próprio Deus para o bem do povo, a fim de que o mesmo não se desviasse do caminho correto. “O termo hebraico Torah tem um sentido muito mais amplo e não tão estritamente jurídico como o grego *nomos* com que os Setenta o traduziram. Designa um ensinamento dado por Deus para regular a conduta do Povo de Deus”²⁴⁶

A partir de várias prescrições morais, jurídicas, culturais, o povo de Israel moldou-se e construiu bases para sua formação, de modo que naquele período já existiam penas eclesiais para os que infringissem alguma norma. “De tudo isto nasceu um típico modo de vida jurídica e liturgicamente ordenada, que deu unidade e coesão àquele povo na sua comunhão com Deus”²⁴⁷.

Da Sinagoga os infratores estavam passíveis de receber dois tipos de pena, ou seja, existiam dois graus de excomunhão, uma considerada mais branda e outra mais severa. O *Nidduy* era a excomunhão mais benigna, quando o infrator era simplesmente separado da comunidade e da Sinagoga. Conforme Borobio:

Era pronunciado pelo chefe do mesmo ou pelo sacerdote e durava entre três e trinta dias. Após uma correção, se o pecador precisava de um tempo de penitência, ele era expulso da comunidade (proibição de participar de alguns atos comunitários) para fazer com que ele se convertesse²⁴⁸ (tradução nossa).

O outro tipo mais austero de excomunhão era o *Herem*. Uma separação mais rígida da comunidade e da Sinagoga era imposta ao infrator em vista da atuação

²⁴⁵ JOÃO PAULO II, Constituição Apostólica *Sacrae Disciplina Leges*. Disponível em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_25011983_sacrae-disciplinae-leges.html. Acesso em 12/03/2019.

²⁴⁶ GRELOT, P. Lei. In: DUFOR, L.X.; DUPLACY, J. (Dir.) VOCABULÁRIO DE TEOLOGIA BÍBLICA, p. 513.

²⁴⁷ JOÃO PAULO II, Discurso de apresentação do código. Disponível em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/february/documents/hf_jp-ii_spe_19830203_nuovo-codice.html. Acesso em 10/03/2019.

²⁴⁸ BOROBIO, D. El sacramento de la reconciliación penitencial, p. 93.

claramente formal de um tribunal e não apenas de um só juiz. Sobre a atuação do tribunal, Borobio descreve:

Era pronunciado não por um chefe apenas, mas por um tribunal. Durava mais e a separação da comunidade era mais rigorosa (não podia participar da oração, das refeições e dos negócios), embora não fosse uma penalidade perpétua. Seu objetivo era duplo: manter a pureza da comunidade não contaminada e criar condições para expiação e conversão²⁴⁹. (tradução nossa).

A respeito do fato da Sinagoga recorrer à excomunhão para resguardar a pureza da comunidade, é possível fazer uma analogia com um trecho da carta de Inácio de Antioquia aos Tralianos, quando pede para a comunidade tomar cuidado com os que plantam ervas estranhas no meio da comunidade²⁵⁰. Fica evidente que tanto a Sinagoga quanto, posteriormente, a primeiras comunidades cristãs tinham a preocupação de proteger a pureza da fé, indicando assim que os heréticos ou suspeitos de heresia não podiam permanecer no meio dos demais e, por isso, eram penalizados com a excomunhão.

Os principais delitos sujeitos à punição com a exclusão gradual da comunidade eram “pecados contra a honra de Deus, contra a tradição doutrinária e contra os outros. O processo não significava exclusão total, o que ocorria apenas no caso de apostasia total”²⁵¹. A Sinagoga institucionalizou a pena de excomunhão, prevendo a exclusão, por tempo determinado, com a possibilidade ou do infrator ser readmitido ou ser afastado definitivamente. Conforme Miranda:

Pecados que a provocavam eram sobretudo os que atingiam mais sensivelmente a comunidade salvífica do povo da aliança: pecados contra a honra de Deus, contra a tradição doutrinária e contra o próximo. O pecador era afastado, posto em condições desonrosas, numa situação de penitente; os fiéis deviam rezar por ele e admoestá-lo para conscientizá-lo de sua falta²⁵².

A excomunhão era a forma mais habitual de punição para aqueles que cometiam pecados graves e sempre era imposta a partir da intervenção dos líderes da comunidade, que eram os responsáveis em proclamar o decreto de excomunhão.

²⁴⁹ BOROPIO, D. El sacramento de la reconciliación penitencial, p. 93.

²⁵⁰ INÁCIO DE ANTIOQUIA. Carta aos Tralianos 6,1, p. 99.

²⁵¹ BOROPIO, D. El sacramento de la reconciliación penitencial, p. 94.

²⁵² MIRANDA, M.F. Sacramento da Penitência, p. 14.

3.4

A práxis de excomunhão e outras penas canônicas nos primeiros séculos do cristianismo

A celebração eucarística é a identificação própria da Igreja²⁵³, pois forma o vínculo mais estreito de comunhão que existe entre os membros da comunidade, ou seja, é a *communio* entre bispos e fiéis, supondo todo nível de interação entre tais ministérios. Estar em comunhão com a Igreja, com o bispo, era precípuo para que o fiel pudesse ter plenas condições de acesso à celebração eucarística. As cartas de comunhão, surgidas no final do segundo século, corroboram tal asserção e era um documento utilizado para, conforme Ghirlanda, resguardar a unidade de toda a Igreja:

Quando um cristão sai em viagem, recebe do seu bispo uma carta na qual este garante que ele está em comunhão com seu bispo, de modo que seja admitido à celebração eucarística na Igreja à qual chega. A averiguação de que o bispo escreveu a carta, e portanto toda a Igreja que ele representa, está na comunhão católica, é feita com base em listas que várias Igrejas possuem e que são continuamente atualizadas²⁵⁴.

Ter em mãos uma carta de comunhão era indicação para ser aceito nas demais Igrejas, de modo que quando saíam em viagem todos procuravam levá-la, pois de acordo com Ghirlanda:

Os próprios heréticos e cismáticos procuram para si uma carta de comunhão de qualquer Igreja principal, preferencialmente a de Roma, para serem aceitos nas outras Igrejas: o estar em comunhão com uma dessas Igrejas significa estar em comunhão com toda a Igreja católica²⁵⁵.

Especificamente a respeito da relevância da Igreja de Roma na emissão de cartas de comunhão, Ratzinger disserta:

O cristão que fosse para uma outra comunidade recebia do seu bispo a carta de comunhão, a qual dava certeza de que ele fazia parte da comunidade da grande Igreja. Para poder agir com seriedade, os bispos tinham em seu poder as listas em que indicavam o nome das comunidades que pertenciam à grande comunhão ortodoxa. Roma sempre encabeçava esta lista, aparecendo como centro da comunhão da Igreja. O princípio que se seguia era este: quem estiver em comunhão com Roma estará

²⁵³ O Papa João Paulo II na carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (2003), declara: “A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja”.

²⁵⁴ GHIRLANDA, G. O Direito na Igreja, p. 41.

²⁵⁵ GHIRLANDA, G. O Direito na Igreja, p. 41.

também em comunhão com a verdadeira Igreja. Quem não estiver em comunhão com Roma, também não estará fazendo parte da *Communio*, isto é, não será propriamente membro do Corpo de Cristo. Roma, a cidade dos príncipes dos apóstolos, Pedro e Paulo, ocupa a presidência da *Communio* geral da Igreja²⁵⁶.

Um exemplo que demonstra a utilidade das cartas de comunhão está relacionado com o processo contra o bispo de Antioquia, Paulo de Samósata (268), que, acusado de heresia, foi levado a julgamento e excomungado, de acordo com relato de Eusébio de Cesareia:

Em seguida, pelo final da carta, eles acrescentam o seguinte: Nós, portanto, fomos coagidos, após ter excomungado este adversário de Deus, apesar de sua resistência, de pôr em seu lugar, por Providência de Deus (e disto estamos persuadidos) na Igreja católica outro bispo, o filho do bem-aventurado Demetriano que antes de Paulo presidiu de modo excelente a mesma comunidade, Domno, ornado de todas as qualidades convenientes a um bispo; e estamos vos transmitindo esta notícia a fim de lhe escreverdes e dele receberdes cartas de comunhão²⁵⁷.

Na passagem acima fica evidente a intervenção dos bispos para garantir a unidade da Igreja, pois, reunidos, sobretudo quando alguma crise era eminente, procuravam responder às questões e aplicar uma pena ao causador dos distúrbios²⁵⁸.

O fiel que cometesse algum pecado grave deveria cumprir uma penitência e só depois estaria apto para voltar à comunhão eucarística. No caso da recusa em cumprir a pena imposta, sobretudo nas situações de delitos públicos, o “bispo podia excomungá-lo, excluindo-o da comunhão plena com a comunidade”²⁵⁹. O mesmo era indicado para os bispos que rompessem a comunhão entre eles próprios, sobretudo na suspeita de heresia, porém para que um bispo tivesse em condições de excomungar validamente outro bispo deveria estar em comunhão com a Igreja²⁶⁰.

A heresia constitui, de acordo com Gregório Magno (séc. IV), o maior grau de ruptura de comunhão com a Igreja. Os bispos ou presbíteros recebiam uma penalidade no caso de cometerem alguma indisciplina e ficavam impedidos de exercerem as funções eclesíásticas enquanto não cumprissem a penitência imposta²⁶¹. A respeito da pena de excomunhão, Lima descreve:

²⁵⁶ RATZINGER, J. O novo povo de Deus, p. 115.

²⁵⁷ EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica, livro VII, 30, 17. p. 386.

²⁵⁸ RATZINGER, J. O novo povo de Deus, p. 122.

²⁵⁹ REGIDOR, J.R. Teologia do Sacramento da Penitência, p. 172.

²⁶⁰ GHIRLANDA, G. O Direito na Igreja, p. 41.

²⁶¹ O atual Código de Direito Canônico também prevê aplicação de penas de suspensão em casos de indisciplina (*suspensio a divinis*).

Cân. 1333 — § 1. A suspensão, que só pode aplicar-se aos clérigos, proíbe:

Tinha gradações e atenuantes variadas, quando à duração e à abrangência; referia-se de modo todo especial à eucaristia; empregavam-se termos singulares para suas diferenciações: *consistentia*, exclusão das ofertas e da comunhão; *subtractio*, privação da inclusão nas orações públicas; *auditio*, proibição de assistir parte da missa; *fletus*, interdição de ingressar no templo. A distinção entre os apenados demonstra a gradação das penalidades e vice-versa. A penalidade conhecida como deposição visava os clérigos faltosos e incluía a privação das funções, acrescentando-se-lhe a excomunhão; portanto, também a perda do cargo, a degradação e a exclusão do estado clerical²⁶².

Os bispos, ao mesmo tempo em que podiam ser depostos de suas funções no caso de caírem em heresia, eram também os próprios legisladores eclesiásticos nos primeiros séculos. De acordo com Lombardia:

O bispo presidia a comunidade, admitia os catecúmenos ao batismo (e, portanto, à condição de membros da Igreja-sociedade), dirigia a administração do patrimônio da Igreja, ditava leis, impunha sanções etc.; em uma palavra, governava a comunidade cristã que lhe estava confiada²⁶³.

A Didascália dos Apóstolos (230) descreve as etapas que os bispos deveriam seguir antes de excluir definitivamente alguém da comunidade. O relato faz uma analogia do bispo com um médico que utiliza os conhecimentos adquiridos para curar doenças, indo até o limite, porém algumas doenças não podem ser curadas²⁶⁴.

1.º todos ou alguns atos do poder de ordem;

2.º todos ou alguns atos do poder do governo;

3.º o exercício de todos ou de alguns direitos ou funções inerentes ao ofício.

§ 2. Na lei ou no preceito pode determinar-se que, após sentença condenatória ou declaratória, não possa o suspenso realizar validamente atos de governo.

§ 3. A proibição nunca abrange:

1.º ofícios ou poder de governo, que não estejam sob a alçada do Superior que impõe a pena;

2.º o direito de habitação, se porventura o réu o tiver em razão do ofício;

3.º o direito de administrar os bens, que porventura pertençam ao ofício do próprio suspenso, se a pena for *latae sententiae*.

§ 4. A suspensão que proibir receber rendimentos, estipêndio, pensões ou outros bens semelhantes, acarreta a obrigação de restituir o que tenha sido recebido ilegítimamente, ainda que de boa fé.

²⁶² LIMA, C.M. Introdução à História do Direito Canônico, p. 199.

²⁶³ LOMBARDIA, P. Lições de Direito Canônico, p. 111.

²⁶⁴ DIDASCÁLIA DOS APÓSTOLOS. Antologia Litúrgica, p. 264. “Por isso, ó bispo, como médico compadecido, cuida de todos os pecadores, usa de toda a tua ciência e busca a cura, para que os pecadores vivam. Não tenhas pressa em separar da comunidade certos pecadores, mas usa antes a tua palavra como se fosse um tratamento, usa as tuas repreensões como se fossem um bálsamo, usa a tua oração como se fosse um emplastro. Se o abcesso se desenvolve em detrimento da carne, alivia-o com uma medicação salutar. Se o abcesso se enche de pus, esvazia-o, utilizando um medicamento forte, isto é, as tuas repreensões. Se a carne incha, raspa-a e alisa-a com um medicamento mais rude, isto é, ameaçando o pecador com o julgamento. Se aparecer um cancro, usa de cáusticos, ou seja, corta o cancro, impondo jejuns repetidos, e purifica assim o abcesso apodrecido. Mas, se o cancro continuar a crescer apesar das cauterizações, examina qual é o membro que foi atingido. Então, com outros médicos, analisa o caso e, depois de teres refletido demoradamente, cortarás esse membro apodrecido para que ele não corrompa todo o corpo. Mas não te deixes levar facilmente a cortar, nem te apresses a usar a serra de dentes afiados. Serve-te

De acordo com a *Didascália* o bispo é o responsável em curar as doenças dos membros da comunidade; a decisão em afastar alguém da comunidade não poderia ser tomada sem antes realizar uma investigação cuidadosa, evitando injustiças; as correções impostas deveriam sempre ser utilizadas com fins medicinais, de cura; em determinado momento o bispo sozinho não tinha mais condições de tratar o doente e, neste caso, era necessária a convocação de outros médicos, ou seja, de outros bispos, para resolver a questão. Somente então em última instância, depois de esgotadas as tentativas de tratamento, é que o infrator era expulso da comunidade.

3.5

A prática disciplinar em trechos do Novo Testamento e um caso de incesto na comunidade de Corinto.

Na Sagrada Escritura não é possível encontrar o termo excomunhão, porém algumas passagens, sobretudo no Novo Testamento, deixam subentendido a execução de tal pena aos que cometessem algum tipo de delito. Um caso emblemático ocorre na comunidade de Corinto, quando, na ocasião, havia uma denúncia de incesto (1 Cor 5,1). A maneira como Paulo instrui a comunidade a fim de resolver a questão é de suma importância para o contexto deste trabalho.

A primeira constatação é a admoestação que a comunidade recebe da parte do apóstolo, pois apesar do grave pecado que estava sendo cometido, nenhum membro havia tomando alguma atitude. Na concepção de Paulo, aquele que estava praticando o incesto já deveria ter sido expulso da comunidade: “E vós estais cheios de orgulho! Nem mesmo vos mergulhastes na tristeza, a fim de que o autor desse mal fosse eliminado do meio de vós?” (1 Cor 5,2). E esse foi exatamente o motivo pelo qual o apóstolo ficou transtornado com a situação, ou seja, existia um pecado público e o mesmo não podia ser deixado de lado. Não se tratava do pecado simplesmente, pois ele não poderia esperar que os membros das comunidades por onde tinha semeado a mensagem evangélica não tivessem pecados²⁶⁵, mas sim da

primeiro dum bisturi e abre o abcesso, a fim de poderes examiná-lo e conhecer a causa do mal escondido e íntimo, para que o corpo fique sem ferida. Mas, se vires que um pecador não faz penitência e abandona toda a esperança, então, com tristeza e com dor, corta-o e lança-o fora da Igreja”.

²⁶⁵ ROLOFF, J. A Igreja no Novo Testamento, p. 126.

falta de atitude em virtude da qual Paulo começa a intervir na situação, mesmo à distância. Depois da reunião da assembleia fica decidido que o causador da confusão deveria ser entregue à Satanás, de modo que padecesse na carne para garantir a salvação da alma (1 Cor 5,4-5). Conforme descrição de Borobio:

Essa intervenção consiste em julgar ou discernir a situação do pecado e sua gravidade (eu, por minha parte ... já julguei ..., v.3) e em expulsar ou excomungar o pecador da comunidade, declarando-o sob o poder do mal ou do demônio e, portanto, com a necessidade de se submeter a condições para a salvação definitiva. Enquanto a ruína da carne (*sarx*) significa a destruição do pecado, do velho homem, a rendição a Satanás indica a declaração de excomunhão; mas o objetivo não é punição, mas salvação²⁶⁶ (tradução nossa).

A razão para uma decisão aparentemente tão rigorosa consiste no fato de que a pureza da comunidade não poderia ser colocada em risco por conta da maldade de um membro, enquanto “a presença do fermento antigo é um perigo, pois pode infligir toda a massa, infectar e prejudicar a vida e a santidade de toda a comunidade. Então deve ser protegido de tal perigo”²⁶⁷ e o próprio Paulo ressalta: “Não sabeis que um pouco de fermento leveda toda a massa?” (1 Cor 5,6). É preciso destacar ainda que a *communio* faz com que todos os demais são afetados quando um membro da comunidade pratica uma ação boa ou ruim²⁶⁸. Na parte final da admoestação fica evidente que este tipo de julgamento e aplicação da respectiva pena só era apropriado aos que faziam parte da comunidade, ou seja, tinha validade para os irmãos, e não para os de fora (1 Cor 5,11-13).

A Igreja é santa e diante do risco de ter essa nota²⁶⁹ atingida pelos pecados mais graves de seus membros, é que a comunidade deve tomar determinadas atitudes. Conforme Miranda:

A comunidade sentia-se obrigada a expulsar de seu seio o pecador endurecido, pela consciência que tinha da santidade da Igreja; com isto evitava a contaminação os outros membros, e buscava a correção do pecador, fazendo-o cair na conta de seu estado²⁷⁰.

²⁶⁶ BOROPIO, D. El sacramento de la reconciliación penitencial, p. 113.

²⁶⁷ BOROPIO, D. El sacramento de la reconciliación penitencial, p. 115.

²⁶⁸ MIRANDA, M.F. Sacramento da Penitência, p. 13.

²⁶⁹ “Una, Santa, Católica e Apostólica. Esses quatro adjetivos foram incorporados ao artigo sobre a Igreja no símbolo do Concílio de Constantinopla no ano 381 (DS 150). Sua origem remonta a S. Círculo de Jerusalém e foram divulgados pelo símbolo de Epifânio”. (NINOT, P.S. Introdução à Eclesiologia, p. 74).

²⁷⁰ MIRANDA, M.F. Sacramento da Penitência, p. 15.

Nem todas as ocorrências de indisciplina eram tratados da mesma maneira. Os casos recebiam tratamentos diferenciados de acordo com a gravidade da situação. As resoluções para os casos mais graves consistiam na aplicação das práticas penitenciais.

3.5.1 Práxis penitencial

O Novo Testamento também admite a existência de alguns tipos de penitência, sobretudo nos casos de pecados graves, em que se enumeram outras sanções por causa da heresia. Os Padres chamam o processo penitencial da Igreja de segunda tábua de salvação depois do naufrágio, ou seja, após ter sido salvo do dilúvio pela graça do batismo, é possível uma nova oportunidade de regeneração através da penitência pós-batistal²⁷¹.

Pelo menos quatro tipos podem ser descritos: a práxis preventiva; a corretiva; a reconciliação fraterna e a práxis curativa²⁷². Através de conselhos e exortações é realizada a práxis preventiva, ou seja, a comunidade é instruída a fim de que permaneçam na retidão e na santidade (1 Ts 5,11-14). A práxis corretiva é útil nos casos de admoestação fraterna, quando o irmão de comunidade já caiu em pecado (Mt 18,15). O perdão mútuo e a disposição em voltar a viver em paz com os outros é o que distingue a práxis da reconciliação fraterna (Mt 18,21). Porém, quando o pecado é muito grave e atinge não apenas a Deus mas também a comunidade, sobretudo nos casos de apostasia, adultério e assassinio, conforme Borobio, outra práxis é exercida:

A prática curativa, que leva consigo a intervenção mais direta da comunidade por meio de seus chefes, a fim de iniciar um processo de cura e conversão por quem pecou gravemente contra Deus e contra a comunidade. Essa prática implica excomunhão ou exclusão, que pode ser simples (Rm 16, 17; 2 Cor 2.6; 2 Ts 3, 6ss), mais rigorosa (Mt 18, 18; 1 Cor 5, 1ss), ou mesmo com maldição (o caso de Ananias e Safira, Atos 5, 3-6; caso de Simão Mago, Atos 8, 20ss)²⁷³.

²⁷¹ NOCKE, F.J. Doutrina Específica dos Sacramentos: Penitência. In: SCHNEIDER, Thedor (Org.). Manual de Dogmática Volume II, p. 274.

²⁷² BOROBIO, D. El sacramento de la reconciliación penitencial, p. 97.

²⁷³ BOROBIO, D. El sacramento de la reconciliación penitencial, p. 98.

Em alguns livros do Novo Testamento é possível verificar que os pecados eram fragmentados de acordo com o contexto da infração como, por exemplo, aqueles pecados que separam o fiel do Reino de Deus (lista de vícios: Rm 1,29-32; 1 Cor 6,9s; Gl 5,19-21; Ef 5,5), e os que, diferentemente dos outros pecados (leves), conduzem ao julgamento à morte eterna²⁷⁴.

Com a diversidade da práxis penitencial, fica clara a existência de uma disciplina, desde os primórdios da Igreja, que deveria ser seguida pelos membros da comunidade cristã. O procedimento consistia basicamente em afastar do convívio comum aqueles que cometeram algum erro grave, porém isso não deve levar ao entendimento de que a Igreja abandonasse os pecadores, mas sim que estava pedindo pela conversão e arrependimento de cada um deles, pois, na sua essência, a Igreja existe para salvar as almas e não para perdê-las. Conforme Müller:

A missão eclesiológica confiada pelo Senhor ressuscitado indica um poder de “ligar e desligar”, transmitido pelo Espírito Santo (Mt 16,19; 18,18) e pelo “perdoar e reter” (Jo 20,23) os pecados. Deste “ligar” e “reter” dos pecados não é, absolutamente, apenas um ato jurídico-disciplinar. Este procedimento tem um significado salvífico²⁷⁵.

A partir da descrição acima, relacionada ao poder de ligar e desligar conferido pelo próprio Jesus Cristo aos apóstolos, é possível apresentar uma fundamentação do processo de excomunhão, prática exercida também na Igreja primitiva. “A exclusão da comunidade não significa simplesmente uma medida disciplinar externa; pecado e distanciamento comunitário definem a situação do homem diante de Deus”²⁷⁶.

3.5.2 O poder de ligar e desligar

Traços do aspecto jurídico da Igreja podem ser identificados no trecho do evangelho escrito por Mateus, quando Jesus concede aos apóstolos o poder de ligar e desligar (Mt 18,18). Os termos ligar e desligar não eram estranhos à comunidade

²⁷⁴ MÜLLER, G.L. Dogmática Católica, p. 503.

²⁷⁵ MÜLLER, G.L. Dogmática Católica, p. 502.

²⁷⁶ MIRANDA, M.F. O Sacramento da Penitência, 17.

cristã, pois no meio rabínico se utilizava da mesma linguagem. De acordo com Nocke:

Ligar e desligar são expressões técnicas tiradas da prática de excomunhão usual no judaísmo: ligar refere-se à decretação da excomunhão, à exclusão da comunhão, desligar refere-se à revogação da excomunhão, à readmissão²⁷⁷.

Pode ter um significado mais geral que estaria relacionado com o falar com autoridade, proibindo ou permitindo alguma coisa. De acordo com Miranda, no sentido mais específico:

Indica proscrever, excomungar ou levantar a excomunhão. Deste modo interpreta-se tal expressão nos textos em questão (Mt 16,19; 18,18 e Jo 20,22ss) como referindo-se ao poder magisterial e disciplinar, a saber, o poder de declarar que uma doutrina ou práxis está proscribida ou aceita pela Igreja; neste poder está incluído o poder de excluir e de readmitir um membro da comunidade conforme suas doutrinas ou suas ações estejam conforme ou não à doutrina e lei da Igreja; portanto aí encontra-se o poder de excomungar alguém pelos seus pecados, e de readmiti-lo pelo perdão²⁷⁸.

Quando um membro da comunidade comete algum delito, seja por pecado pessoal ou heresia, todos estão implicados em tal ato e junto com o infrator irão sofrer as penalidades. Os próprios membros, individualmente ou em conjunto,²⁷⁹ intervêm e exercem o múnus de ligar ou desligar, aplicando ou não a pena de excomunhão. “Neste sentido, atar-desatar significaria primariamente o poder de declarar alguém separado da comunidade eclesial (e portanto da graça, da salvação de Deus)”²⁸⁰ (tradução nossa). Borobio indica que em todo caso de excomunhão acontece um movimento de sentido duplo, da parte do pecador e da comunidade:

²⁷⁷ NOCKE, F.J. Doutrina Específica dos Sacramentos: Penitência. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). Manual de Dogmática Volume II, p. 279.

²⁷⁸ MIRANDA, M.F. O Sacramento da Penitência, p. 18.

²⁷⁹ “A quem é dada a autoridade de “ligar” e “desligar”: à comunidade como um todo ou a determinados ocupantes de cargos eclesiásticos? Antigamente teólogos católicos consideravam Mt 18, 18 (bem como Jo 20,23) uma prova escriturística inequívoca para o poder de absolver dos sacerdotes. Hoje Mt 18,18 é interpretado de diferentes maneiras em relação a essa questão (também por teólogos católicos). Em todo o caso, se poderá dizer: ligar e desligar são, sem dúvida, tarefa de toda a comunidade. No entanto, desde que existem distribuição de competência especial de ocupantes de cargos eclesiásticos no caso de exclusão ou readmissão. Essa competência, porém eles não possuem independentemente da comunidade ou unilateralmente em contraposição a ela, mas ela resulta da competência de toda a comunidade para superar culpa em suas fileiras.” (NOCKE, F.J. Doutrina Específica dos Sacramentos: Penitência. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). Manual de Dogmática Volume II, p. 274). “Com a reforma, tanto para Lutero como para Calvino, qualquer cristão podia ser o ministro deste sacramento. Reagindo contra esta afirmação o concílio de Trento define que os bispos e sacerdotes são os únicos ministros do sac. da penitência (DS 1710)” MIRANDA, M.F. Sacramento da Penitência, p. 44.

²⁸⁰ BOROBIO, D. El sacramento de la reconciliación penitencial, p.110.

No primeiro movimento, o pecador se separa da comunidade por causa de seu pecado e a comunidade declara que ele se separa e se separa ao mesmo tempo do pecador, para fazê-lo corrigir e se converter, o retorno a Deus e a comunhão eclesial (...). No segundo movimento, o pecador inicia um processo de aproximação e retorno à comunidade (conversão), cumprindo as condições de penitência impostas, e a comunidade conforta, ora, ajuda e procura o pecador (= consola), para que ele possa acolher o reconciliação e perdão que o próprio Deus oferece²⁸¹ (tradução nossa).

Uma questão polêmica, hasteada ainda nos primórdios do cristianismo, diz respeito exatamente ao poder conferido à Igreja para o perdão dos pecados, ou seja, trata-se de um poder ilimitado, sobretudo nos casos de pecados graves ou alguns delitos não podem ser perdoados? O poder ilimitado da Igreja em ligar-desligar é atestado por alguns trechos da literatura patrística.

Hermas descreve uma recomendação a respeito do pecado do adultério, admitindo que tal pecado possa ser perdoado. Fica implícito que tal perdão está relacionado com o ligar-desligar:

Senhor, e se a mulher depois de ter sido repudiada, se arrepender e quiser voltar a seu marido, ele deverá acolhê-la? Ele continuou: Sim. E se o marido não a receber, ele cometerá pecado e carrega-se de grande culpa. É preciso acolher aquele que peca e se arrepende, mas não muitas vezes²⁸².

No diálogo com o judeu Trifão, Justino de Roma atesta que todos os pecados, desde que devidamente arrependidos, podem receber de Deus o perdão. O contexto de Mateus (Mt 16,18) refere-se ao poder conferido à Igreja de perdoar os pecados. “Bem aventurado o homem a quem Deus não lhe imputa pecado, isto é, aquele que, arrependido de seus pecados, recebe de Deus o perdão”²⁸³.

Irineu de Lião, no *Contra as Heresias*, faz uma distinção entre aqueles que se obstinaram no pecado, e com isso abandonaram de vez a possibilidade do perdão da parte de Deus, e os que se arrependeram e obtiveram o perdão:

É o que foi dito pelo profeta: “Eu sou Deus ciumento que faço a paz e crio o mal”: com os que se arrependem e convertem a ele faz a paz e estabelece a amizade e a união; para os que não se arrependem e fogem da sua luz prepara o fogo eterno e as trevas exteriores, que são o mal para os que caem neles²⁸⁴.

²⁸¹ BOROBIO, D. El sacramento de la reconciliación penitencial, p.115.

²⁸² HERMAS. Padres Apostólicos, p. 196.

²⁸³ JUSTINO DE ROMA. Diálogo com Trifão, p. 322.

²⁸⁴ IRINEU DE LIÃO. Contra as Heresias, p. 511.

Hipólito de Roma vê a situação dos pecadores de outra forma, ou seja, não é complacente com os que cometem delitos graves e na sua concepção alguns não merecem receber o perdão das faltas, não considerando o poder ilimitado conferido à Igreja de ligar-desligar.

É essencial nunca perder de vista as atitudes do próprio Jesus ao lidar com os pecadores públicos, pois não apenas lhes perdoou, mas também trouxe de volta a vida em comunidade para aqueles que estavam excluídos. O fato de Jesus sentar-se à mesa com pecadores é um sinal de que também a Igreja deveria desligar a pena aos que buscassem novamente a comunhão. “As palavras ligar e desligar significam: aquele que excluirdes da vossa comunhão, será excluído da comunhão com Deus; aquele que receberdes de novo na vossa comunhão, Deus o acolherá também na sua”²⁸⁵.

Alguns personagens, contemporâneos de Hipólito de Roma, ficaram conhecidos na história não apenas por suas doutrinas consideradas heréticas, mas também pelos processos de excomunhão pelos quais passaram.

3.6

As excomunhões de Teódoto de Bizancio, Marcião, Montano, Noeto, Sabélio.

Dentre as piores consequências que os pecados poderiam ocasionar, sobretudo os mais graves, incluindo também as heresias, era a quebra da unidade eclesial. Embora já existisse na segunda metade do século II²⁸⁶, é somente a partir do século III que os bispos irão se reunir com mais frequência exatamente para garantir a unidade eclesial necessária²⁸⁷. Conforme Alberigo:

A celebração de grandes assembleias conciliares constitui uma marca que atravessa toda a secular história cristã. Nascidos espontaneamente, sem que houvesse projeto preliminar, os concílios – influenciados também pelos famosos modelos do Sinédrio hebraico e do Senado romano – são uma das mais interessantes e significativas

²⁸⁵ CEC 1445.

²⁸⁶ Um relato de Eusébio de Cesareia descreve uma reunião a fim de deliberar a respeito da heresia de Montano no século II: “Ora, os fiéis da Ásia reuniram-se frequentemente em muitos lugares por causa disto. Examinaram os novos discursos e consideraram-nos profanos. E condenada a heresia, expulsaram da Igreja seus adeptos, excluindo-os da comunhão”. (EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica V, 10 p, 255).

²⁸⁷ ROPS, D. A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires, p. 323.

manifestações da dinâmica de comunicação no nível intereclesial que caracteriza o cristianismo dos primeiros séculos e o anima constantemente²⁸⁸.

É importante recordar que, por via de regra, quando a comunidade, sob a presidência de um bispo, se reunia para deliberar alguma questão grave e que comprometia a paz e unidade da Igreja, não havia razão de aplicar uma punição severa como forma de castigo, mas essa era apresetada como remédio que possibilitasse a recuperação do infrator. Somente quando a Igreja passa a ser a religião oficial do Império é que alguns heréticos receberão outro tratamento, pois a disciplina eclesiástica será bem mais rigorosa²⁸⁹.

Prisciliano, em 385, foi o primeiro herético da história da Igreja a receber a pena de morte por decapitação aplicada pelo imperador Máximo, quando na verdade foi condenado não por heresia mas pela prática da magia. A pena foi decretada pelo imperador com o apoio dos bispos Idácio e Itácio, atitude que gerou uma repercussão negativa. “Os bispos mais moderados condenaram a atitude insana de Idácio e Itácio. O primeiro teve que renunciar a sua sede episcopal e o segundo foi excomungado”²⁹⁰. Em relação às doutrinas ensinadas por estes hereges, serão detalhadas no próximo capítulo à luz da obra *Philosophumena*.

Graças aos escritos de Justino, Irineu, Eusébio e Tertuliano, ficou conhecido um dos mais relevantes hereges do século II: Marcião, nascido em Sinope, região do Ponto na atual Turquia aproximadamente no ano 85. No século III, Hipólito de Roma²⁹¹ apresenta informações a respeito de Marcião e seus discípulos assim como a forma de sua heresia. Levava uma vida muito virtuosa e casta tornando-se presbítero após ingressar na vida monástica. Era filho do bispo da cidade e foi excomungado e expulso da cidade pelo próprio pai, acusado de ter seduzido uma virgem (alguns dizem que se tratava de uma figura retórica, sendo esta virgem a Igreja)²⁹². Dirige-se para Éfeso e lá não consegue muito espaço para difundir suas ideias. Segue para Roma por volta de 139, ganha espaço na comunidade e começa a ensinar sua doutrina publicamente, graças à doação generosa que realizou (cerca de 200 mil sestérios). Porém, a boa convivência não durou muito tempo e Marcião

²⁸⁸ ALBERIGO, G. História dos Concílios Ecumênicos, p. 5.

²⁸⁹ FRANGIOTTI, R. História das Heresias, p. 6.

²⁹⁰ FRANGIOTTI, R. História das Heresias, p. 111.

²⁹¹ HIPÓLITO DE ROMA, *Philosophumena* VII, 3

²⁹² FRANGIOTTI, R. História das Heresias, p. 40.

entrou em conflito também com a comunidade romana. “Um conselho de presbíteros, em 144, repudiou suas doutrinas, devolvendo-lhe a generosa doação e o banuiu da comunidade²⁹³”. Tendo retornado para o Oriente, separa-se da Igreja e funda uma Igreja própria, contrapondo-se assim à Igreja Católica²⁹⁴. Morreu por volta do ano 160.

O movimento conhecido como montanismo surgiu na segunda metade do século II, com datação não muito precisa, por volta dos anos 170. Hipólito de Roma²⁹⁵ e Eusébio de Cesaréia²⁹⁶ apresentam detalhes sobre a doutrina de Montano.

Independente dos seus ensinamentos heréticos, o principal motivo que levou à excomunhão de Montano é o questionamento que insistia em fazer a respeito da autoridade dos bispos. “A comunidade é reunida por vários dias e se discute longamente sobre este e outros argumentos. É a primeira notícia que tem-se de uma reunião da comunidade para resolver problemas doutrinários²⁹⁷”.

Montano era acompanhado em sua evangelização por duas mulheres: Priscila e Maximila, profetisas e sacerdotisas. A pregação da iminente chegada do fim do mundo, a nova profecia, é a principal característica do montanismo. Montano mantinha costumes severos e bastante rígidos²⁹⁸, sobretudo em vista da chegada do fim dos tempos por ele profetizada. “O ponto mais alto do rigorismo montanista era o de que, após o batismo, os pecadores não deveriam esperar novo perdão dos pecados²⁹⁹”. De acordo com Montano, a Igreja não tinha poder para perdoar os pecados considerados mais graves como, por exemplo, o homicídio, a apostasia e o adultério.

No fim do século II, por volta do ano 180, seguindo na linha da fidelidade monoteísta, Noeto de Esmirna difunde o pensamento modalista, segundo o qual “o próprio Cristo é o Pai; o Pai é aquele que se encarnou, que sofreu e que morreu³⁰⁰”.

²⁹³ FRANGIOTTI, R. História das Heresias, p. 41.

²⁹⁴ SIMONETTI, M. Marcião. In: Berardino, A; Fedalto, G; Simonetti, M. (orgs). Dicionário de Literatura Patrística, p. 1182.

²⁹⁵ HIPÓLITO E ROMA, *Philosophumena* VIII, 19

²⁹⁶ EUSÉBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica, V, 15, 7. p. 254.

²⁹⁷ COSTA, P.C. *Salvatoris Disciplina*, p. 44. Neste ponto é preciso levar em consideração outra notícia apresentada por Eusébio de Cesareia: “Ora, os fiéis da Ásia reuniram-se frequentemente em muitos lugares por causa disto. Examinaram os novos discursos e consideraram-nos profanos. E condenada a heresia, expulsaram da Igreja seus adeptos, excluindo-os da comunhão”. EUSEBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica, V, 16, 10.

²⁹⁸ Jejuns severos, a exigência de oferecer grandes quantidades de esmolas de qualquer tipo, proibição do matrimônio. Exigia também dos seus seguidores uma obediência cega às suas ordens.

²⁹⁹ FRANGIOTTI, R. História das Heresias, p. 58.

³⁰⁰ HIPÓLITO DE ROMA. *Contra Noeto*, 1.

Noeto foi o primeiro teólogo que formulou a tese monarquiana, difundindo assim a teologia unitária radical³⁰¹, sendo refutado por Hipólito de Roma e por Epifânio³⁰². A personalidade de Noeto era criticada por Hipólito que o considerava um homem orgulhoso e vaidoso.

Os presbíteros de Esmirna, perturbados com os ensinamentos de Noeto, convocam-no para um encontro a fim de esclarecer os pontos controversos de sua doutrina. Hipólito de Roma fornece informações relevantes sobre este processo:

Vindo a saber, os beatos presbíteros o convidaram a apresentar-se à presença da comunidade e o interrogaram, mas ele negou e disse não aspirar ao posto de comando. Por algum tempo depois, ele se hospedou com alguns e os agregou de modo de fazê-los participantes de seu erro, sucessivamente tomou a decisão de sustentar abertamente a sua opinião. Agora, os beatos presbíteros o convocaram de novo e o colocaram sob acusa. Mas ele se defendeu dizendo: que mal faço se glorifico Cristo[...]. Os presbíteros lhe responderam: também nós conhecíamos o verdadeiramente um só Deus, conhecíamos Cristo, conhecíamos o Filho que sofreu como sofreu, é morto como é morto e ressuscitou ao terceiro dia, e está a direita do Pai e vem julgar os vivos e os mortos. Afirmamos tudo isso como aprendemos. Então, depois de o terem confutado, o expulsaram da Igreja. Este chegou a tal ponto de soberba que instituiu uma escola³⁰³.

O texto de Hipólito é fundamental para demonstrar de que modo a Igreja reagia nos casos em que a ortodoxia da fé era colocada em risco naquele período. Certamente é um dos poucos textos disponíveis em que se descreve em detalhes a forma de um processo que culmina com a excomunhão de um membro da comunidade por causa da propagação de doutrinas estranhas à regra de fé. É plausível que todos os processos de excomunhão daquele período passassem pelo mesmo rito.

A primeira informação relevante é a presença da comunidade reunida para tratar sobre a questão. Embora toda comunidade seja convocada a participar, é possível identificar a iniciativa dos presbíteros em presidir a reunião.

O acusado é interrogado e uma vez descoberto o seu erro, ele é convidado a se retratar e se não se retrata é expulso da comunidade. Outro fato importante, é que neste momento a comunidade eclesial afastava do seu seio o herético, mas o herege podia continuar na mesma cidade difundindo a sua doutrina e fundar ali a sua comunidade. A pena eclesiástica consistia somente no expulsar do seio da comunidade eclesial. Somente depois de Niceia com a ligação entre Igreja e império,

³⁰¹ COSTA, P.C. *Salvatoris Disciplina*, p. 57.

³⁰² KELLY, J.N.D. *Patrística*, p. 89.

³⁰³ HIPÓLITO DE ROMA. *Contra Noeto*, 1, 1-8.

o império começará a aplicar a pena política da cassação dos bens e do exílio aos condenados pela Igreja³⁰⁴.

A teologia de Teodoto, um bizantino muito culto e comerciante de couro, é originária da concepção judaico-cristã heterodoxa que negava uma existência própria para os três da Trindade. Muito difundida nos séculos II e III, tratava-se da heresia trinitária monarquianista, que propagou-se a partir de duas vertentes: adocionista e modalista. “Segundo o monarquianismo adocionista ou “dinâmico” difundido em Roma por Teódoto (c. 190), Cristo teria sido um simples homem adotado por Deus no nível de Filho de Deus”³⁰⁵. O bizantino teria sido o primeiro a desenvolver de forma sistemática o adocionismo. “Quando o acusaram de ter renegado a fé, por ocasião de uma perseguição, justificou-se dizendo que não negara nada mais que um homem (Jesus)”³⁰⁶. No próximo capítulo desta pesquisa, demonstraremos de que maneira Hipólito de Roma, no livro VII da *Philosophumena*, faz uma refutação da heresia de Teódoto e combate de forma veemente os adocionistas.

Teódoto de Bizâncio recebeu a excomunhão do Papa Vítor por volta nos anos 190: “Vítor também excomungou Teódoto de Bizâncio, chefe de um grupo de adocionistas que ensinavam que Jesus não era o verdadeiro Filho de Deus, mas só seu filho adotivo”³⁰⁷. A partir de Eusébio de Cesareia é possível constatar a pena recebida por Teódoto da parte do Papa Vítor (189-198):

Quem ignora a existência dos livros de Ireneu, Melitão e outros? Todos anunciam que Cristo é Deus e homem. E tantos salmos e cânticos, compostos por irmãos na fé desde os primórdios, que cantam o Verbo de Deus, o Cristo, como sendo Deus? Uma vez portanto, que o senso da Igreja foi anunciado há tantos anos, pode-se aceitar que os que viveram até o tempo de Vítor tenham pregado tal qual eles o afirmam? Como não se coram de atribuir mentirosamente essas doutrinas a Vítor, quando sabem perfeitamente que Vítor excomungou Teódoto, o curtidor, chefe e pai desta apostasia que nega a Deus e foi o primeiro a afirmar que Cristo é um simples homem? Se, conforme eles asseguram, Vítor pensava conforme ensina esta blasfêmia, como então expulsou Teódoto, o inventor de tal heresia?³⁰⁸

O líbio Sabélio é o grande representante do modalismo na história. Novaciano e Dionísio de Roma são as principais fontes a respeito do sabelianismo em Roma.

³⁰⁴ COSTA, P.C. *Salvatoris Disciplina*, p. 58.

³⁰⁵ PADOVESE, L. *Introdução à Teologia Patrística*, p. 66.

³⁰⁶ FRANGIOTTI, R. *História das Heresias*, p. 22.

³⁰⁷ MCBRIEN, R.P. *Os Papas*, p. 46.

³⁰⁸ EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*, livro V, 28, 6 p. 275.

Hipólito, na *Philosophumena*, indica sem dúvidas que Sabélio marcou presença na Igreja em Roma, por volta dos anos 220 e que foi expulso da Igreja pelo papa Calisto, após a morte de Zeferino³⁰⁹. Sabélio, antes da excomunhão, tinha conquistado a amizade e a confiança de Calisto, porém é provável que Hipólito tenha exercido forte influência na decisão do papa, pois era um dos maiores adversários de Sabélio: “Mas como o fator caráter conta também no desenvolvimento das questões teológicas, Calisto por medo de Hipólito, que deveria ser genioso, excomungou Sabélio”³¹⁰. Hipólito havia acusado o papa Zeferino de estar conivente com o sabelianismo pela demora do pontífice em condenar Sabélio.

A condenação do sabelianismo foi ratificada no I Concílio de Constantinopla (381):

Não deve ab-rogar-se a fé dos trezentos e dezoito santos Padres reunidos em Nicéia de Bitínia mas ela deve permanecer em vigor, e toda heresia ser anatematizada; e especialmente a dos eunomianos, ou seja, dos anomeus; a dos arianos, ou seja, dos eudoxianos; e a dos semiarianos, ou seja, dos pneumatômacos; e a dos sabelianos, dos marcelianos, dos fotinianos e dos apolinaristas³¹¹.

Vários sínodos posteriores também condenaram a heresia sabeliana, como por exemplo os Sínodos de Roma (382)³¹², e Latrão (649)³¹³. Sabélio morreu no Egito por volta dos anos 260.

3.7

O cisma de Hipólito de Roma com o papa Calisto.

Hipólito de Roma é historicamente considerado o primeiro antipapa³¹⁴ por causa de suas contendas com os papas Zeferino³¹⁵ (199-217) e Calisto³¹⁶ (218-222).

³⁰⁹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, 9, 12.

³¹⁰ COSTA, P.C. *Salvatoris Disciplina*, p. 51.

³¹¹ DH 151.

³¹² DH 154

³¹³ DH 519

³¹⁴ A história já registrou 39 antipapas, sendo Félix V o último (1439-1449)

³¹⁵ Alguns colocam a data de início do pontificado de Zeferino em 198, mas na listagem oficial do Vaticano consta o ano de 199, porém deixa uma dúvida em relação ao final: 217 ou 218.

³¹⁶ “Depois de Pedro, Calisto é o primeiro papa a ter o nome comemorado como mártir no mais antigo martirológio da Igreja romana, o *Depositio Martyrum* (354)”. (MCBRIEN, R.P. *Os Papas*, p. 47)

Grande parte do conhecimento que se tem a respeito destes papas dá-se graças às críticas que receberam ao longo de seus pontificados da parte de Hipólito.

Em relação a Zeferino, Hipólito o considerava sem a instrução adequada para exercer o seu ministério e que Calisto exercia forte influência em suas decisões. A atitude pouco enérgica de Zeferino diante das várias ameaças à fé naquele período, era o que deixava Hipólito inconformado e por isso fazia duras críticas ao papa. De acordo com Mcbrien:

À luz da ênfase moderna no múnus papal como guardião e defensor da ortodoxia, tais críticas são notáveis. Papas primitivos como Zeferino e Eleutério foram acusados de ser indulgentes demais com os dissidentes doutrinários, em vez de muitos severos³¹⁷.

Com Calisto a atitude de Hipólito não é muito diferente, pois desde o início não aceitara a eleição do sucessor de Zeferino. As críticas e as contendas se concentraram no campo das divergências doutrinárias e disciplinares. Em relação à primeira, Hipólito acusava Calisto de ser modalista; nas questões disciplinares Calisto é criticado por aceitar de volta a Igreja os hereges, ou seja, para Hipólito o papa era muito complacente com os pecadores graves e isso era muito prejudicial para a pureza da Igreja. O rigorismo e intransigência hipolitana atingiram o ápice através do seu rompimento com a comunidade romana, quando foi eleito bispo³¹⁸ por um grupo cismático.

O fato é que Hipólito, embora com o título de antipapa, nunca foi excomungado, mas rompeu com a Igreja de Roma por não concordar com as atitudes do papa, ou seja, nunca fora convocado a dar explicação perante uma reunião de bispos a respeito de seu comportamento.

O exílio sofrido por Hipólito para as minas da Sardenha (235), junto com o Papa Ponciano (230-235), ocorreu por conta da perseguição de Maximino e não tem relação com suas contendas com o papa Calisto. Porém, o processo do exílio de Hipólito é acompanhado de um fato eclesial muito significativo, quando Ponciano

³¹⁷ MCBRIEN, R.P. Os Papas, p. 46.

³¹⁸ Importante destacar que o nome de Hipólito não consta na lista dos bispos de Roma.

renuncia ao papado durante o exílio tornando-se o primeiro na história³¹⁹ a tomar tal decisão.

3.8 Heresias e excomunhão na atualidade.

Embora o escopo desta pesquisa esteja nas heresias até o século III, consideramos relevante apresentar brevemente de que forma as heresias afetam a Igreja no século XXI.

De acordo com o Código de Direito Canônico³²⁰ a heresia é a negação persistente, dos batizados, de qualquer verdade que se deva crer com fé divina e católica, ou também a dúvida a respeito dela; cisma é a recusa de sujeição ao Sumo Pontífice³²¹. Em primeiro lugar é preciso observar que apenas um batizado pode ser considerado herético ou cismático. Analisando desta forma é inevitável levantar uma questão espinhosa relacionada com a unidade dos cristãos: os batizados que não mais professam a fé na Igreja Católica, mas em outras comunidades cristãs, podem ser considerados heréticos? O mesmo questionamento serve para os que rejeitam a sujeição ao Sumo Pontífice: neste caso podem ser considerados cismáticos³²²? O caso que levanta menos reflexão é daqueles que repudiam na totalidade a fé cristã, ou seja, os apóstatas.

Pistas para reflexão podem ser encontradas no Concílio Vaticano II, especificamente no Decreto *Unitatis Redintegratio*, que trata sobre o ecumenismo.

Comunidades não pequenas separaram-se da plena comunhão da Igreja Católica. Algumas vezes não sem culpa dos homens de ambas as partes. Contudo, os que agora em tais Comunidades nascem e são imbuídos na fé em Cristo não podem ser arguidos do pecado da separação, e a Igreja Católica os abraça com fraterna reverência e amor³²³

³¹⁹ “Houve três, e talvez cinco, que o fizeram depois dele: Silvério, em 537, Celestino V, em 1294, Gregório XII, em 1415, e, provavelmente, João XVIII, em 1009. Durante o seu pontificado canonicamente confuso, Bento IX abdicou em favor de seu padrinho em 1045, mas foi reposto no trono em 1047”. (MCBRIEN, R.P. Os Papas, p. 48). Em 2013, depois de aproximadamente 960 anos da última renúncia, o papa Bento XVI abdicou ao seu encargo.

³²⁰ Promulgado pelo Papa João II em 25 de janeiro de 1983.

³²¹ CIC, Livro III. Cân. 751.

³²² CIC, livro III, Cân. 751.

³²³ UR, 3.

De acordo com o Decreto, o pecado da separação não pode ser imputado aos que não se encontram mais em plena comunhão com a Igreja Católica e orienta de que maneira devem ser consideradas as igrejas e comunidades separadas, tanto da parte oriental quanto do ocidente³²⁴. Seguindo as orientações do Decreto, não se pode “designar de hereges aqueles que cresceram numa comunidade cristã separada da Igreja Católica”³²⁵. Dois movimentos na história recente demonstram a boa vontade em relação à prática do ecumenismo. Em dezembro de 1965 a anulação de excomunhão recíproca entre as Igrejas do Grande Cisma do Oriente em 1054 e a Igreja Católica, realizado por iniciativa do Papa Paulo VI e do patriarca de Constantinopla, Atenágoras. Em 31 de outubro de 1999 foi assinada a Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação da Federação Luterana Mundial e Igreja Católica³²⁶.

Atualmente o Direito Canônico prevê algumas formas de penalizar o batizado católico que comete algum delito, ou seja, determinando os casos em que devem ser aplicada a excomunhão. No Livro IV, parte II - das sanções na Igreja - são elencadas as penas para cada delito. Incorrem em excomunhão automática não precisando de uma sentença formal dada por um juiz ou superior, pois o simples fato de ter cometido determinado ato culposos já é passível de excomunhão, os apóstatas da fé, o herege, os cismáticos³²⁷, quem joga fora as espécies consagradas ou as retém para cometer sacrilégio³²⁸, quem comete violência física contra o Romano Pontífice³²⁹, o sacerdote que absolver o cúmplice de pecado contra o sexto Mandamento³³⁰, o Bispo que conferir a sagração episcopal a alguém sem mandato pontifício³³¹, o confessor que violar diretamente o sigilo sacramental³³² e quem provoca aborto³³³. Outro tipo de pena é aquela que só é imposta após a devida advertência aos infratores e, se preciso for, levada a um tribunal para o julgamento da causa por um juiz ou superior.

³²⁴ UR, 14,19.

³²⁵ MÜLLER, G.L. Dogmática Católica, p. 77.

³²⁶ O Concílio Vaticano II evitou de propósito utilizar o termo heresia, levando em consideração o motivo principal que levou o Papa João XXIII a convocá-lo: a esperança de um reavivamento da fé no espírito daquele tempo.

³²⁷ CIC, Cân. 1364.

³²⁸ CIC, Cân. 1367.

³²⁹ CIC, Cân. 1382.

³³⁰ CIC, Cân. 1378.

³³¹ CIC, Cân. 1382.

³³² CIC, Cân. 1388.

³³³ CIC, Cân. 1398.

A Congregação para a Doutrina da Fé (CDF) tem a tarefa de “promover e tutelar a doutrina da fé e os costumes em todo o mundo católico”³³⁴. Especificamente na refutação de heresias ou no mínimo de declarações ambíguas sobre fé e moral católica, a Congregação emitiu, no período posterior ao Vaticano II, centenas de notificações a vários teólogos cujos escritos levantam suspeita de heresia. Analisando algumas notas e declarações é possível constatar que algumas heresias nunca cessam como, por exemplo, as que envolvem os mistérios da encarnação de Jesus e da Santíssima Trindade³³⁵.

É relevante para ilustrar alguns apontamentos deste capítulo, apresentar um Decreto de excomunhão emitido contra algumas mulheres ordenadas por um bispo cismático:

Premissa ao Decreto de excomunhão

Com o fim de dissipar qualquer dúvida acerca do estado canônico do bispo Rómulo Antônio Braschi, que tentou conferir a ordenação sacerdotal a mulheres católicas, a Congregação para a Doutrina da Fé julga oportuno confirmar que ele, enquanto cismático, já tinha incorrido na excomunhão reservada à Sé Apostólica.

Decreto de excomunhão

Em referência ao avisado por esta Congregação, no passado dia 10 de Julho, publicado no dia seguinte; e considerado que, até à data fixada do dia 22 de Julho de 2002, as Senhoras Christine Mayr-Lumetzberger, Adelina Teresa Rotinger, Gisela Forster, Iris Müller, Ida Raming, Pia Brunner e Ângela White não manifestaram nenhum sinal de reconhecimento e de arrependimento pelo gravíssimo delito por elas realizado, este Dicastério, em obediência a tal aviso, declara que as sobreditas senhoras incorrem na excomunhão reservada à Sé Apostólica com todos os efeitos estabelecidos no cân. 1331 do CIC.

No cumprimento de tão dolorosa intervenção, obrigatória, a Congregação confia que elas, ajudadas pela graça do Espírito Santo, possam encontrar o caminho da conversão, para o retorno à unidade da fé e à comunhão com a Igreja, que romperam com o seu gesto.³³⁶

A partir do trecho acima é possível identificar a forma como a Igreja trata os fiéis que se desviam da doutrina. A Igreja abre um processo judicial contra aqueles que são acusados de escrever ou ensinar algo que contrarie a fé e a moral católica. Após o primeiro julgamento e sentença, oferece um prazo aos acusados para que possam manifestar arrependimento. Decorrido o prazo, caso as partes acusadas não

³³⁴ PB, 48.

³³⁵ Em 21 de Fevereiro de 1972 a CDF publicou uma declaração sobre erros recentes sobre a Santíssima Trindade, particularmente sobre o Espírito Santo.

³³⁶ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Documenta: Documentos publicados desde o Concílio Vaticano II até nossos dias, p. 553

se manifestem, a Igreja confirma o decreto de excomunhão. Não é um processo muito diferente daquele pelo qual passou Noeto, no século III.

3.9 Conclusão

É comum fazer uma análise equivocada quando a questão é relacionada com o processo de excomunhão. O senso comum acredita que a pena aplicada pela Igreja tem apenas o objetivo de punir severamente o fiel acusado. Se assim fosse certamente a Igreja estaria agindo em sentido contrário ao próprio modo de agir de Jesus Cristo. Mas é preciso entender a excomunhão de outro modo, não como julgamento apenas para condenar e expulsar o fiel do seio da comunidade, tornando-o assim um excluído e amaldiçoado. Antes de se tratar de uma severa punição, a Igreja sempre aplicou a pena de excomunhão como um remédio, um azeite a ser colocado nas feridas a fim de curá-las.

Ao receber a pena de excomunhão o fiel deve refletir sobre os erros cometidos, repensar o seu modo de vida a fim de reconciliar-se com os irmãos e com a Igreja. Antes de ser uma pena punitiva, a excomunhão é uma pena medicinal. Estar afastado da comunidade por alguma pena imposta é o mesmo que estar afastado de Deus, pois um sinal eficaz de estar em plena comunhão com a vida divina é não estar privado, por alguma pena, da plena participação na comunhão da Igreja. A reconciliação com a Igreja é inseparável da reconciliação com Deus e ferir a comunhão eclesial representa uma ruptura com o próprio Deus.

Uma das preocupações que a Igreja sempre manteve é com o perigo da comunidade ser contaminada por causa das heresias surgidas ao longo da história. É um perigo real para a pureza da comunidade a presença de heresias que se espalham de forma descontrolada ou de práticas morais incompatíveis com a doutrina cristã. Vale destacar que a excomunhão só era aplicada em casos extremos, ou seja, nos pecados de adultério, apostasia e assassinato. Embora não exista nos primeiros séculos da Igreja um sistema legislativo é possível observar uma continuidade da prática de excomunhão desde à Sinagoga.

A Igreja recebeu diretamente de Jesus Cristo o poder de ligar e desligar na terra, de modo que os apóstolos e os seus sucessores assumem a tarefa de preservar o condão de legislar, sobretudo para sustentar a fé e garantir a unidade da própria Igreja. É uma tarefa complexa imaginar o crescimento e expansão da comunidade cristã primitiva sem a aplicação de punições exatamente nas situações onde a regra da fé era deturpada ou desprezada.

Personagens importantes para a história da teologia dos primeiros três séculos do cristianismo sofreram o processo da excomunhão, entre eles Teódoto de Bizâncio, Marcião, Montano, Noeto e Sabélio. Cada qual, à sua maneira, defendia e propagava ideias e doutrinas que distorciam a regra de fé, sendo reconhecidas como estranhas e perigosas à pureza e ortodoxia da fé, sobretudo a partir das refutações realizadas pelos bispos, que agiam como os verdadeiros guardiões da fé e moral da Igreja. Hipólito de Roma na obra *Philosophumena*, demonstra ter conhecimento das heresias destes personagens e é provável que tenha contribuído, mesmo que indiretamente, nos processos de excomunhões, haja vista a influência de sua teologia, por exemplo, no pontificado do Papa Calisto. A Igreja tem o dever de guardar a retidão da fé e da moral, não deixando de agir com misericórdia para com aqueles que se desviam da doutrina de forma persistente.

4 A obra *Philosophumena*

4.1 Polêmicas e história

Uma questão que ainda suscita discussão entre estudiosos na pesquisa histórica sobre Hipólito de Roma diz respeito ao conjunto de sua obra. A definição das obras que podem ser creditadas à ele é motivo de longa controvérsia, seja do ponto de vista filológico³³⁷, histórico ou teológico, acentuada, sobretudo, a partir dos estudos de P. Nautin³³⁸ que colocou em discussão a existência de dois autores diferentes para as obras atribuídas a Hipólito, dividindo-as em dois grupos, atribuídos a dois autores distintos³³⁹. A cristologia, a teologia e o combate às heresias contidas nas obras *Contra Noeto* e *Philosophumena*, ambas atribuídas a Hipólito, segundo Nautin, não são as mesmas, fato que comprovaria a tese da existência de dois autores diferentes para as obras. A tese de Nautin não teve muitos adeptos. Porém em 1976, um grupo de estudiosos italianos retomou a questão hipolitana, sendo M. Guarducci e P. Testini responsáveis pela parte arqueológica e V. Loi com M. Simonetti encarregados das questões literárias. Os estudos acabaram sendo propostos de novo, com algumas diferenças e reservas, acolhendo a ideia de P. Nautin sobre a existência realmente de dois autores distintos para as obras de Hipólito. O resultado das pesquisas foi apresentado em um congresso no *Institutum Patristicum Augustinianum*, publicado em 1977 com o nome *Ricerche su Ippolito*. Em 1989, outro congresso realizado no mesmo instituto, acendeu as discussões a respeito de Hipólito, porém com uma nova proposta de estudos: *Nuove Ricerche su Ippolito*. No avançar das pesquisas, sobretudo a partir das conclusões de Simonetti, parece ocorrer um retorno à negação de dois autores diferentes para o *corpus hipolitiano*, pois, de acordo com Moreschini e Noreli, Simonetti é praticamente

³³⁷ A filologia se ocupa em estudar os textos literários, assim como determinar a autenticidade do mesmo, além de estabelecer também o valor de sua autenticidade e forma original.

³³⁸ Referência para o estudo: P. Nautin (Hippolyte et Josipe. Contribution à l'histoire de la littérature chrétienne du troisième siècle, Éditions du Cerf, Paris 1947)

³³⁹ PRINZIVALLI, E. Hipólito. In: BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETTI, M. (Orgs). Dicionário de Literatura Patristica, p. 956.

forçado a suspender o juízo sobre os escritos diferentes³⁴⁰. Até o momento da elaboração deste trabalho, as discussões parecem não estar próximas do fim, ou seja, a questão do *corpus hipolitiano* ainda deve propiciar intensos debates, deixando também um campo vasto para pesquisas e descobertas futuras.

O fato é que dentre as obras mais polêmicas envolvendo a questão de quem é realmente o verdadeiro autor, encontra-se a Refutação de todas as heresias, também conhecida como *Elenchos* ou *Philosophumena*. Não é intenção deste trabalho propor uma investigação a respeito de quem seja o autor da obra, pois se trata, como já mencionado, de uma tarefa hercúlea e que vem sendo realizada há décadas pelos mais competentes estudiosos do cristianismo antigo (envolvendo teologia, história, filologia, arqueologia) sem, no entanto, ter conseguido chegar a uma conclusão. De acordo com Cosentino, não é uma tarefa simples determinar o autor da obra *Philosophumena*:

É uma história complexa, tão complexa, e ainda hoje a questão de sua atribuição é substancialmente não resolvida. Podemos até dizer que o trabalho constitui uma das mais espinhosas controvérsias de toda a literatura patrística, um verdadeiro mistério histórico, filológico e arqueológico³⁴¹ (tradução nossa).

Neste capítulo será apresentada a obra *Philosophumena* considerando Hipólito de Roma como seu autor, já que “o debate entre os defensores da unidade de autor do corpus hipolitano e os defensores de sua bipartição está longe de aplacar-se”³⁴². No livro IX o autor relata uma desavença com os papas Zeferino e Calisto, abrindo espaço para uma interpretação a respeito do autor da obra, ou seja, é possível e coerente que se trate mesmo de Hipólito de Roma e não outro. Caso pesquisas futuras consigam chegar à conclusão de que a obra não pertence de fato a Hipólito, abrir-se-á uma oportunidade para atualização deste trabalho, oferecendo também espaços para novas linhas de pesquisa. Independente de quem seja realmente o autor de tão preciosa obra, o essencial para o presente trabalho é trazer à tona as principais colaborações do texto em relação ao estabelecimento da ortodoxia e conseqüente combate às heresias, sobretudo nos primeiros três séculos do cristianismo.

³⁴⁰ MORESCHINI, C; NORELLI, E. História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina, p.326.

³⁴¹ COSENTINO, A. Confutazione di tutte le eresie, p.8.

³⁴² MORESCHINI, C; NORELLI, E. História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina, p.326.

A obra *Philosophumena* não é conhecida e apresentada a partir de um único momento ou ato constitutivo, pois os seus vários livros foram reunidos em diferentes ocasiões e de certa maneira a formação da coleção completa e definitiva é relativamente nova, o que torna o estudo do texto que combate e denuncia as heresias ainda mais relevante. Pelo menos até meados do século XIX, desde 1701, apenas quatro manuscritos que compõem a obra eram conhecidos e, para tornar a questão mais complexa, Orígenes³⁴³ ainda era identificado como o autor. Nos manuscritos estava contido o livro I da obra que recebera o título de *Philosophumena*, pois contém um resumo da filosofia grega. Logo no começo o autor declara: “Este é o conteúdo do primeiro livro da Confutação de todas as heresias”³⁴⁴. Os detalhes de cada livro serão abordados mais adiante neste capítulo.

O erudito grego Minoid Mynas, refugiado na França para escapar da perseguição turca, recebeu em 1840 uma autorização do Ministério da Educação Pública para ir até o Monte Athos, na Grécia, pesquisar manuscritos antigos. Mynas retornou de sua missão com cerca de 44 manuscritos, sendo que dentre eles reconheceu, a partir de textos gregos do século XIV, a obra Refutação de todas as Heresias, faltando os livros dois, três e metade do quatro. Em um primeiro momento Mynas aceitou que a paternidade da obra fosse atribuída a Orígenes, sobretudo a partir da comparação com o livro *Contra Celso*³⁴⁵ de autoria do alexandrino. Um estudioso francês, Emmanuel Miller, aprofundou as pesquisas com os manuscritos, reconheceu a parte final do tratado e confirmou a sua atribuição a Orígenes, reunindo e publicando todo material. De acordo com Quasten:

Eles foram publicados (juntamente com o livro I) pela primeira vez em Oxford, em 1851, por M.E. Miller, mas sempre sob o nome Orígenes. Em 1859, os livros de *Philosophumena* foram finalmente atribuídos a Hipólito na edição de L. Duncker e F.G. Scheinewind³⁴⁶ (tradução nossa).

³⁴³ Orígenes nasceu por volta de 185 d.C. em Alexandria e morreu entre os anos 253/254, na cidade de Tiro, vítima dos maus tratos sofridos na prisão.

³⁴⁴ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, I,1.

³⁴⁵ *Contra o livro de Celso* é o nome completo da obra. Trata-se de um escrito contra o filósofo platônico Celso que entre os anos 170-185 publicou um escrito contra os cristãos chamado “O discurso verdadeiro”. Além de ser uma obra com características apoloéticas, também pode ser considerada anti-herética, pois um dos grandes temas é exatamente a defesa que Orígenes faz da divindade de Jesus, sobretudo a partir dos milagres narrados nos Evangelhos.

³⁴⁶ QUASTEN, J. *Patrologia I. Hasta el Concilio de Niceia*, p. 472. Uma publicação do renomado arqueólogo italiano Giovanni Battista Rossi, em 1866 no boletim de arqueologia Cristiana (nº2), demonstra que Orígenes, pelo menos ainda naquele período, era considerado realmente o autor de *Philosophumena*, porém sem deixar de mencionar que estavam diante de um problema na história da Igreja: “Corre il decimosesto anno, da che pei tipi di Oxford sotto il nome di Origene vide la luce

Após 1851 a autoria de Orígenes não se firmou como unanimidade deixando de ser a única hipótese, pois pesquisas começaram a levantar fundadas razões de que a obra teria outro autor. Dentre as razões está o fato de que o autor, apesar de quase ser contemporâneo do alexandrino, ter vivido e trabalhado em Roma. Tal informação não corresponde à pessoa de Orígenes, que passou pela cidade, mas não exerceu nenhum ofício e não tinha residência estabelecida na cidade³⁴⁷. Outro ponto utilizado na tentativa de provar a existência de um autor diferente de Orígenes na autoria da *Philosophumena* é que não se conhece nenhuma obra anti-herética a ele atribuída. Porém o argumento mais consistente na atribuição da obra a Hipólito de Roma é o fato do autor relatar, no livro X, uma desavença ocorrida com o papa Calisto, fato que não pode ser atribuído a Orígenes. É possível que dois ou mais autores tenham escritos partes diferentes da obra? Certamente tal hipótese também não pode ser descartada.

A autoria da obra também foi cogitada para outros personagens, como por exemplo, Novaciano e Tertuliano. A respeito deste é muito improvável que tenha sido o autor, pois *Philosophumena* é certamente uma obra escrita em ambiente grego ou romano, ou seja, distante do convívio do africano. Apenas uma situação seria capaz de relacionar *Philosophumena* à Tertuliano: as acusações de um relaxamento por parte do clero romano nas questões de caráter moral³⁴⁸. As ideias de Tertuliano em seu período montanista³⁴⁹ realmente poderiam colocá-lo na mesma linha do autor de *Philosophumena*, sobretudo quando confrontada com a obra *De pudicitia*³⁵⁰. Porém o argumento de que o africano seria o autor da obra fica praticamente insustentável quando se verifica que na própria *Philosophumena*³⁵¹, é denunciada a heresia de Montano, ou seja, o autor não era um adepto de tal heresia, ao contrário de Tertuliano.

il libro intitolato Φιλοσοφούμενα, ossia confutazione di tutte le eresie; ed ancora non cessa il romore, che se n'è menato, e la controversia, che l'apparizione di cotesto greco volume ha destato nei campo dell'ecclesiastica istoria". (ROSSI, G.B. *Bullettino di Archeologia Cristiana*, n. 2).

³⁴⁷ De acordo com Eusébio, "quanto a Adamâncio (pois Orígenes usava também este apelativo), na época em que Zeferino guiava a Igreja de Roma, esteve em Roma, conforme ele próprio escreveu uma passagem". (EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*, VI, Cap. 14, 10; p. 300).

³⁴⁸ COSENTINO, A. *Confutazione di tutte le eresie*, p.13.

³⁴⁹ A trajetória de Tertuliano pode ser dividida, de acordo com o conteúdo de suas obras, em em 4 períodos ou fases distintas: paganismo, cristianismo, semi montanismo e montanismo.

³⁵⁰ Esta obra trata sobre como a Igreja deveria tratar a questão do perdão dos pecados aos seus membros. Um ponto em comum entre o pensamento de Tertuliano e Hipólito.

³⁵¹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII, 1.

Quanto a Novaciano, o argumento de aproximação com o autor de *Philosophumena* está relacionado com a questão do rigorismo moral, característico de Hipólito de Roma, a ponto de Novaciano também ter recebido o título histórico de antipapa, sobretudo por sua controvérsia com o bispo Cornélio (251). Porém o período em que *Philosophumena* foi redigida comparado com o período em que viveu Novaciano³⁵², não corroboram este como autor da obra. O Papa Dâmaso³⁵³ (366-384) deixou registrado, de forma errônea, a relação entre Novaciano e Hipólito de Roma quando mandou colocar no túmulo de Hipólito um epigrama em que apontava que este tinha “sido um presbítero partidário do cisma de Novaciano, que se arrependeu antes do martírio”³⁵⁴. O fato é que o sínodo romano de 251³⁵⁵ excomungou Novaciano e este, embora tenha sido martirizado em 257 por Valeriano, acabou não considerado canonicamente um mártir, pois morreu fora da comunhão com a Igreja.

O arqueólogo italiano Giovanni Battista de Rossi³⁵⁶ declara que existem duas questões em torno da obra *Philophumena* que precisam ser analisadas cuidadosamente: em primeiro lugar quem é verdadeiramente o seu autor e depois os fatos e doutrinas que são atribuídas a dois pontífices romanos (Zeferino e Calisto). Uma questão, porém não está desconectada da outra, pois só é possível responder com certeza à segunda partindo da conclusão inequívoca da primeira.

A estátua encontrada na Via Tiburtina (1551) nas proximidades do cemitério de Santo Hipólito oferece também pistas que podem levar ao autor de *Philosophumena*. A lista das obras gravadas na estátua, já comentadas neste trabalho, podem ser confrontadas com as listas que Eusébio de Cesareia e Jerônimo elaboraram contendo as obras atribuídas a Hipólito de Roma. *Philosophumena* não

³⁵² A escrita de *Philosophumena* foi encerrada antes da morte de Calisto, por volta do ano 222. Novaciano nasceu provavelmente no ano 200 em Roma e recebeu o batismo já adulto, sendo ordenado presbítero pelo Papa Fabiano (236-250). Sua ordenação foi contestada por causa da forma como recebeu o batismo (clínico) e por nem sequer ter recebido a unção com o Crisma.

³⁵³ O Papa Dâmaso foi um grande divulgador dos culto dos mártires, restaurando e decorando seus túmulos com epitáfios feitos em mármore, cujas inscrições eram realizadas por ele próprio.

³⁵⁴ PRINZIVALI, E. Hipólito. In: SIMONETTI, M.; FEDALTO, G.; BERARDINO, A. (Orgs.) Dicionário de Literatura Patrística, p. 952.

³⁵⁵ Eusébio de Cesareia apresenta um relato a respeito do sínodo que excomungou Novaciano: “Por sua causa, convocou-se um grande concílio em Roma. Contava sessenta bispos e ainda um número maior de presbíteros e diáconos; nas províncias, os pastores examinaram em particular, conforme cada região, o que importava fazer. Foi tomada uma decisão geral. Fossem considerados fora da comunhão com a Igreja, Novato, simultaneamente com os que se rebelaram com ele, e adotaram a opinião antifraterna e inteiramente desumana de Novato”. (EUSEBIO DE CESAREIA. História Eclesiástica, VI, 43, 2).

³⁵⁶ ROSSI, G.B. *Bullettino di Archeologia Cristiana*, n. 2, p. 2.

é citada em nenhum dos casos, porém o seu autor comenta duas obras escritas anteriormente por ele: Sobre o universo e o Compêndio dos tempos. Essas sim podem ser comparadas com dois títulos presentes na estátua: Sobre o universo e Crônicas. Deste modo seria possível uma real aproximação entre o autor de *Philosophumena* e o personagem representado na estátua, mesmo que este ponto também seja motivo de controvérsia.

A obra *Syntagma* – contra todas as heresias, atribuída a Hipólito, sobretudo a partir da biblioteca do patriarca Fócio, também levanta dúvidas sobre o autor de *Philosophumena*. Na obra são descritas trinta e duas heresias, começando com os Docetas³⁵⁷ e terminando na refutação contra Noeto. O problema é que dificilmente um mesmo autor poderia ter escrito as duas obras. P. Nautin questiona se um mesmo autor poderia escrever duas obras tratando sobre as heresias sem jamais se repetir.³⁵⁸

Uma consideração interessante é levantada pelo historiador francês H.I. Marrou ao defender, mesmo sem fundamento sólido, que os capítulos 11 e 12 da Carta de Diogneto eram na verdade o epílogo da obra *Philosophumena*³⁵⁹. Embora seja uma possibilidade remota, a tese de Marrou é importante para reiterar como a obra é cercada de hipóteses e especulações relacionadas com a autoria.

Apesar da discussão a respeito do verdadeiro autor de *Philosophumena* ainda não ter chegado ao fim, e talvez esteja muito longe disto, é possível pelo menos confrontar dados e, através de algumas evidências expostas anteriormente, confiar mais crédito aos estudiosos que apontam Hipólito de Roma como autor da obra do que aqueles que defendem o contrário, não por preferências motivadas por determinado estudioso ou pesquisador, mas por questões meramente históricas que tendem mais objetivamente para Hipólito do que para outro autor.

³⁵⁷ Concepção que começou a ser propagada no final do século I, sobretudo nas comunidades da Ásia Menor, a respeito da negação corporal de Jesus Cristo, ou seja, para os docetas, Ele não teria verdadeiramente um corpo. Uma heresia perigosa que coloca em risco a própria fé na redenção, pois como poderia ter sido crucificado, morto e ressuscitado se não tivesse verdadeiramente um corpo?

³⁵⁸ NAUTIN, P., Hipólito. In: DI BERARDINO, A. (org.), Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs, p. 680.

³⁵⁹ ALTANER, B. Patrologia, p. 87.

4.2 Conteúdo e estrutura

De todas as obras de Hipólito de Roma, *Philosophumena* é a que mais se destaca no combate aos hereges e suas respectivas heresias, pois, de acordo com Prinzivalli³⁶⁰, é o material mais rico (de Hipólito) neste sentido, diferente das obras de caráter exegetico, como por exemplo, o Comentário ao livro de Daniel. Por este e outros motivos é que uma análise mais detalhada neste capítulo é relevante para o presente trabalho.

Trata-se de uma obra escrita com objetivo de demonstrar que as heresias combatidas não têm fundamento cristão e que são descendentes da filosofia de origem pagã. A obra de Irineu de Lião, *Adversus haereses*, será de fundamental importância e referência para o autor de *Philosophumena* desenvolver a sua obra³⁶¹.

Em cada heresia o autor reconhece o “reflorescer de uma escola filosófica pagã, e supõe que a aproximação das duas doutrinas é suficiente para provar que este grupo de cristãos está no erro”³⁶², conforme relatado no próêmio da obra:

Portanto, tentaremos comparar cada heresia, respectivamente, com cada uma dessas doutrinas filosóficas. Isso para demonstrar como o iniciador de cada heresia, dedicando-se a essas reflexões, cometeu um engano, precisamente porque ele partiu de doutrinas filosóficas, e reuniu sua doutrina a partir dessas filosofias, mas tornando-as piores³⁶³ (tradução nossa).

Desde Justino³⁶⁴ é possível identificar a distinção entre aqueles que caminhavam na doutrina em consonância com a tradição apostólica e os que se distanciavam:

A analogia assim estabelecida por Justino entre as “escolas” filosóficas e as “seitas” cristãs possibilita privar da designação de “cristãos” aqueles cujas convicções são atribuídas à iniciativa de seres humanos pervertidos e, graças ao motivo judaico e cristão da falsa profecia, a uma origem demoníaca; ela possibilita esboçar também a

³⁶⁰ PRINZIVALLI, E. Eresia ed eretici nel corpus Ippolitiano, p. 712.

³⁶¹ Em uma de suas obras Hipólito afirma ter sido discípulo de Irineu, do qual teria herdado o ardor e zelo contra as heresias. LOPES, G. Patrística Pré-Nicena, p. 161.

³⁶² NAUTIN, P., Hipólito. In: DI BERARDINO, A. (org.), Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs, p. 680.

³⁶³ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, I, Proêmio, 9.

³⁶⁴ Flávio Justino foi um dos maiores teólogos romanos do século II (100-165).

tese que faz de Simão, o Mago, o pai de todas as heresias e tornar plausível uma genealogia das “seitas”. Nascia então a heresiologia³⁶⁵.

Embora a obra não seja tão minuciosa no combate aos gnósticos, como faz de maneira magistral a *Adversus haereses* de Irineu, os capítulos V-VIII das *Philosophumena* são reservados a isto, seja pela influência do gnosticismo no cristianismo nascente, ou pelo fato de Hipólito ter utilizado como uma de suas principais referências a própria obra de Irineu. Fato é que estudar e combater as heresias gnósticas, seja na época do autor de *Philosophumena*, seja nos dias atuais, é sempre uma tarefa complicada, pois o gnosticismo se apresenta como um fenômeno complexo que ainda não teve uma compreensão plena e definitiva. Daí se justifica a importância dos capítulos da obra que fazem tal estudo. Muitos comentários a respeito dos hereges gnósticos descritos na *Philosophumena* podem ser encontrados também, e de maneira extensa, na *Adversus haereses*. Porém, em alguns casos, na *Philosophumena* são inseridas mais informações do que aquelas contidas na obra de Irineu, o que faz pensar na possibilidade do autor ter um conhecimento próximo dos grupos gnósticos descritos, ou pelo menos ter acesso aos círculos e agregações em que esses se reuniam, fazendo com que conseguisse expandir um pouco mais o campo de estudo³⁶⁶. Outra hipótese pode estar relacionada com o fato de o autor ter vivenciado uma experiência própria com o gnosticismo em outras épocas de sua vida, fato que o colocaria em uma posição muito privilegiada no combate às heresias.

A tradição apostólica é sempre a medida, a regra de fé, para examinar o conteúdo da doutrina e dos ensinamentos, para verificar quais são aqueles que geram dúvidas e causam perturbação à comunidade. O autor tem a intenção de demonstrar que os gnósticos não possuem sequer uma doutrina própria, original

Esta obra visa, sobretudo provar que os gnósticos não seriam outra coisa senão plagiadores da filosofia e mitologia gregas, e que, por conseguinte eles nada teriam a ver com o patrimônio da fé cristã³⁶⁷.

Tal denúncia pode ser comprovada no prólogo da obra:

Pelo contrário, mostraremos que suas concepções inspiraram-se inicialmente na sabedoria dos gregos, nas doutrinas filosóficas, nos mistérios e delírios dos

³⁶⁵ CORBIN, A. História do Cristianismo, p. 65.

³⁶⁶ COSENTINO, A. Confutazione di tutte le eresie, p.44.

³⁶⁷ DROBNER, H.R. Manual de Patrologia, p. 129.

astrólogos. Parece, portanto, oportuno expor aos leitores, antes de mais nada, as doutrinas que vêm dos filósofos gregos, que são mais antigos que os que eles criaram, e certamente mais dedicados que os seus em relação ao divino[...]Por isso, começaremos a dizer qual dos gregos foi o primeiro a apresentar uma filosofia da natureza. De fato, aqueles que são os líderes desses hereges foram particularmente roubados dessas doutrinas, como mostraremos mais adiante, quando faremos uma comparação entre eles. Portanto, atribuindo a cada um deles a filosofia que lhes é relevante, mostraremos quão vergonhosos e feios são esses heresiarcas.³⁶⁸ (tradução nossa)

No proêmio é possível visualizar o esquema e entender a obra de maneira global, observando também qual metodologia adotada pelo autor: exposição das doutrinas secretas dos hereges; demonstração de que tais doutrinas não derivam da Sagrada Escritura, mas sim da filosofia grega; íntima relação entre todas as heresias.

A primeira parte da obra é de caráter apenas expositivo (I e IV) sem preocupação em combater nenhuma heresia, mas na segunda parte (V-IX) o autor começa a refutá-las. Algumas razões podem ser apontadas para explicar a metodologia adotada pelo autor como, por exemplo, evitar a acusação de estar plagiando outras obras já conhecidas. De acordo com Cosentino:

O método usado é deliberadamente refinar as obras e doutrinas filosóficas gregas àquelas dos hereges, para destacar suas semelhanças e, portanto, refutá-las baseadas em primeiro lugar no próprio fato de que elas derivam de tradições pagãs. Essa justaposição tem então duas consequências: por um lado, mostra-se que os hereges desenvolveram suas teorias a partir das várias correntes filosóficas gregas e não dos textos das Sagradas Escrituras; por outro, mostra-se que, por sua vez, a interpretação dessas doutrinas filosóficas é errônea.³⁶⁹ (tradução nossa).

De maneira sintética, *Philosophumena* pode ser entendida conforme sua estrutura da seguinte maneira: nos quatro primeiros livros é realizada a exposição dos filósofos, sendo que neste ponto o autor teve de trabalhar de maneira extensa com vários elementos culturais presentes no paganismo; nos outros cinco livros seguintes, de forma minuciosa, o autor comprova a derivação das heresias a partir de componentes oriundos do paganismo.

³⁶⁸ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, I, Proêmio, 8-9

³⁶⁹ COSENTINO, A. *Confutazione di tutte le eresie*. p. 52.

4.2.1 Livros

A obra *Philosophumena* é composta em dez livros, porém os livros II e III, mais a primeira parte do livro IV infelizmente não foram encontrados. Existe a possibilidade que as partes perdidas continuem descrevendo a filosofia grega. Como será demonstrado no tópico posterior, o desenvolvimento de Hipólito recebe influências de Irineu, começando pela dedicação em conhecer os sistemas heréticos a fim de obter fundamentação para combatê-los. Conforme Prinzivali:

O ponto de partida de Hipólito é a conquista fundamental de Irineu: para poder agir eficazmente contra as heresias, especialmente o gnosticismo, é necessário conhecer bem seus sistemas; daí a necessidade de desmascarar a verdadeira face dos hereges, através da exposição documentada de suas doutrinas, a única operação à qual Irineu atribui a eficácia real para tentar a recuperação do herege, e impedir que outros caiam em erro.³⁷⁰ (tradução nossa).

No índice do livro I é possível identificar com clareza a metodologia utilizada pelo autor: “Opiniões de filósofos físicos e quem são; opiniões dos éticos e quem são; opiniões dos dialéticos, e quem são”³⁷¹ (tradução nossa). Ou seja, o ponto de partida é descrever as principais ideias dos hereges e os erros por eles propagados para depois refutá-los. O autor, no proêmio, cita que em outra obra já havia descrito as doutrinas de forma resumida, sem muita profundidade por algumas razões:

Não devemos recusar qualquer história entre aquelas que estavam em voga com os gregos. De fato, mesmo suas doutrinas mais insustentáveis devem ser consideradas credíveis, porque a loucura dos hereges é insuperável. Com a observância do silêncio e o fato de que eles mesmos mantêm seus inexprimíveis mistérios escondidos, eles foram considerados por muitos verdadeiros adoradores de Deus; já por algum tempo expusemos as doutrinas deles, sem nos preocuparmos em ilustrá-las em detalhes, mas apenas sumariamente refutá-las; de fato, acreditávamos que não era oportuno trazer à luz suas doutrinas secretas. Nós pensamos que, depois de termos mostrado suas doutrinas através de breves notas, eles teriam ficado tão envergonhados a ponto de serem mostrados como ateus através da revelação de outros ensinamentos secretos, para colocar um fim à sua doutrina irracional e ao seu raciocínio ímpio. Mas vejo que eles não têm respeito pela moderação que mostramos³⁷² (tradução nossa).

³⁷⁰ PRINZIVALI, E. Eresia ed eretici nel corpus Ippolitiano, p. 712-722.

³⁷¹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, I, 2.

³⁷² HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, I, Proêmio, 1.

Nos primeiros livros (I-IV) o autor expõe as doutrinas das principais escolas filosóficas gregas que serão úteis para demonstrar de que maneira influenciaram as heresias cristãs. Nesta primeira parte da obra o autor não entra em embates apologeticos, deixando tal tarefa para a segunda parte.

O livro I é dividido em vinte e seis capítulos. Do primeiro ao livro dezesseis são apresentados os filósofos naturais: Tales, Pitágoras, Empédocles, Heráclito, Anaximandro, Anaxímenes, Anaxágoras, Arquelaus, Parmênides, Lêucipo, Demócrito, Xenófanes, Ecfanto e Ippone. Em seguida, o autor descreve os filósofos éticos: Sócrates, Arquelaus e Platão (discípulo de Sócrates); nos livros vinte e vinte e um são apresentados os dialéticos: Aristóteles (discípulo de Platão) Crísipo, Zenão e Epicuro; enfim, nos últimos livros o autor comenta sobre os brâmanes, os celtas druidas, concluindo com Hesíodo.

No desenvolvimento do primeiro livro o autor provavelmente recorre à compilação de fontes antigas que registram a biografia dos filósofos gregos, como, por exemplo, Diógenes Laércio³⁷³ na obra *Vida dos filósofos* e Giamblico³⁷⁴ com o compêndio sobre a filosofia pitagórica. De acordo com Mansfeld, o autor de *Philosophumena* pode ter utilizado duas ou três fontes diferentes no desenvolvimento dos capítulos 1 à 16 do primeiro livro³⁷⁵.

No proêmio o autor expressa fidelidade à fé da Igreja fundamentada na sucessão dos Apóstolos e afirma que somente seria capaz de combater as doutrinas heréticas com o auxílio do Espírito Santo: “Mas essas doutrinas por ninguém mais serão refutadas, exceto pelo Espírito Santo que nos foi dado na Igreja; os apóstolos, depois de obtê-lo primeiro, entregaram-no àqueles que têm uma fé correta”³⁷⁶ (tradução nossa). A partir desta declaração o autor demonstra que a verdadeira doutrina é aquela exposta pela Igreja através da ação do Espírito Santo, deixada pelos Apóstolos e propagada por seus sucessores. Em seguida é clara a intenção do autor em se colocar na lista da sucessão apostólica, enquanto se declara como um sacerdote que tem a missão de ensinar e guardar à Igreja: “...somos seus legítimos sucessores, pois participamos da mesma graça, do sumo sacerdócio e do

³⁷³ Biógrafo de filósofos gregos e historiador (200-250). *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, é uma de suas maiores obras, composta por dez livros, oferecendo importantes informações a respeito do desenvolvimento da filosofia grega.

³⁷⁴ Sírio, viveu entre 250 e 330 como um filósofo neoplatônico e a principal obra é *Vida de Pitágoras*.

³⁷⁵ É importante observar que as obras patrísticas podem ser divididas em livros ou em capítulos.

³⁷⁶ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, I, Proêmio, 6.

ensinamento, e já que somos considerados sentinelas da Igreja”³⁷⁷ (tradução nossa). Na sequência é deixado um alerta para todos os pastores a fim de não permitirem que tais heresias se propagassem na Igreja por causa de um relaxamento em defesa da ortodoxia. O autor considera um verdadeiro trabalho a ser realizado e que a união deve prevalecer:

Não fechemos nossos olhos pelo sono nem deixemos passar a palavra certa em silêncio; não nos sentimos cansados, mesmo que lutemos com toda a alma e com todo o corpo, mas procuramos agradecer dignamente ao Deus que sempre faz o bem (embora não possamos lhe retribuir de forma adequada pelos seus benefícios), sem jamais ficarmos cansados, mas completando o trabalho em um tempo conveniente, e colocando em comunhão com todos os outros, sem nenhum ciúme, o que o Espírito Santo nos oferece³⁷⁸ (tradução nossa).

Com o exposto é possível constatar a fidelidade do autor com a Igreja, no sentido de zelo pela verdade e ortodoxia, em contraposição às doutrinas heréticas. O próêmio da obra *Philosophumena* é fonte segura para analisar a atuação de Hipólito e sua relação com a Igreja, de modo que a imagem de primeiro antipapa deveria ser apenas uma mera imposição histórica e não a primeira ideia que vem a lume quando o nome de Hipólito é lembrado.

No livro IV o autor expõe duas crenças que destacavam-se no mundo helenístico-romano: astrologia e magia. A primeira parte do livro é dedicada à astrologia. Em particular, o autor enfoca algumas doutrinas que ele atribui aos caldeus, nos quais a astrologia é vista em estreita relação com a arte divinatória.”³⁷⁹ (tradução nossa). Não é muito fácil indicar a principal fonte que o autor utilizou para escrever esta parte, mas é possível que tenha uma influência considerável de Sexto Empírico³⁸⁰ a partir da obra *Contra os matemáticos*, especificamente o quinto livro. O sistema zodiacal é descrito logo no começo do livro e em seguida desenvolve a crença dos Caldeus. Na introdução o autor refuta os ensinamentos da astrologia por estarem distante do ensinamento da verdade:

Fazendo uso dessas teorias, Eufrates, o Perático, Acembes, o Caristiano e todas as multidões remanescentes deles, impondo nomes diferentes à doutrina da verdade, falam de uma sedição por parte dos Aeons, de uma revolta feita pelos bons poderes contra os maus, e da harmonia do bem com o ímpio, chamando-o de 'governantes'

³⁷⁷ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, I, Proêmio, 6.

³⁷⁸ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, I, Proêmio, 6.

³⁷⁹ COSENTINO, A. *Confutazione di tutte le eresie*. p. 65.

³⁸⁰ Médico e filósofo grego que viveu provavelmente entre os séculos II e III d.C. A obra *Contra os Matemáticos* (*Adversus Mathematicos*) é composta de seis livros e especificamente o quinto dedicado a apologia *Contra os Astrólogos*.

[toparchoi], 'Proastioi' e muitos outros nomes; Eu vou explicar e vou refutar toda a heresia que eles têm quando chegamos ao ponto do discurso sobre eles³⁸¹ (tradução nossa).

Do capítulo vinte oito ao quarenta e um o autor descreve os truques dos mágicos e os efeitos provocados e acusa os que se utilizam destas práticas de enganarem o povo. De acordo com Kelhoffer:

Ao longo desta seção, o autor procura destacar os atos fraudulentos dos magos e, em vários pontos, argumenta que essas pessoas enganam seu público a acreditar que os magos possuem um poder que, de fato, não possuem³⁸² (tradução nossa).

Ao final desta parte sobre astrologia e magia, o autor destaca novamente a intenção global da obra, ou seja, refutar os hereges e como estes se utilizam da magia para enganar os tolos, demonstrando que as mesmas só serviam para confundir a verdade religiosa:

Portanto, na medida do possível, explicamos as doutrinas de todos os mágicos, prestando especial atenção ao esclarecimento das doutrinas acrescentadas pelos heresiarcas como corpos estranhos em relação à religiosidade correta.³⁸³ (tradução nossa)

O autor passa os capítulos quarenta e três ao cinquenta descrevendo um resumo dos sistemas filosóficos, cosmológicos e numerológicos, acrescentando algumas informações.

Portanto, parece que já explicamos suficientemente essas teorias, e penso, sem dúvida, que não traduzi nenhuma opinião sobre essa sabedoria terrestre e insidiosa, e percebo que a solicitude que gastamos sobre essas questões não foi inútil.³⁸⁴ (tradução nossa).

A descrição sobre o gnosticismo inicia no livro V e se estende até o VIII. Embora nos livros seja possível extrair considerações relevantes, não é intenção do autor oferecer uma sequência mais abrangente a respeito dos sistemas gnósticos, pois tal empenho ficou sob a responsabilidade do seu mestre Irineu. “Para uma grande parte desses grupos, já temos informações exaustivas de Irineu (que constitui a fonte primária de nosso texto a esse respeito).”³⁸⁵ (tradução nossa).

³⁸¹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IV, 2.1

³⁸² KELHOFFER, J.A. *Hippolytus and Magic. An Examination of Elenchos IV 28-42*. p. 522.

³⁸³ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IV, 42.3

³⁸⁴ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IV, 45.1

³⁸⁵ COSENTINO, A. *Confutazione di tutte le eresie*. p. 44

O livro V aborda a doutrina dos naassenos, autodenominados Gnósticos, dos peratos, setianos e a doutrina de Justino. Por questões metodológicas este trabalho não irá apresentar detalhadamente cada seita contida nos livros. Os Naassenos têm o nome derivado da raiz hebraica Naas, que significa serpente. Irineu comenta a respeito da doutrina dos Naassenos na obra *Adversus Haereses* (I, 30, 1-15). Além deste, outros autores também descrevem a atuação dos adoradores da serpente³⁸⁶. Os Naassenos alegam que chegaram ao mais puro conhecimento por causa própria³⁸⁷. A doutrina dos Naassenos tem como ponto de partida a ideia de um personagem hermafrodita como causa originária de todas as coisas³⁸⁸. Um hino descrito por Hipólito de Roma ilustra bem a concepção dos Naassenos a respeito da androginia do personagem: “De você como pai, e através de você como mãe, os dois nomes imortais, progenitores de Eons, ou cidadãos do céu, ou homens de grande nome”³⁸⁹ (tradução nossa). De acordo com o autor, a doutrina ensinada pelos Naassenos seria originária de um ensinamento transmitido a eles diretamente pelo apóstolo Tiago³⁹⁰. As outras heresias descritas no livro V são comparadas às várias cabeças que fazem parte de um mesmo monstro (hidra) e de acordo com o autor não parecem muito diferentes dos Naassenos, uma vez que estão unidas pelo único espírito do erro³⁹¹.

O gnosticismo continua sendo exposto pelo autor nos livros VI e VII, tendo como fonte principal a obra *Adversus haereses* de Irineu de Lião. O livro VI começa descrevendo a origem de Simão Mago e possivelmente o autor utiliza como referência a obra de Justino³⁹². O autor acusa Simão de ser impostor e seus atos inspirados pelo demônio, reprovados diretamente pelos Apóstolos (At 8,9-25). Vários autores consideram Simão o pai da heresia gnóstica³⁹³. A história de Simão Mago é comparada pelo autor com a de Apseto o Líbio, que se fazia passar por um

³⁸⁶ Tertuliano (Prescrição dos hereges – 2,1-4); Epifanio (Panarion Eresia 37) Filastro (Sulle eresie, 1); Origenes (Contra Celso 6, 24-38)

³⁸⁷ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, V, 6.4

³⁸⁸ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, V, 6.4

³⁸⁹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, V, 6.4

³⁹⁰ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, V, 7.1

³⁹¹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, V, 11.1

³⁹² Justino na primeira apologia (26) afirma que Simão Mago era originário de uma aldeia chamada Giton.

³⁹³ Justino (Apologia 26,-13); Irineu (*Adversus haereses* I,23,1-4); Atos de Pedro 31; Pseudo Clemente Homilias 2, 22-25.

deus utilizando-se de um artifício simples que consistia em manipular a sua criação de papagaios.

Para obter este resultado, Aspecto, depois de ter recolhido um grande número de aves (papagaios, para ser preciso), fechou-os todos juntos em uma gaiola. Agora existem muitos papagaios em toda a Líbia, e eles imitam distintamente a voz humana. Este homem, depois de ter alimentado esses pássaros por algum tempo, tinha o hábito de ensiná-los a dizer: Apseto é um deus!³⁹⁴ (tradução nossa).

Na sequência o autor relata que os gregos descobriram a farsa de Apseto e o condenaram à morte na fogueira. Ao iniciar especificamente o relato sobre Simão Mago é feita uma comparação com o líbio, ao utilizar truques de mágica com o intuito de ser também considerado um deus: “Devemos aplicar as mesmas observações a Simão Mago; podemos compará-lo com o líbio, que, embora fosse homem, de fato se tornou um deus com esse truque”³⁹⁵ (tradução nossa). O autor usa de ironia para falar a respeito da pretensão de Simão:

Se, no entanto, podemos afirmar que essa semelhança é, por si mesma, exata, se o mago foi tomado por uma paixão semelhante à de Apseto, devemos tentar ensinar novamente aos papagaios de Simão que era Cristo aquele que era, quem é e virá³⁹⁶ (tradução nossa).

É relatado também a refutação feita pelos apóstolos³⁹⁷ contra a doutrina de Simão Mago e como este havia se deixado levar pela insanidade, a ponto de pedir que seus discípulos o sepultassem vivo, pois iria ressuscitar no terceiro dia. Usando mais uma vez de ironia, o autor de *Philosophumena* declara:

Pouco depois, com o passar do tempo e ele estava prestes a ser refutado, ele disse que, se estivesse vivo, teria ressuscitado no terceiro dia. Ele então ordenou que seus discípulos cavassem uma sepultura e a enterrassem dentro dela. Então eles fizeram o que lhes foi prescrito e ... ainda estão esperando! (porque ele não era o Cristo)³⁹⁸ (tradução nossa).

No livro VII são narradas as heresias de Basilide, Saturnino e Menandro, Marcião, Empedocle, Carpocrate, Cerinto, Ebionitas, Teódoto, Nicolaítas, Cerdão, Luciano e Apelle. A doutrina destes hereges é comparada ao mar com suas ondas

³⁹⁴ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VI, 8.1

³⁹⁵ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VI, 9.1

³⁹⁶ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VI, 9.1

³⁹⁷ A obra *Recognitiones* de pseudo-Clemente no capítulo LXXIV relata o desafio entre Pedro e Simão Mago.

³⁹⁸ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VI, 20.1

revoltas, através do qual os homens deveriam passar a fim de alcançar um porto seguro. Na introdução do livro o autor faz uma belíssima comparação entre a história mitológica de Ulisses e a vitória contra o canto das sereias, com a luta que os homens deveriam travar para não se deixar contaminar pelas heresias. De acordo com a lenda, o herói grego para não se deixar levar pelos encantos das sereias, resolveu tapar os ouvidos com cera e amarrar-se ao mastro no navio, conseguindo assim escapar da tragédia de ter a nau despedaçada contra as rochas. Da mesma forma os homens deveriam tapar os ouvidos para não se deixarem enganar pelos contos dos hereges, não caindo em desgraça e para tanto deveriam permanecer agarrados, não ao mastro do navio, mas à árvore da vida que é o próprio Cristo.

Quero aconselhar meus leitores a fazer a mesma coisa: esfregar seus ouvidos com cera, por causa da fraqueza e, sem ouvi-los, navegar pelas doutrinas desses hereges, que estão convencidos de que podem facilmente persuadir seus ouvintes, pelo menos por quando podem, para o prazer, como a canção sensual das sereias fez; ou, ligue-se à árvore de Cristo e ouça fielmente, sem distrações, colocando confiança nele, e continue a jornada em linha reta, sem desvios³⁹⁹ (tradução nossa).

Ao descrever a doutrina de Basilides, o autor destaca uma das principais características da heresia dos gnósticos, ou seja, a ideia de que estes receberam, sobretudo por intermédio dos apóstolos ou de pessoas muito próximas a Jesus, um ensinamento secreto.

Portanto, Basilides e Isidore, o legítimo filho de Basilides e seu discípulo, ambos afirmam que Matias havia comunicado a eles discursos secretos, discursos que, por sua vez, ele ouvira do Salvador quando era ensinado em particular.⁴⁰⁰ (tradução nossa).

Sobre Saturnino, que viveu no mesmo período de Basilide, mas em Antioquia da Síria, é interessante a observação do autor de *Philosophumena* ao desatacar que a doutrina ensinada era similar àquela pregada por Menandro⁴⁰¹. No livro VIII são descritas outras heresias: Docetistas, Monoimo, Taciano, Quartodecimanos, Frigios (Montanistas), Encratitas. Sobre os primeiros, o autor enfatiza que não fazem uso dos conselhos do Senhor e vivem como cegos com traves nos olhos, mas como se conseguissem enxergar normalmente guiando os demais. Então era preciso,

³⁹⁹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VII, 13.3

⁴⁰⁰ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VII, 20.1

⁴⁰¹ Primeiro discípulo de Simão Mago.

combater a heresia, ou tirar primeiro a trave dos olhos, a fim de que a verdadeira doutrina fosse devidamente ensinada:

Pois a maioria deles não faz uso dos conselhos do Senhor: apesar de terem uma trave nos olhos, anunciam ver, quando na realidade são cegos. Isto é para assegurar que, devido à refutação realizada por nós, eles o envergonhem e reconheçam como o Salvador aconselhou antes de remover a trave, então para ver claramente a partícula que está no olho do irmão⁴⁰². (tradução nossa)

Monomio era um árabe até então conhecido através da obra de Teodoreto⁴⁰³ e que dizia “o homem é o todo, o princípio original de todas as coisas, nascido, incorruptível, eterno”⁴⁰⁴ (tradução nossa). O árabe também utilizou o conceito de Mônade em um sentido gnóstico, pois de acordo com ele “esta mônada, o único sinal, é também a Década. Na verdade, isso tem o poder do ápice único do iota, e díade, tríade, tétade, pentade, hexade, heptade, ogdoade e enneade até dez”⁴⁰⁵ (tradução nossa).

Ainda sobre a doutrina de Monomio é relevante destacar que na descrição do autor de *Philosophumena* descobrimos traços panteístas:

Deixando de lado para investigar sobre Deus, sobre a criação e sobre coisas semelhantes a estas, ele investiga a partir de si mesmo, e ele aprende quem é quem, sem dúvida, se apropria de tudo e diz: Meu Deus, minha mente, minha compreensão, minha alma, meu corpo⁴⁰⁶ (tradução nossa)

A respeito dos quartodecimanos o autor declara que os mesmos ao defenderem a comemoração da Páscoa no décimo quarto dia do primeiro mês, em qualquer dia da semana, estão seguindo a lei de maneira restrita obedecendo as prescrições judaicas:

Eles olham para o que está escrito na Lei, isto é, aquele que não está guardando o preceito da maneira precisa na qual ele é expressamente ordenado será amaldiçoado, mas eles não prestam atenção ao fato de que a Lei foi feita para os judeus, isto é, para aqueles que mais tarde eles teriam destruído a verdadeira Páscoa⁴⁰⁷ (tradução nossa).

⁴⁰² HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII, 8.1

⁴⁰³ *Haereticarum Fabularum Compendium* I, 18

⁴⁰⁴ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII, 12.2

⁴⁰⁵ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII, 13.1

⁴⁰⁶ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII, 15.1.

⁴⁰⁷ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII, 18.1

No final o autor cita que os quartodecimanos estão em sintonia com a Igreja em tudo, menos na questão da Páscoa, destacando inclusive que os mesmos têm a tradição transmitida pelos apóstolos: “Para o resto, no entanto, estes estão em harmonia com todas as tradições entregues à Igreja pelos apóstolos”⁴⁰⁸ (tradução nossa). Eusébio de Cesareia descreve um encontro que ilustra a complexidade da situação envolvendo a data da Páscoa: “Nesta época Aniceto governava a Igreja de Roma. Policarpo, ainda em vida, veio a Roma a fim de tratar com Aniceto de certa questão relativa ao dia de Páscoa, segundo Irineu”⁴⁰⁹.

Os Encratitas⁴¹⁰ são descritos pelo autor a partir de suas práticas ascéticas, como não comer alimento de origem animal, beber apenas água e proibir o matrimônio. “Pessoas com tais hábitos devem ser consideradas mais como cínicos⁴¹¹ do que cristãos, pois não prestam atenção às palavras pronunciadas pelo apóstolo Paulo desde algum tempo contra eles.”⁴¹² (tradução nossa). Neste caso o autor confuta a heresia encratista utilizando diretamente as palavras do apóstolo Paulo a Timóteo:

O Espírito diz expressamente que nos últimos tempos alguns renegarão a fé, dando atenção a espíritos sedutores e a doutrinas demoníacas, por causa da hipocrisia dos mentirosos, que têm a própria consciência como que marcada por ferro quente; eles proíbem o casamento, exigem a abstinência de certos alimentos, quando Deus criou para serem recebidos, com ação de graças, pelos que têm fé e conhecem a verdade (I Tm 4,1-3).

O livro IX de *Philosophumena* é o mais original de todos que compõem a obra de Hipólito de Roma. Nos primeiros quatro livros o autor relata o que ele considera as raízes das heresias e em seguida nos outros quatro demonstra várias seitas heréticas, tomando por base a obra de Irineu. Porém, no livro IX, é preocupação do autor descrever as heresias que surgiram nos tempos em que o escrevia a obra. Na introdução do livro fica evidente tal intenção:

⁴⁰⁸ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII,18.1

⁴⁰⁹ EUSEBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*, livro IV, 14,1.

⁴¹⁰ Irineu na *Adversus Haereses* (Livro I, 28-1) já condena os ensinamentos dos encratitas, introduzidos por Taciano.

⁴¹¹ Escola fundada por Antístenes, discípulo de Sócrates, no século V a.C.. A “ética antistênica implica esforço contínuo e assíduo trabalho por parte do homem: trabalho no combater o prazer e os impulsos, trabalho no desligar-se das comodidades e das riquezas, trabalho no renunciar à fama, trabalho no opor-se às leis da cidade. E esse “trabalho”, precisamente, é indicado como bem e estreitamente vinculado à virtude”. (REALE, G; ANTISERI, D. *História da Filosofia*: Volume I. p. 104).

⁴¹² HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII,20.1

Portanto, depois de ter enfrentado uma longa batalha contra todas as heresias, sem ter deixado nada que não tenha sido refutado, a maior batalha agora permanece: expor as heresias que surgiram em nossos dias até o último detalhe para refutá-las”⁴¹³(tradução nossa).

Neste ponto também fica evidente a relevância do estudo da obra a fim de compreender melhor a forma como as heresias eram refutadas naquela época. A demonstração e confutação das heresias de Noeto, Calisto, Alcebiade, Elchasai e as seitas judaicas (essênios, fariseus e saduceus) serão descritas neste livro. Noeto e Calisto serão analisados neste trabalho adiante com maiores detalhes.

Alcebiade é um personagem conhecido principalmente por causa da obra *Philosophumena*, e de acordo com o autor era um homem astuto e cheio de loucura originário de Apamea da Síria. Tendo chegado a Roma durante o pontificado de Calisto, trouxera um livro cujo conteúdo, de acordo com ele, tinha sido revelado por um anjo⁴¹⁴. Refutando Alcebiade, Hipólito acusa Calisto de ser verdadeiro responsável pela heresia, pois estava relacionada com o batismo daqueles que tinham abandonado a fé. O anúncio sobre o batismo, ou uma nova remissão dos pecados, havia sido anunciado para o terceiro ano do reino de Trajano⁴¹⁵. Neste ponto o autor refuta os ensinamentos de Alcebiade:

Ele afirma que aqueles que estiveram envolvidos em todo tipo de imprudência, abominação, transgressão moral, se são crentes, convertendo-se e obedecendo e fé em seu livro, recebem a remissão de pecados pelo batismo. No entanto, ele teve a audácia de tecer essa velhacaria tomando a doutrina de que falamos anteriormente, aquela que Calisto havia preparado. De fato, acreditando que muitos teriam gostado de ouvir este anúncio, ele pensou, com uma boa dose de oportunismo, de experimentá-lo.⁴¹⁶ (tradução nossa)

O autor utiliza palavras duras contra Calisto, mesmo descrevendo a história de Alcebiade, afirmando que o primeiro era responsável pela dispersão das ovelhas que tinham dado ouvidos à heresia⁴¹⁷.

Os elcasaitas eram uma seita com tendências do judaísmo heterodoxo, composta de judeus-cristãos que pregavam a observância da circuncisão para todos. Além disso pregavam também que Cristo havia nascido do mesmo modo como

⁴¹³ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,6.

⁴¹⁴ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,13.2

⁴¹⁵ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,13.4

⁴¹⁶ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,13.4

⁴¹⁷ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,13.5

todas as pessoas, “e que não nasceu pela primeira vez naquele momento por uma virgem, mas isso também aconteceu anteriormente; e ele nasceu um novo número de vezes, e ele ainda nasceria”⁴¹⁸ (tradução nossa). Ensinavam também a respeito de um segundo batismo para os que tivessem caído em pecados sexuais graves, o que já seria motivo suficiente para receber a censura de Hipólito:

Se, portanto, um, meu filho, teve relações sexuais com qualquer tipo de animal, ou com um macho, ou com sua irmã, ou com sua filha, ou cometeu um adulto ou fornicção, e deseja obter a remissão de pecados, no momento em quem ouve este livro, é batizado pela segunda vez em nome do grande e supremo Deus, e em nome de seu Filho, o poderoso Rei⁴¹⁹ (tradução nossa).

O autor de *Philosophumena* mais uma vez ironiza os ensinamentos dos hereges: “Estes são os maravilhosos mistérios de Elchasai, os inefáveis e grandes, aqueles que ele dá aos discípulos que são verdadeiramente dignos”⁴²⁰ (tradução nossa). Um apelo feito pelos elcasaitas aos discípulos comprova também traços característicos do gnosticismo, onde somente um grupo privilegiado tinha capacidade de compreender a doutrina: “Não deixe que todos os homens leiam este discurso, e cuidadosamente guardem estes preceitos, porque nem todos os homens são fiéis, nem são todos feitos corretamente”⁴²¹ (tradução nossas)

A parte final do livro é dedicada às principais seitas judaicas na visão do autor que, por motivos metodológicos, não serão aprofundadas neste trabalho.

Se por um longo tempo eles foram separados em muitos grupos, eu explicarei quais são os mais importantes, a partir dos quais aqueles que querem aprofundar o estudo poderão facilmente conhecer todos os outros. Porque existem diferenças entre três grupos diferentes: os seguidores do primeiro grupo são os fariseus, os do segundo os saduceus, os outros são os essênios.⁴²² (tradução nossa)

O livro X apresenta a conclusão e resumo de toda obra. Como a vida e obra de Hipólito de Roma são cercadas de polêmicas, o último livro de *Philosophumena* também é motivo de discussão em relação a sua autoria. De acordo com Noreli e Frickel o livro X teria sido escrito à parte e direcionado ao público pagão⁴²³. Essa

⁴¹⁸ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,14.1

⁴¹⁹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,15.1

⁴²⁰ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,15.1

⁴²¹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,17.1

⁴²² HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,18.2

⁴²³ NORELI, E. Alcuni termini della “Confutazione di tutte le eresie” (Elenchos) e il progetto dell’opera. apud COSENTINO, A. Pseudo-Hipolito – Confutazione di tutte le eresie, nota 297, p. 101.

hipótese é contrária à opinião de Simonetti: “O livro X de Elenchos demonstra, em sua estrutura e conteúdo, que foi concebido como um resumo dos demais, com o mesmo destino intra-ecclesial”⁴²⁴. De qualquer forma o objetivo do autor é: “Primeiro faremos um compêndio de todos os filósofos. Então, um compêndio de todas as heresias. E, em conclusão a tudo, vamos ver quais são as doutrinas da verdade”⁴²⁵ (tradução nossa).

Na introdução deste livro o autor destaca que, ao longo da obra, as heresias foram confutadas sem a necessidade de violência, mas somente utilizando a força da verdade para dissolvê-las⁴²⁶. A origem da verdade, segundo o autor, não está na sabedoria dos gregos, nas doutrinas secretas dos egípcios, nas loucuras dos caldeus e babilônios. “Pelo contrário, a verdade surge no modo como toda definição é verdadeira, isto é, de uma maneira simples e sem adornos: quando esta definição se manifesta, ela refuta os erros por si mesma.”⁴²⁷ (tradução nossa). O autor também demonstra a intenção geral da obra, que é construir provas que refutem as heresias a fim de iluminar os olhos daqueles que pretendem alcançar a regra da verdade⁴²⁸.

Na parte final do livro é descrita uma cronologia hebraica, com a história e genealogia dos patriarcas. Neste ponto é relevante citar que o autor comenta a respeito de uma obra autoral anterior que abordava a mesma temática⁴²⁹. Essa informação é importante para fundamentar a defesa daqueles que colocam Hipólito de Roma como autor de *Philosophumena*. Neste trecho da obra o autor demonstra que um povo muito antigo já adorava Deus, antes de qualquer tipo de ensinamento ou doutrina herética:

Portanto, aqueles que pretendem estudar este assunto com grande cuidado e entusiasmo devem observar, como ficou claramente demonstrado, a existência de uma nação de adoradores de Deus mais antigos que todos os caldeus, os egípcios e os gregos⁴³⁰ (tradução nossa).

Antes da conclusão da obra, é apresentado, assim como na *Adversus haereses* de Irineu, um discurso sobre a verdade, em que o autor comenta a respeito da relação entre todas as coisas que Deus criou e o mal:

⁴²⁴ SIMONETTI, M. Aggiornamento su Ippolito. Nuove Ricerche Su Ippolito, p.87.

⁴²⁵ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X, 2-4

⁴²⁶ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X, 5.1

⁴²⁷ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X, 5.1

⁴²⁸ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X, 5.2

⁴²⁹ O autor pode estar se referindo à obra *Compêndio dos Tempos*.

⁴³⁰ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X, 30.1

Sabemos que ele recebeu um corpo de uma virgem; ele usava o velho para moldá-lo novamente; em sua vida ele passou por todas as eras, de modo que ele mesmo seria a norma para todas as eras, para mostrar, estar presente, sua própria humanidade visível para todos os homens e para dar, através disso, uma prova convincente de que Deus não criou nada de errado; o homem, por causa do livre arbítrio, possui a vontade e o não querer, tendo assim a possibilidade de fazer as duas coisas⁴³¹ (tradução nossa).

É importante destacar que neste livro o autor cita ainda outra obra de sua autoria:

Por isso, foi respondido suficientemente àqueles que raciocinam corretamente, que, se eles têm o desejo de aprender, pretendem investigar as substâncias desses elementos e as causas da criação do universo, eles terão que ler o nosso livro que inclui a substância, o universo⁴³² (tradução nossa).

Na conclusão do livro os leitores são exortados a deixarem-se instruir pelos escritos do autor, a fim de que pudessem realmente conhecer o verdadeiro Deus e não dar crédito aos sofismas dos discursos artificiais dos hereges, mas olhassem para a venerável e simples verdade.

É por isso que eu me certifico de que, em uma corrida, eles são instruídos por nós sobre quem é o verdadeiro Deus e qual é a sua criação bem ordenada, sem prestar atenção aos sofismas dos discursos artificiais, ou às promessas vãs de aqueles hereges com discursos enganosos, mas olhe para a venerável simplicidade da verdade, que se mostra despreziosa⁴³³ (tradução nossa).

4.3 A doutrina sobre a criação e revelação divina no livro X.

O autor inicia a exposição sobre a doutrina da criação descrevendo que Deus é um só e nada é anterior ou contemporâneo a Ele, de modo que nenhuma de suas criaturas pode ser confundida com Ele, nem no tempo e muito menos na substância.

O único Deus, o primeiro e o único, criador e Senhor de todos, não tinha nada que fosse coeterno com ele: nem o caos infinito, nem a água incomensurável, nem a terra sólida, nem o ar denso, nem o fogo quente, não o espírito sutil, nem a abóbada azul do grande céu. Mas ele foi o único em si mesmo que criou as coisas que são por sua

⁴³¹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X,33.15

⁴³² HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X,32.4

⁴³³ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X,34.2

vontade, que não existiam antes, exceto que ele queria fazê-las, uma vez que sabe as coisas que serão⁴³⁴ (tradução nossa).

Nesta parte da obra Hipólito refuta a filosofia dos gregos que exaltavam de tal modo as criaturas a ponto de ignorarem a existência de um Criador superior a tudo e todos. Segundo o autor, as doutrinas estranhas “tendo tomado seu ponto de partida com conversas semelhantes às dos gregos, os hereges, transformando a forma das coisas ditas anteriormente por alguns, deram forma a suas ridículas heresias”⁴³⁵ (tradução nossa).

De forma objetiva também é exposta, sem aprofundar a questão, a doutrina sobre a criação a partir do nada: “O mundo foi criado do nada; por esse motivo, não é Deus; isso também admite a possibilidade de dissolução, uma vez que o Criador deseja que seja assim”⁴³⁶ (tradução nossa). Mesmo que de forma breve o autor refuta a teoria gnóstica que pretendia estabelecer que o mundo tivesse sido criado a partir de uma matéria preexistente. Neste ponto, o panteísmo⁴³⁷ também é refutado pelo autor de *Philosophumena*, ao ser descrito de maneira explícita a distinção entre Deus e o mundo criado.

O desenvolvimento da revelação divina também é considerado no livro dez, assim como fica evidente a cristologia do autor, sobretudo quando a intenção é alertar os leitores para não se deixarem levar por vãs e eloquentes discursos, pois as palavras e ensinamentos que eram verdadeiramente dignas de fé eram aqueles que partiram de Deus e entregues ao Verbo.

E estas coisas Deus ordenou ao Logos; então o Logos, falando, os fez ressoar, corrigindo o humano, através dessas palavras; não levando-o à escravidão com a força de uma coisa necessária, mas chamando-o para a liberdade através de uma livre escolha. Este é o Logos que o Pai enviou nos últimos dias, não querendo mais falar através de um profeta e não querendo que fôssemos fazer conjecturas interpretativas sobre quem fala obscuramente através de uma terceira pessoa; ele se manifestou falando em primeira pessoa, para que pudéssemos vê-lo com nossos próprios olhos, para que o mundo tivesse vergonha, não na frente de quem dá prescrições através da pessoa dos profetas, nem na frente de quem assusta pela aparência de um anjo, mas na frente de quem fala pessoalmente⁴³⁸ (tradução nossa).

⁴³⁴ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X, 32.1

⁴³⁵ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X 32,5.

⁴³⁶ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X 32,5

⁴³⁷ O Panteísmo nega a existência de um Deus criador, não fazendo distinção entre Deus e o mundo, ou seja, tudo é Deus, inclusive a matéria.

⁴³⁸ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X,33,13-14.

O autor volta a refutar brevemente o gnosticismo e a teoria de que o verdadeiro conhecimento estaria escondido e revelado apenas aos iniciados. Ao contrário, o Verbo de Deus se fez carne e anunciou abertamente a mensagem do Pai, não proferindo pregações obscuras e acessíveis apenas a uma elite de privilegiados. O próprio Jesus ora ao Pai agradecendo a revelação das coisas aos pequeninos e não aos sábios (Mt 11,25-26). A teologia de Irineu, como já demonstrado, tem grande influência na obra de Hipólito, sobretudo a cristologia. Meunier demonstra que o Cristo presente nas obras de Irineu, não se revela apenas para um grupo de privilegiados:

Esse Cristo fantasma, que só vem para cochichar segredos aos ouvidos de uma elite e fala em termos velados para impedir a pessoa comum de compreendê-los, esse não é o Cristo de Irineu, porque não é o Cristo dos apóstolos⁴³⁹.

Ainda a respeito da cristologia de Hipólito, no livro dez, o docetismo⁴⁴⁰ é refutado:

Sabemos que esse homem Jesus foi gerado com a nossa mesma massa; se de fato não tivesse sido o mesmo que nossa massa, seria em vão que ele próprio prescrevesse para imitar o mestre. Se tivesse acontecido que o homem Jesus tinha uma substância diferente da nossa, por que ele ordenaria coisas semelhantes a mim, que nasci fraco?⁴⁴¹ (tradução nossa).

Algumas heresias mereceram atenção especial de Hipólito por causa da relevância dos seus respectivos autores na teologia do III século. Teódoto, Marcião, Montano, Noeto e Sabélio terão suas heresias refutadas por Hipólito na obra *Philosophumena*.

4.4 Combate aos hereges

A partir deste ponto demonstraremos como Hipólito combate alguns hereges, refutando o erro de cada um deles. Começando por Teódoto, passando por Marcião, Montano, Noeto e Sabélio. O intuito é demonstrar que os personagens refutados por

⁴³⁹ MEUNIER, B. O nascimento dos dogmas cristãos, p. 45.

⁴⁴⁰ Os docetas negavam a existência de um corpo real para Jesus Cristo, influenciados pela mitologia onde os deuses utilizavam o artifício de se tornarem apenas em aparência como os mortais a fim de poder aproximar-se deles.

⁴⁴¹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X 33,16-17.

Hipólito passaram pela pena de excomunhão de acordo com as sanções estabelecidas pela Igreja e demonstradas no capítulo anterior. Interessante observar que tais heresias se aproximavam do período de atuação de Hipólito, ou seja, o autor podia refutá-las com convicção, pois certamente tinha contato com os seguidores de tais doutrinas consideradas estranhas à regra de fé.

O autor de *Philosophumena*, depois de comentar sobre os ebionitas, descreve a heresia de Teodoto, natural de Bizâncio. Certos pontos a respeito da criação do universo concordavam com a doutrina ensinada pela Igreja, sobretudo em relação ao reconhecimento de que todas as coisas foram criadas por Deus. O problema pairava sobre Cristo, onde Teodoto fundamenta sua teoria a partir da escola gnóstica sob a forma do adocionismo, segundo o qual

Jesus era um homem nascido de uma virgem, de acordo com a vontade do Pai. Depois de ter vivido junto com todos os homens e ter sido muito piedoso, mais tarde, no batismo no Jordão, ele recebeu a Cristo em uma forma de pomba. Esta é a razão pela qual ele não tinha poderes antes do tempo em que o Espírito que desceu foi revelado nele, que proclama que ele é o Cristo.⁴⁴² (tradução nossa)

A heresia de Teodoto estava relacionada diretamente com os ensinamentos dos ebionitas que negavam a divindade de Jesus, reconhecendo-o apenas como um ungido por Deus. Embora Teodoto não seja o pai desta heresia, foi o primeiro a sistematizar e a defender o adocionismo⁴⁴³.

O autor de *Philosophumena* deixa uma observação a respeito da heresia de Teodoto: alguns hereges nunca admitiram que Jesus se tornou Deus na descida do Espírito, e outros admitem que ele só se tornou Deus depois de sua ressurreição dentre os mortos⁴⁴⁴.

Philosophumena considera Marcião uma pessoa audaciosa ao fundar uma nova escola baseada na teoria da existência de dois princípios, o bem e o mal. O texto de *Philosophumena* é de grande relevância para o conhecimento da doutrina ensinada por Marcião, pois não se conservaram escritos do próprio autor.

De acordo com Hipólito, Marcião pensou que as pessoas iriam esquecer o fato de que não era discípulo de Cristo, mas de Empedocle. “Assim, dadas essas bases, Marcião professou uma doutrina segundo a qual há duas causas do universo:

⁴⁴² HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VII, 35.1

⁴⁴³ FRANGIOTI, R. *História das Heresias*, p. 22.

⁴⁴⁴ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VII, 35.1

Discórdia e Amizade”⁴⁴⁵ (tradução nossa). Na verdade o que o autor de *Philosophumena* faz neste ponto é comparar a heresia de Marcião com a de Empedocle, e considera a primeira um plágio da segunda: “Já explicamos o que Empedocles diz sobre a passagem do mundo. Mas não podemos ficar calados aqui, porque devemos confrontá-lo com a heresia deste plagiador”⁴⁴⁶(tradução nossa). Uma das características que não pode faltar àqueles que têm a missão de defender a fé da Igreja é a *parresia*, isto é, a coragem em denunciar qualquer tipo de erro que venha a comprometer-la, sobretudo quando culmina na heresia. Hipólito faz questão de comparar uma por uma as ideias propagadas por Marcião com as de Empedocle.

Você diz que o Demiurgo do mundo é negativo: desta forma você não está escondendo as doutrinas de Empedocles, ensinando-as à Igreja? Você diz que há um bom Deus que destrói as obras do Demiurgo: desta forma você não está claramente pregando aos seus ouvintes, sob a forma desse bom Deus, a ideologia da amizade formulada por Empédocles?⁴⁴⁷ (tradução nossa)

De acordo com o autor de *Philosophumena* os frígios são heréticos por natureza e caíram no erro no momento em que se deixaram fascinar por duas mulheres chamadas Priscila e Maximila, supostamente agraciadas com o dom da profecia⁴⁴⁸. Os frígios afirmavam ainda que o Espírito Paráclito estava dividido nas duas profetizas. Tal declaração foi consignada por escrito pela primeira vez na literatura através da obra *Philosophumena*. “Antes deles, eles consideram um certo Montano da mesma maneira que um profeta”⁴⁴⁹. Ou seja, além de Priscila e Maximila, Montano também representaria o Paráclito. Os discípulos desses acreditavam e professavam que eram realmente profetas e ungidos, pois afirmavam que aprenderam muito mais com eles do que com a Lei, os profetas (bíblicos) e até mesmo o Evangelho⁴⁵⁰. A adoração aos supostos profetas é demasiada, a ponto do autor de *Philosophumena* afirmar que para alguns discípulos eles importavam mais do que os apóstolos e outros chegavam ao ponto de considerar que neles podia até mesmo ser encontrado algo que o próprio Cristo não possuía⁴⁵¹. Uma analogia pode

⁴⁴⁵ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VII, 29.2

⁴⁴⁶ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VII, 29.3

⁴⁴⁷ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VII, 30.3

⁴⁴⁸ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII, 19.1

⁴⁴⁹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII, 19.1

⁴⁵⁰ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII, 19.1

⁴⁵¹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII, 19.2

ser realizada com os dias atuais, quando surgem líderes espirituais prometendo coisas fascinantes e miraculosas, inclusive fazendo-se passar por novos messias.

Um estilo de vida austero com severos jejuns e costumes alimentares estranhos também era característica dos seguidores de Montano. Hipólito faz um apontamento ligando esta heresia com a dos noetianos, pois também pregavam que “o próprio Pai é o Filho, e isto foi sujeito ao nascimento, sofrimento e morte”⁴⁵² (tradução nossa). A respeito da heresia de Noeto o autor observa que a explicará com mais detalhes adiante no livro, pois trata-se de um mal que atingiu a muitos⁴⁵³. Ao final, Hipólito declara que não precisa perder muito mais tempo combatendo as ideias apresentadas, pois eram por si só muito fracas, tolas e não mereciam maiores considerações⁴⁵⁴.

A heresia de Noeto mereceu atenção especial do autor de *Philosophumena*, sendo Epigono o principal discípulo e responsável em difundir a doutrina em Roma. De acordo com Hipólito a heresia de Noeto teria se alastrado no tempo do Papa Zeferino por conta de sua inexperiência e ignorância⁴⁵⁵. Neste ponto, Calisto também recebe duras críticas, chamado de conselheiro e assistente de maldade de Zeferino⁴⁵⁶.

A intenção do autor é demonstrar que Noeto não é discípulo de Cristo, mas de Eráclito e que não é desconhecido a ninguém que sua doutrina afirma que o Filho se identifica com o Pai, no sentido de ser uma mesma e única pessoa⁴⁵⁷.

O autor destaca que a intenção de Noeto era salvaguardar a unicidade de Deus, sustentando que o Pai e o Filho eram um só, tendo apenas o nome modificado. Hipólito também destaca que de acordo com as ideias de Noeto foi o Pai quem sofreu, morreu e ressuscitou⁴⁵⁸. Convém ainda destacar que Hipólito de Roma escreveu outra obra⁴⁵⁹ dedicada ao combate da heresia de Noeto.

Dentre as várias polêmicas que envolvem Hipólito de Roma a controvérsia com Calisto é a mais relevante, pois é por causa desta que irá receber posteriormente na história o título de primeiro antipapa. O autor de *Philosophumena* acusa Calisto

⁴⁵² HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII, 19.3

⁴⁵³ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII, 19.3.

⁴⁵⁴ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII, 19.4

⁴⁵⁵ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,7.1

⁴⁵⁶ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,7.2

⁴⁵⁷ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,7.11

⁴⁵⁸ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,7.11

⁴⁵⁹ Pesquisas sugerem que tal obra é fruto de uma homilia pronunciada por Hipólito.

de ser astucioso em sua maldade e que usou de sua capacidade de sedução para obter o trono episcopal⁴⁶⁰. O papa Zeferino também não escapa das palavras duras de Hipólito: “Zeferino era um homem ignorante, analfabeto e inexperiente de normas eclesíásticas”⁴⁶¹. Hipólito pode ser considerado um homem que não se preocupava muito em ser cortês no falar e escrever, pois suas declarações eram quase sempre enérgicas e impulsivas, mesmo quando tinha como interlocutor o próprio papa.

Calisto também foi acusado de fomentar a confusão e discórdia no meio do povo por conta de sua manipulação nos ensinamentos de Zeferino. Uma das confusões pelas quais Calisto era culpado, de acordo com Hipólito, estava relacionado com declarações que poderiam levar ao patripassianismo. Neste ponto o autor faz questão de observar que reprovava tais ensinamentos, mantendo-se fiel pelo amor à verdade, e por isso foi considerado um diteísta⁴⁶². “Em começos do séc. III, na polêmica desencadada pela crise monarquiana, Hipólito se queixa de que o Papa Zeferino, que considera modalista camuflado, o acusa de diteísmo por distinguir o Pai do Filho”⁴⁶³. A doutrina ensinada por Calisto poderia ser facilmente identificada como herética, segundo a concepção de Hipólito, bastando apenas um pouco de inteligência para reconhecê-la⁴⁶⁴. O período em que se desenvolveram as controvérsias é bem delimitado: “Este Calisto deu seu testemunho de fé no período em que Fusciano era prefeito de Roma”⁴⁶⁵ (tradução nossa).

A heresia de Calisto é exposta da seguinte maneira pelo autor de *Philosophumena*: “Calisto inventou tal heresia. Ele diz que o próprio Logos é o Filho, e este também é o Pai, chamado com outro nome, mas na realidade é apenas um espírito indivisível”⁴⁶⁶ (tradução nossa). A doutrina tinha como fundamento a preocupação de Calisto em não professar a fé em dois deuses, salvaguardando a genuidade do monoteísmo: “Porque - diz Calisto - não pretendo proclamar dois

⁴⁶⁰ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,11.1.

⁴⁶¹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,11.1..

⁴⁶² Na obra *Contra Noeto*, Hipólito de Roma defende-se da acusação de ser um diteísta, conforme citado por Sesboüé: “Certamente não falarei de dois Deuses, mas de um só, e de duas pessoas pela economia e, em terceiro, da graça do Espírito Santo. Pois o Pai é um, mas as pessoas são duas, porque há também o Filho e em terceiro já o Espírito Santo”. (SESBOÛÉ, B; WOLINKSI, J. *História dos Dogmas*, p. 164).

⁴⁶³ ELENA, S.C. Triteísmo. In: PIKAZA, X.; SILANES, N. (Eds.) *Dicionário Teológico O Deus Cristão*, p. 894.

⁴⁶⁴ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,11.4

⁴⁶⁵ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,11.4.

⁴⁶⁶ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,12.16

deuses, Pai e Filho, mas apenas um”⁴⁶⁷ (tradução nossa). Apesar da controvérsia, Hipólito destaca que Calisto evitou chegar ao extremo da heresia, seja tomando parte das ideias de Sabélio ou de Teodoto⁴⁶⁸, não compactuando da doutrina segundo a qual o Pai teria sofrido e não o Filho. Calisto também é acusado de ter fundado uma escola que rivalizava com a Igreja, mas utilizava a mesma metodologia de ensino, de modo que o problema não estava no fato da fundação da escola, mas por não seguir a linha da reta doutrina. Porém as principais acusações de Hipólito contra Calisto estavam relacionadas com a questão da complacência com os que cometiam pecados graves após o batismo, pois para obter o perdão bastaria pertencer à escola de Calisto:

Ele foi o primeiro que teve a bela idéia de permitir aos homens até ações que visavam seus prazeres, dizendo a todos que seus pecados foram perdoados por ele. De fato, quem quer que atenda alguma outra Igreja e que se define como cristão, se ele cometeu algum tipo de pecado, eles lhe dizem que este pecado não será contado, desde que ele se junte à escola de Calisto.⁴⁶⁹ (tradução nossa)

Defendia também que até mesmo um bispo cometendo pecado mortal não precisaria ser afastado do cargo. Neste ponto o autor de *Philosophumena* acusa a doutrina ensinada por Calisto de ter modificado a práxis da Igreja, em relação, por exemplo, ao celibato:

Com base nessa disposição, bispos, presbíteros e diáconos, que haviam se casado duas ou três vezes, começaram a ser admitidos no clero. Além disso, mesmo que alguém que já fizesse parte do clero se casasse, Calisto permitiu que ele ficasse lá, como se não tivesse cometido nenhum pecado, afirmando que a esse respeito havia sido pronunciada pelo apóstolo a frase: quem é você que julga um servo de outro homem?⁴⁷⁰ (tradução nossa)

A fundamentação da complacência de Calisto com os pecadores, inclusive os clérigos, estava relacionada, de acordo com Hipólito, com a ideia de que a Igreja poderia ser comparada com a Arca de Nóe, ou seja, em seu meio deveriam conviver todos os tipos de animais, puros e impuros. Outra teoria levantada por Calisto é que era preciso deixar o joio crescer no meio do trigo e por isso os pecadores deveriam permanecer na Igreja. Por causa de sua doutrina a escola de Calisto crescia cada vez mais e, de acordo com Hipólito, tal movimento era devido ao fato de que os seus

⁴⁶⁷ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,12.18

⁴⁶⁸ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,12.19

⁴⁶⁹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,12.20

⁴⁷⁰ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,12.22.

seguidores podiam continuar desfrutando dos prazeres, mesmo aqueles não permitidos por Cristo⁴⁷¹.

Muitas mulheres, sobretudo as solteiras, de acordo com Hipólito, foram acusadas de aproveitarem-se da complacência da doutrina de Calisto e não buscavam mais o matrimônio:

Na verdade, também concedeu às mulheres que não são casadas, mas que, tendo atingido a idade do casamento, queimam com paixão, se são de alto status social e não estão dispostas a casar legalmente, perdendo assim seu status social, para se tomarem como amantes quem eles quiserem, seja um escravo ou um homem livre⁴⁷² (tradução nossa).

Um problema apontado por Hipólito em relação ao modo de agir das mulheres, impulsionadas pela escola de Calisto, diz respeito a uma questão da teologia moral da Igreja: os métodos contraceptivos.

Desse decreto deriva-se que algumas mulheres, chamadas crentes, começaram a usar drogas para contracepção e se prepararam para expulsar os frutos da concepção, porque não queriam ter um filho com um escravo ou um homem barato, para manter a família e riqueza em quantidade⁴⁷³ (tradução nossa).

Certamente não é possível imaginar todas as nuances que envolvem os métodos contraceptivos atuais, mas é possível identificar que já naquela época a Igreja buscava compreender e se harmonizar com a medicina.

O autor de *Philosophumena* após expor as suas controvérsias com Calisto ironiza-o deixando explícito que não eram apenas as questões teológicas que causavam turbulência na convivência entre os dois, mas também questões pessoais: “Estas são as coisas que o maravilhoso Calisto estabeleceu”⁴⁷⁴.

São poucas as informações de *Philosophumena* a respeito de Sabélio, porém os registros deixados pelo autor apontam novamente para Calisto. De acordo com Hipólito, Calisto e seus discípulos estiveram pessoalmente com Sabélio e este não aparentava ser inflexível em relação às suas ideias, ou seja, seria possível que as revisse. Porém quando o mesmo esteve sozinho com Calisto foi persuadido a inclinar-se para a doutrina de Cleomenes⁴⁷⁵ e com isso foi, de acordo com Hipólito,

⁴⁷¹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,12.24

⁴⁷² HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,12.24

⁴⁷³ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,12.25

⁴⁷⁴ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,12.26

⁴⁷⁵ Cleomenes era discípulo de Noeto e tornou-se um dos líderes do movimento monarquiano em Roma (final do século II)

completamente afastado por Calisto da ortodoxia. O próprio Sabelio demorou para compreender a astúcia e maldade de Calisto: “Sabelio, naquela época, não entendia a astúcia perversa de Calisto, mas ele ficou sabendo disso mais tarde”⁴⁷⁶ (tradução nossa). Sabelio acabou sendo excomungado por Calisto e Hipólito descreve a verdadeira causa da pena:

Assim, após a morte de Zeferino, Calisto estava convencido de que ele havia conseguido dominar o que estava queimando. Ele então excomungou Sabélio, acreditando que ele não tinha idéias ortodoxas, já que ele tinha medo de mim⁴⁷⁷ (tradução nossa).

Pelo exposto, uma das causas da excomunhão de Sabelio estava relacionada com questões que também diziam respeito a Hipólito e não exclusivamente com a teologia, pois a ideia de Calisto era estabelecer um bom relacionamento com o autor de *Philosophumena* e assim ficar livre de outras acusações.

Não é por acaso que as relações de Hipólito com Calisto tenham sido tão conflituosas, a ponto do primeiro receber o indigesto título de primeiro antipapa da história. Porém é preciso levar em consideração de que toda história tem dois lados e nem sempre é possível conhecer o bastante para chegar a uma conclusão imparcial. Mas o fato é que os dois, Hipólito e Calisto, tinham personalidades fortes e exerciam grande influência na Igreja de Roma, não sendo realmente tarefa fácil chegar a um veredito a respeito de quem tinha razão nas várias discussões e controvérsias.

4.5 Influência de Irineu de Lião.

Todo ímpeto anti-herético de Hipólito de Roma pode ter raízes não apenas na própria personalidade do autor, mas na influência direta de um dos seus prováveis mestres, Irineu de Lião. Sendo ou não possível chegar a comprovação sobre a relação do aluno com o mestre, o fato é que Hipólito apresenta, sobretudo na obra *Philosophumena*, pensamentos semelhantes com o bispo de Lião em relação ao

⁴⁷⁶ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,11.2

⁴⁷⁷ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, IX,12.15

combate das heresias. Tal influência pode ser observada principalmente a partir da *Adversus haereses*.

A obra *Adversus haereses* foi escrita durante os pontificados dos papas Eleutério (175-189) – três primeiros livros, e Vitor (189-198) – dois últimos livros, provavelmente depois do ano 180. *Philosophumena* por sua vez foi concluída antes da morte de Calisto (222)⁴⁷⁸. A descrição de personagens específicos e suas respectivas heresias pode ser encontrada em ambas as obras.

Em *Philosophumena*, a heresia de Simão Mago é descrita com um nível de detalhes maior do que em *Adversus*, porém é possível identificar a mesma fonte em ambos os relatos. Em relação aos discípulos de Simão, Irineu escreve:

Os sacerdotes deles, místicos, vivem libidinosamente e praticam magias cada qual como pode; servem-se de exorcismos e encantamentos e exercitam-se fervidamente em filtros e feitiços, espiritismo, hipnotismo e em tudo que diz respeito à magia⁴⁷⁹.

Na obra de Hipólito: “Portanto, os discípulos deste homem celebram rituais mágicos, fórmulas mágicas, filtros e feitiços amorosos; eles também enviam os chamados portadores de sonhos para aqueles que querem assustar”⁴⁸⁰ (tradução nossa). Os dois textos atestam a existência de duas imagens, uma de Simão e outra de Helena, simbolizando deuses: “Eles também têm uma imagem de Simão, sob o disfarce de Zeus, e uma de Helena, representado com as obras de Atena, e eles os adoram, chamando um Senhor, a outra Senhora.”⁴⁸¹ (tradução nossa). Em Irineu: “Têm uma imagem de Simão, na aparência de Júpiter, e de Helena, na de Minerva e adoram-nas”⁴⁸². Sobre um dos principais ensinamentos de Simão a seu próprio respeito, Irineu descreve:

Este mago foi honrado por muitos como um deus e ensinou que ele era aquele que se manifestou como Filho entre os judeus, que desceu na Samaria como Pai e que veio entre os outros povos como Espírito Santo⁴⁸³.

Em Hipólito a descrição a respeito de Simão é bastante próxima com Irineu:

⁴⁷⁸ BRENT, A. Hyppolitus and the Roman Church in the Third Century, p. 289.

⁴⁷⁹ IRINEU DE LIÃO. *Adversus Haereses* I - 23,4

⁴⁸⁰ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VI, 20.1

⁴⁸¹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VI, 20.2

⁴⁸² IRINEU DE LIÃO. *Adversus Haereses* I – 23,4

⁴⁸³ IRINEU DE LIÃO. *Adversus Haereses* I - 23,1

Portanto, ele apareceu em forma humana, embora ele não fosse um homem, e ele parecia sofrer na Judéia sem ter sofrido, mas aparecendo aos judeus como um filho, em Samaria como Pai, para outros povos como o Espírito Santo⁴⁸⁴ (tradução nossa).

A respeito da história de Helena os dois autores citam pontos semelhantes, sobretudo em relação a sua transmigração em vários corpos, sendo inclusive considerada como responsável pela guerra de Tróia e também a ovelha perdida. Em relação a primeira afirmação, Hipólito e Irineu descrevem respectivamente: “De onde até mesmo a guerra de Tróia ocorreu, o que aconteceu por causa dela.”⁴⁸⁵ (tradução nossa). “Durante séculos transmigrou, como vaso se derrama noutra, em corpos de mulheres. Entre outras, ela foi aquela Helena por cuja causa aconteceu a guerra de Tróia”⁴⁸⁶. Sobre a ovelha perdida, Hipólito descreve: “Depois de resgatá-lo, ele levou-a com ele, afirmando que esta era de fato a ovelha perdida”⁴⁸⁷. Note-se a semelhança com o relato de Irineu: “Na sua transmigração de corpo em corpo, desde o início, sempre sofreu afrontas e ultimamente se estabeleceu num prostíbulo: ela seria a ovelha desgarrada”⁴⁸⁸.

Sobre as ideias de Marcião, Hipólito explora com mais detalhes do que Irineu, embora o dualismo radical, principal aspecto da heresia, seja tratado com a mesma ênfase. De acordo com Irineu:

Marcião mutilou o evangelho segundo Lucas, eliminando tudo o que se refere à geração do Senhor e expungindo muitas passagens dos ensinamentos do Senhor nas quais este reconhece abertamente como seu Pai o criador do universo⁴⁸⁹.

Na mesma linha seguida por Irineu, Hipólito descreve que Marcião propagou um ensinamento baseado na existência de dois princípios do universo. Afirmava que um princípio era bom, mas o outro era mal”⁴⁹⁰.

Tanto Irineu quanto Hipólito descrevem também personagens que mantêm relação com Marcião, como por exemplo Cerdão. A respeito deste Hipólito declara:

Então há um certo Cerdão. Mesmo este homem, partindo destes e de Simão da mesma forma que os outros, afirma que o Deus pregado por Moisés e os profetas não era o pai de Jesus Cristo. De fato, isso era conhecido, enquanto o Pai de Cristo

⁴⁸⁴ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VI, 19.6

⁴⁸⁵ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VI, 19.2

⁴⁸⁶ IRINEU DE LIÃO. *Adversus Haereses I* - 23,2

⁴⁸⁷ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VI, 19.4

⁴⁸⁸ IRINEU DE LIÃO. *Adversus Haereses I* - 23,2

⁴⁸⁹ IRINEU DE LIÃO. *Adversus Haereses I* - 27,2

⁴⁹⁰ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VII, 29,1

era desconhecido; e o primeiro estava certo, enquanto o outro era bom⁴⁹¹ (tradução nossa).

Na *Adversus Haereses* Irineu descreve da mesma maneira a heresia de Cerdão: “ensinou que o Deus anunciado pela Lei e os profetas não é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo; o primeiro é conhecido, o segundo é incognoscível; um justo, o outro bom”⁴⁹². Hipólito constata que Marcião era seguidor da heresia de Cerdão: “Marcião confirmou sua doutrina, e tendo começado a escrever as antíteses, cada afirmação parecia-lhe uma boa oportunidade para chamar o Demiurgo do universo”⁴⁹³ (tradução nossa). Irineu descreve a mesma relação: “Sucedeu-lhe Marcião, originário do Ponto, ampliou a doutrina, blasfemando despididamente o Deus da Lei e dos Profetas”⁴⁹⁴.

Comentários a respeito de outros personagens, sobretudo aqueles relacionados com as doutrinas gnósticas, são encontrados em ambas as obras, tais como Valentim, Menandro, Saturnino, Basíledes, Capocrates, Cerinto, Taciano, além dos ebionitas, ofitas e setianos.

Os livros seis e sete da *Philosophumena* são os que mais receberam influências da obra de Irineu. Alguns trechos contém grandes semelhanças, como por exemplo a descrição da heresia de Saturnino:

Quanto as profecias, algumas foram proferidas por estes Anjos criadores do mundo, outras por Satanás, que Saturnino apresenta como adversário dos criadores do mundo e especialmente do Deus dos judeus⁴⁹⁵.

Hipólito utiliza palavras bastante semelhantes com as de Irineu:

Além disso, algumas profecias foram ditas pelos anjos que criaram o mundo, alguns por Satanás, que também é um anjo que tinha a tarefa de agir como um antagonista contra tais criadores do mundo, especialmente contra o Deus dos judeus. Estas são, portanto, as doutrinas de Saturnino⁴⁹⁶ (tradução nossa).

Sobre os nicolaítas é possível identificar um detalhe relevante descrito nas duas obras: são discípulos de Nicolau, um dos sete primeiros diáconos ordenados

⁴⁹¹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VII, 37.1

⁴⁹² IRINEU DE LIÃO. *Adversus Haereses* I - 27, 1

⁴⁹³ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VII, 37.2

⁴⁹⁴ IRINEU DE LIÃO. *Adversus Haereses* I - 27, 2

⁴⁹⁵ IRINEU DE LIÃO. *Adversus Haereses* I - 24,2

⁴⁹⁶ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VII, 28.7

pelos apóstolos. Também são acusados de levar uma vida dissoluta e que tudo era permitido, desde comer carnes oferecidas aos ídolos até a fornicação⁴⁹⁷. Hipólito e Irineu atestam que a heresia nicolaíta é descrita no livro do Apocalipse de João (Ap 2,14-15).

Os comentários a respeito de Taciano atestam que se tratava de um discípulo de Justino, porém após o martírio do mestre teria se separado da Igreja tomando para si o título de mestre. “Como os discípulos de Valentim, conta a história dos Éões invisíveis, como Marcião e Saturnino, tacha o casamento de corrupção e fornicação, e no que lhe é próprio, nega a salvação de Adão”⁴⁹⁸. Em *Philosophumena*:

Ele afirmou que havia alguns Eons concebíveis, o assunto de um conto mitológico semelhante ao de Valentim. Em vez disso, ele parece estar perto de Marcião ao afirmar que o casamento é destruição. Ele afirma que Adão não é salvo porque ele foi o autor da desobediência⁴⁹⁹ (tradução nossa).

A influência da *Adversus Haereses* em *Philosophumena* é bastante evidente em partes específicas, sobretudo a partir do livro seis. Mas considerando que os livros dois e três foram perdidos, é possível constatar que dos oito livros encontrados, quatro têm fontes na obra de Irineu (incluindo o livro dez que é uma recapitulação de todos os livros). O livro nove é o mais original de *Philosophumena*.

De forma sintética é possível relacionar as influências de Irineu na obra *Philosophumena*:

- no livro seis, *Adversus Haereses* (I, 1-17) é utilizada como fonte na exposição da heresia de Valentim.

- no livro sete a descrição das heresias de Basilide, Saturnino e Menandro, Marcião, Carpocrate e Ebionitas, Nicolaítas e Cerdão, são feitas baseadas na *Adversus Haereses* (I, 24-27).

- Taciano, Montano e encratistas são expostos no livro oito com base no livro I, 28 e 31 da *Adversus Haereses*.

⁴⁹⁷ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VII, 36.3 e IRINEU DE LIÃO. *Adversus Haereses* I, 26,3

⁴⁹⁸ IRINEU DE LIÃO. *Adversus Haereses* I, 28,1

⁴⁹⁹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, VIII, 16.

4.6

Relação da obra *Philosophumena* com as definições do Concílio de Niceia (325) e Calcedônia (451).

No início do cristianismo a reflexão cristã almejava responder à questão fundamental sobre a pessoa de Jesus Cristo: Ele também era Deus? Caso fosse, como ficaria a relação dos cristãos com o monoteísmo? Estariam diante um ou dois deuses? Outra questão que germinava nos debates teológicos era se na manifestação do Verbo, a essência de Deus teria se modificado? São reflexões que se destacavam nos debates teológicos durante os primeiros séculos do cristianismo. Conforme Meunier:

Questões não foram inventadas: elas foram apresentadas ao cristianismo, do interior ou do exterior, e era necessário respondê-las, sob pena de ver a confissão de fé, ou desacreditada, ou pouco a pouco reduzida ao que a razão podia admitir sem muita dificuldade... Ora, estas questões têm por objeto o ser de Deus, o ser de Cristo...⁵⁰⁰

No alvorecer do cristianismo as principais controvérsias teológicas estavam relacionadas com a cristologia, ou seja, ainda não existia consenso que pudesse formular uma declaração, que nos dias atuais chamaríamos dogmática⁵⁰¹, confessando a divindade de Cristo. Considerava-se Cristo um simples homem adotado por Deus como filho (adocionismo) ou negava-se a distinção das pessoas em Deus, considerando que o Filho era apenas uma maneira de ser de Deus (modalismo). Os monarquianos não admitiam em hipótese alguma a alteridade das pessoas em Deus. Estas questões, sobretudo impulsionadas pelas ideias de Ário, foram colocadas em discussão no Concílio de Niceia.

No ano 325 realizou-se em Niceia o primeiro concílio eucumênico da Igreja, convocado pelo imperador Constantino com o objetivo principal de resolver a questão ariana, restaurando assim a paz no Império⁵⁰². A doutrina contida no livro

⁵⁰⁰ MEUNIER, B. O nascimento dos dogmas cristãos, p. 108.

⁵⁰¹ A respeito da origem das definições dogmáticas, Sesboüé faz importante observação: “A definição de Nicéia, constitui a certidão de nascimento da linguagem propriamente dogmática na Igreja. É a primeira vez que, num texto eclesial oficial e normativo, se acham empregados termos que não vêm da Escritura, mas da filosofia grega”. (SESBOUË, B.; WOLINSKI, J. O Deus da Salvação-Tomo I, p. 215).

⁵⁰² A manutenção da *Pax Deorum* foi na verdade a principal motivação de Constantino na convocação do Concílio de Niceia. *Pax Deorum* estava relacionada ao sistema jurídico-religioso romano e era garantia de concórdia entre homens e deuses, trazendo segurança necessária para a ordem estatal. Não é o mais propício apontar uma motivação teológica da parte de Constantino como a principal razão para a convocação do Concílio. “O imperador é o ‘bispo do exterior’, isto é, que

dez de *Philosophumena*, a respeito da relação entre Criação e Verbo, está bem próxima das definições de Niceia. Sobre a geração do Verbo, Hipólito declara: “Agora, portanto, Deus, o Deus único, o Deus de todas as coisas, tendo pensado primeiro no Logos, gera não o Logos como uma voz, mas como o raciocínio imanente do universo”⁵⁰³. Em Niceia os padres conciliares⁵⁰⁴ definiram no símbolo a crença em um só Senhor:

Cremos em um só Deus, Pai onipotente, artífice de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, nascido unigênito de Deus, isso é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, nascido, não feito, de uma só substância com o Pai, Jesus Cristo, Filho de Deus, nascido unigênito do Pai, isso é, da substância do Pai”⁵⁰⁵.

A geração do Verbo acontece antes de tudo e este não pode ser diferente daquele que sempre existiu, não estando sujeito ao tempo, pois “de fato, ao mesmo tempo em que procedeu daquele que o gerou, sendo o primogênito dele, ele tinha em si, como uma voz, as idéias concebidas no Pai”⁵⁰⁶(tradução nossa).

A afirmação principal de Ário era que houve um tempo em que o Filho não existia, assim sendo, Pai e Filho não poderiam ser da mesma substância. Sobre esta questão, relacionada com o termo *ousia* – substância do Verbo, é possível encontrar um germe de reflexão teológica realizada pelo autor de *Philosophumena*: “Somente o Logos de Deus vem dele; por esse motivo, ele também é Deus, tendo a mesma substância que Deus”⁵⁰⁷ (tradução nossa).

Em 451 culminou a controvérsia a respeito das duas naturezas de Cristo. Se em Nicéia a heresia a ser combatida estava relacionada com a Trindade, pois negava a divindade de Cristo e não reconhecia uma segunda pessoa em Deus, em

deve velar, do exterior, pelo bom funcionamento das instituições e pela paz religiosa. Não tem de julgar as coisas da fé em si mesmas, mas deve velar pelo bem da religião. O imperador é considerado um ‘mediador’, pois é investido por Deus da tarefa de assumir a boa ordem e a harmonia entre o Estado ou a sociedade civil e a sociedade eclesial” (SESBOÛÉ, B.; WOLINSKI, J. O Deus da Salvação-Tomo I, p. 212).

⁵⁰³ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X 33,1.

⁵⁰⁴ Sobre o número de bispos que participaram do Concílio é uma informação imprecisa, porém um número simbólico é normalmente colocado como referência: 318, com base na passagem dos servidores de Abraão (Gn 14,14). “A partir da segunda metade do séc. IV o Concílio de Nicéia será comumente indicado como o ‘concílio dos 318 padres’” (ALBERIGO, G. História dos Concílios Ecumênicos, p. 24-25).

⁵⁰⁵ DH 125.

⁵⁰⁶ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X 33,1.

⁵⁰⁷ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X 33, 8.

Calcedônia⁵⁰⁸ a heresia que devia ser combatida era especificamente cristológica. O imperador Marciano toma a decisão de convocar o quarto concílio ecumênico com o objetivo de resolver a questão do paradoxo de Cristo: apenas homem, apenas Deus, Deus e homem? A relação entre a natureza divina e humana de Cristo foi o principal objeto de estudo do bispo Apolinário de Laodicéia, nascido em 310. O principal objetivo de Apolinário era explicar como acontecia a união entre as duas naturezas de Cristo. A partir deste ponto é que se desenvolve uma longa discussão e nasce o apolinarismo, uma heresia que sustenta a tese fundamental “que o Verbo, encarnando-se, ocupara o lugar da alma humana de Jesus[...]. Exclui, por isso, do ser de Jesus a razão, a alma racional superior, enquanto sujeito capaz de autodeterminar-se”⁵⁰⁹.

O Concílio de Calcedônia encarregou-se de refutar a heresia apolinarista. Dentre as declarações formuladas pelo Concílio, a definição a respeito das duas naturezas de Cristo é explicitada da seguinte maneira:

um só e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, unigênito, reconhecido em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação, não sendo de modo algum anulada a diferença das naturezas por causa de sua união, mas, pelo contrário, salvaguardada a propriedade de cada uma das naturezas e concorrendo numa só pessoa e numa só hipóstase; não dividido ou separado em duas pessoas, mas um único e o mesmo Filho, unigênito, Deus Verbo, o Senhor Jesus Cristo⁵¹⁰.

Na obra de Hipólito, muito anterior a definição conciliar de Calcedônia, é possível identificar uma refutação prévia contra aqueles que posteriormente negariam as duas naturezas de Cristo, sobretudo influenciados pelas ideias de Apolinário:

Mas, para que ele não fosse considerado diferente de nós, ele até se sujeitou a fadiga, estava disposto a suportar a fome, não se recusava a sentir sede, precisava voltar a dormir, não relutou com a sua paixão, fez-se obediente à morte e manifestou a ressurreição, oferecendo como primeiro fruto, em todas essas ações, a humanidade dele, para que você, quando estiver em tribulação, não desanime, mas perceba que a sua própria natureza de homem corresponde ao dele, você também, para sua pessoa, pode esperar o que foi concedido⁵¹¹ (tradução nossa).

⁵⁰⁸ O Concílio de Calcedônia aconteceu entre 8 e 31 de outubro de 451 na basílica de Santa Eufêmia. Além da principal definição dogmática referente as duas naturezas de Cristo, o Concílio também tinha o objetivo reparar algumas coisas que tinham ocorrido no concílio de Éfeso, realizado em 431 e convocado pelo imperador Teodósio.

⁵⁰⁹ FRANGIOTTI, R. História das Heresias, p. 100.

⁵¹⁰ DH 302.

⁵¹¹ HIPÓLITO DE ROMA. *Philosophumena*, X 33,16-17

Mesmo de forma embrionária é importante destacar como a teologia de Hipólito de Roma, sobretudo aquela contida na obra *Philosophumena*, está em harmonia com os teólogos que em Niceia e Calcedônia tiveram também a missão de resguardar a ortodoxia da fé.

4.7 Conclusão

A questão envolvendo a relação de obras que podem ser atribuídas verdadeiramente a Hipólito de Roma encontra-se ainda em aberto, ou seja, as discussões e pesquisas estão longe de uma conclusão. A obra *Philosophumena*, apresentada neste capítulo, não escapa à polêmica, haja vista que até 1851 Orígenes era considerado o seu autor. Embora não seja possível uma definição, algumas evidências históricas corroboram que a obra tenha realmente Hipólito como autor.

Philosophumena apresenta-se como a obra de Hipólito que mais se destaca no combate às heresias, onde o autor compara cada uma com uma filosofia grega pagã, tendo nisto um diferencial em relação a obra da qual recebeu grande influência: *Adversus haereses*, de Irineu de Lião. A obra é uma rica fonte de estudo sobre o gnosticismo. Outro traço original da obra de Hipólito é a explanação de algumas heresias não encontradas em outros autores. Ainda seguindo a linha da originalidade o livro dez, é o que apresenta o maior ineditismo em relação aos demais. As heresias de Simão, Teodoto, Marcião, Montano, Noeto, Sabélio são refutadas na obra, alguns com minúncias e outros nem tanto, mas o fato é que neste ponto percebe-se a influência direta de obra de Irineu de Lião.

Na obra fica demonstrado que o motivo principal da desavença entre Hipólito e o papa Calisto estava centrado nas questões de disciplina moral da Igreja, fato que levou Hipólito a receber o título histórico de primeiro antipapa.

Na parte final da obra Hipólito é incisivo ao defender que a verdade é simples e não tão complicada como pretendem os gregos e os filósofos, pois a verdade é Cristo, de modo que não existe uma doutrina secreta que possa ser conhecida apenas por pequeno grupo de iluminados.

Embora considerado o primeiro antipapa da história, a teologia de Hipólito de Roma, de modo especial aquela contida no *Philosophumena*, pode ter sido, mesmo sem nenhum tipo de registro histórico, devidamente amadurecida ao longo dos anos, utilizada pelos Padres Conciliares de Niceia e Calcedônia e contribuído para as respectivas definições dogmáticas a respeito da divindade de Cristo e suas naturezas.

5 Conclusão

Negar de modo persistente, após a recepção do batismo, aquelas verdades que devem ser acreditadas com fé divina e católica, é o que caracteriza a heresia. No início do cristianismo, de modo especial nos séculos II e III, não foram poucas as contendas que inflamaram os debates teológicos, sobretudo em Roma, e fizeram estabelecer limites entre o que era considerado herético e o que estava dentro da ortodoxia. Porém, a separação entre uma coisa e outra era feita por uma linha muito tênue, de modo que, por exemplo, se poderia passar de um lado (ortodoxia) para outro (heresia) até mesmo sem perceber.

Os séculos II e III testemunharam o surgimento de heresias que colocaram em risco não apenas a fé autêntica, mas também a unidade da Igreja: ebionismo, marcionismo, gnosticismo, monarquianismo. Neste período é que surgem também grandes homens na defesa da ortodoxia, como por exemplo Justino, Tertuliano, Irineu, Hipólito de Roma.

A heresia dos ebionitas consistia basicamente em negar a divindade de Jesus, considerando-o apenas um grande profeta Jesus, porém não era de origem divina. Os judeus de tendência cristã eram os maiores defensores desta heresia e acabaram tendo problemas com cristãos e judeus. A ideia de que Jesus foi um grande profeta, mas não de origem divina, ainda é propagada nos dias atuais por algumas seitas.

O marcionismo propagava a doutrina a respeito do Deus misericordioso anunciado por Jesus Cristo em contraste com o Deus vingador do Antigo Testamento. Marcião colocava em questão como o Deus poderia ser tão vingativo e permissivo em relação à guerra e outras atrocidades? Nos dias de hoje encontramos pessoas que duvidam da existência de Deus questionando como Ele pode deixar, por exemplo, que aconteçam tantas tragédias?

Para os gnósticos a verdadeira fonte de salvação está no conhecimento e este só é revelado para um grupo de privilegiados. A desvalorização do mundo material também é uma característica deste grupo herético que tanto influenciou as

comunidades cristãs primitivas. Desponta a figura de Simão Mago, considerado pelos gnósticos, o fundador do sistema gnóstico e que pode ser encontrado em citações do Novo Testamento, sobretudo no livro de Atos dos Apóstolos. A obra *Adversus Haereses*, de Irineu de Lião, é uma excelente fonte de consulta a respeito dos gnósticos, suas ideias e de que maneira podem ser refutados. O gnosticismo é uma prova de que certas heresias não morrem nunca. Em dezembro de 2018 a Congregação para a Doutrina da Fé lançou a carta *Placuit Deo* alertando sobre o perigo do neo-gnosticismo que ronda a Igreja e relaciona-se diretamente com a salvação cristã.

No período específico de Hipólito de Roma a heresia que mais incomodava era o monarquianismo, e a principal tarefa era demonstrar que Trindade e monarquia não eram incompatíveis em Deus. O monarquianismo é um bom exemplo para mostrar quão tênue é a linha que separa heresia da ortodoxia, pois ao mesmo tempo que preserva o monoteísmo nega a alteridade de pessoas em Deus. Praxeas, Sabélio e Noeto de Esmirna são os principais personagens propagadores de tal heresia, e o último será veementemente combatido por Hipólito de Roma.

Descrever a personalidade de Hipólito não é uma tarefa fácil, pois ainda hoje várias pesquisas buscam decifrar algumas questões em aberto, como por exemplo, se estamos diante de um ou mais personagens com o mesmo nome? Quais obras podem ser realmente creditadas a ele? Além da questão envolvendo a estátua descoberta em 1551. Pesquisar sobre Hipólito de Roma é estar diante de um personagem de múltiplas faces: presbítero, antipapa, mártir e santo. É possível descreve-lo realmente com todas estas faces, pois, de acordo com relatos, fez parte do presbitério de Roma, rompeu com a Igreja por causa do cisma com o Papa Calisto, foi martirizado junto com o Papa Ponciano (235) e hoje é venerado como santo (13 de agosto), pois antes do martírio se reconciliou com a Igreja.

Três fontes são de fundamental importância em relação ao conjunto da obra de Hipólito de Roma: Eusébio de Cesareia, Jerônimo e a estátua descoberta em 1551. Embora seja possível encontrar nas três fontes obras em comum, não é consenso que de que todas sejam realmente de Hipólito. Destacamos a *Tradição Apostólica* (um grande manual de liturgia e catequese em Roma no século III), o *Comentário ao Livro de Daniel* (primeiro escrito que descreve o nascimento de Jesus Cristo no dia 25 de dezembro), o *Contra Noeto* (com uma descrição detalhada de como a Igreja procedeu com a excomunhão de Noeto) e *Philosophumena* (junto

com o *Adversus Haereses* de Irineu, uma das grandes obras de combate as heresias até o século III). Este trabalho considerou Hipólito o autor de algumas obras que ainda hoje são colocadas em dúvidas em relação à autoria.

O rigorismo no aspecto moral foi o principal ponto que levou ao cisma com o Papa Calisto, pois, de acordo com Hipólito, aqueles que tivessem cometido pecado grave não deveriam receber uma nova absolvição e, conseqüentemente, não tinham condições de permanecer no seio da comunidade como os demais. A Igreja deveria ser formada apenas pelos puros de coração. A atitude do Papa Calisto era de acolhimento. Infelizmente o rigorismo moral de Hipólito ainda existe e é possível constatá-lo, da mesma forma que Calisto era criticado, nos dias atuais acontece o mesmo com o Papa Francisco por causa de algumas colocações e atitudes.

Mas qual era o melhor modo de saber se determinada doutrina era ou não herética? O primeiro anúncio pós-pascal foi o *kerygma*, ou seja, a mensagem proclamada pelos apóstolos nas comunidades por onde passavam. Era o anúncio de que o Senhor tinha morrido, mas ressuscitou e estava vivo e glorioso. A partir deste primeiro anúncio as comunidades cristãs foram se desenvolvendo e a Boa Nova foi sendo propagada. A partir de determinado momento foram se desenvolvendo as primeiras formulações resumidas da fé e o nascimento do credo cristão. A partir do primeiro anúncio e da confissão de fé, desenvolve-se também a Tradição, que será o ponto de partida fundamental para saber se determinada doutrina estava ou não de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo e seus apóstolos. A doutrina passaria por uma análise sobretudo confrontando-a com o critério da apostolicidade da Igreja, ou seja, os ensinamentos deixados pelos apóstolos coincidem com aquilo que é ensinado a partir de determinada doutrina? Nos primeiros séculos os bispos exerciam um papel fundamental, pois eram eles os responsáveis em guardar a fé e a doutrina, mesmo que para tal encargo tivessem que oferecer a própria vida. Os tempos mudaram, mas a função dos bispos ainda é a mesma, ou seja, reger, governar e santificar os fiéis.

Se por um lado o *kerygma* tinha função proclamativa de Jesus morto, ressuscitado e glorioso, a regra de fé tinha como objetivo o estabelecimento de verdades que deveriam ser acreditadas pelos fiéis, ou seja, o desenvolvimento de um cânone. Estar dentro desta medida era garantia de que determinada doutrina não era herética. Irineu de Lião desenvolve bastante este conceito em suas obras.

Mesmo com todas as polêmicas que envolvem a personalidade de Hipólito de Roma, é possível afirmar que procurou sempre seguir a regra de fé, ou seja, sempre demonstrou um zelo e apego aos ensinamentos de Jesus Cristo e dos apóstolos, podendo ser considerado também um modelo de guardião da fé e ortodoxia.

A regra de fé está diretamente relacionada com a sucessão apostólica, de modo que seguir o que tem fundamentação nos ensinamentos dos apóstolos é a certeza de que não se trata de doutrina estranha. Estar dentro da regra de fé ainda hoje é garantia de que determinado ensinamento não é herético, pois diante de tantas ofertas de doutrinas é compreensível que exista mesmo uma confusão e incerteza quando é preciso fazer uma análise a respeito de certas doutrinas propagadas.

Quando alguém ensinava e propagava doutrinas estranhas a Igreja, sobretudo a partir da autoridade dos bispos, intervia e tomava providências necessárias para resguardar não apenas a fé autêntica, mas também manter a unidade. Neste período não é possível falar em uma sistematização de leis ou Direito positivo na Igreja, mas os escritos no Novo Testamento e a Sagrada Tradição são fontes primárias de um posterior direito eclesiástico. Os delitos mais graves passíveis de punição eram a apostasia, o homicídio e o adultério. Quem cometesse algum delito era acusado de estar rompendo com a comunhão eclesial, levando assim o infrator a cumprir algumas penas, entre elas a excomunhão.

A Tradição Apostólica, de Hipólito de Roma, apresenta normas disciplinares a serem seguidas pelas comunidades, e pode ser apontada como uma obra em prol de um Direito eclesiástico. São transmitidas instruções para uma boa condução e governo das comunidades na parte disciplinar, litúrgica e espiritual. É importante destacar que a preocupação de Hipólito, demonstrada no epílogo da obra, é sempre seguir e guardar a Tradição dos Apóstolos.

Ao contrário do que possa parecer, a pena de excomunhão não tinha o objetivo de simplesmente punir àqueles que colocavam em risco a comunhão na Igreja, mas era antes de tudo um remédio para curar o infrator e restabelecer a unidade. Aquele que recebia a pena era afastado e exortado a repensar sua vida e ideias, a fim de que o mais breve pudesse retornar ao convívio comunitário, porém caso persistisse no erro o processo de excomunhão permanecia.

No mundo atual falar em excomunhão ainda é polêmico, pois muitas pessoas não aceitam o fato da Igreja punir quem comete algum delito. Mas é preciso ter a noção exata de que são duas as naturezas que formam a Igreja, ou seja, estamos

diante de uma instituição divina, mas ao mesmo tempo organizada como uma sociedade de forma hierárquica. Neste ponto é natural que existam leis a serem seguidas, sobretudo para manter a unidade e guardar a fé de possíveis desvios doutrinários.

Até mesmo antes do cristianismo é possível falar na pena de excomunhão, desde à Sinagoga e o próprio Antigo Testamento é repleto de leis e normas a serem seguidas. Não é possível ler as Sagradas Escrituras sem constatar que a lei fazia parte do dia a dia dos israelitas, e quem cometesse algum delito sofria as penas correspondentes.

No cristianismo nascente as heresias eram ameaças constantes para a unidade da Igreja e as cartas de comunhão surgem para garantir que determinado fiel, em viagem, estava em comunhão com a Igreja, sobretudo com Roma. Neste ponto era a garantia que o bispo local tinha de que aquele fiel poderia participar da celebração eucarística, pois caso não apresentasse tal carta era sinal de que estaria cumprindo alguma pena, ou seja, poderia estar excomungado. Assim também é importante notar a primazia que já exercia a Igreja de Roma nos primeiros séculos do cristianismo.

Mas com qual autoridade a Igreja aplicava as penas de excomunhão? Certamente fundamentada na Sagrada Escritura a partir do evangelho escrito por Mateus, quando Jesus Cristo confere o poder das chaves (ligar/desligar) diretamente à Pedro, mas extensivo a todo colégio apostólico. Através desta faculdade, os apóstolos e posteriormente os bispos, tinham não apenas o poder de reter ou perdoar pecados, mas também de aplicar penas contra os infratores, assim como restabelecê-los ao convívio comunitário.

Nos três primeiros séculos do cristianismo, algumas excomunhões foram relevantes, como, por exemplo, as de Teódoto de Bizancio, Marcião, Montano, Noeto, Sabélio. Dentre elas, a de Noeto merece destaque no sentido de Hipólito de Roma, na obra *Contra Noeto*, demonstrar fielmente como ocorria um processo de excomunhão. No relato de Hipólito é possível constatar como a Igreja proporcionava todas as condições necessárias para o suspeito de heresia fazer uma retratação. Era um julgamento justo e não formado com acusações sem provas ou que não oferecia chances de defesa para o acusado. Só era mesmo excomungado quem persistisse em distorcer a fé ensinada pelos apóstolos.

As heresias nunca morrem. Nos dias atuais a Igreja precisa manter a vigilância e agir da maneira necessária quando a fé e moral são colocadas em risco por conta de doutrinas estranhas, heréticas ou, no mínimo, suspeitas. Levando em consideração que somente um batizado pode ser considerado herético, caso venha negar alguma verdade de fé católica, é preciso analisar com cuidado algumas situações a fim de que a unidade dos cristãos não seja afetada. Não é correto, por exemplo, considerar herético aquele que cresceu em uma comunidade cristã fora da Igreja Católica. Para os batizados católicos a Igreja prevê punição com a pena de excomunhão em vários casos, podendo ser de aplicação automática ou dependente de uma sentença proclamada por um tribunal. Constata-se atualmente que falta um equilíbrio e maior conhecimento: de um lado, estão aqueles que aplicariam a excomunhão com muito mais frequência; de outro, encontram-se os que consideram a pena desnecessária e não condizente com os costumes do mundo atual.

Hipólito de Roma, na obra *Philosophumena*, combate as heresias de maneira veemente, seguindo os passos do seu mestre Irineu de Lião, e o principal objetivo do autor é demonstrar que as heresias não têm um fundamento cristão. Em algumas situações utiliza um estilo irônico e sarcástico contra aqueles que considera hereges. Mesmo com uma evidente dependência, *Philosophumena* não deve ser vista apenas como uma cópia ampliada da obra de Irineu, pois o autor insere algumas seitas e personagens desconhecidos por outras fontes que tratem a respeito das heresias, fazendo com que a obra alcance também uma importância primária equiparando-se ao estilo de *Adversus Haereses*.

Na obra fica evidente o descontentamento de Hipólito com as atitudes do Papa Calisto, criticando-o, sobretudo, a respeito da complacência com os pecadores. Constatamos na pesquisa que além do campo teológico, Hipólito tinha desavenças pessoais com Calisto, ainda mais depois que o Papa Zeferino concedeu-lhe um posto de confiança e destaque na Igreja de Roma. O temperamento explosivo de Hipólito não permitia que tivesse boa vontade com as decisões de Calisto.

É importante notar que a obra de Hipólito de Roma, de forma prévia, refuta duas heresias que causaram bastante alvoroço no seio da Igreja até o século IV, ou seja, o arianismo e o apolinarismo, sem levar em consideração que ofereceu base teológica para refutar também o nestorianismo. Não seria nenhuma surpresa, caso pesquisas futuras encontrem indícios de que partes da obra de Hipólito foram utilizadas pelos Padres Conciliares dos primeiros Concílios da Igreja.

O escopo do trabalho abordou de que maneira as heresias surgiram e foram combatidas nos primeiros três séculos da Igreja, sobretudo a partir do conceito da regra de fé, pois era preciso uma medida a fim de que fossem estabelecidos limites entre heresia e ortodoxia. Não é possível falar em heresia sem atentar para o fato de que a Igreja precisou, ainda nos primeiros séculos, começar a formular códigos e leis a fim de manter a ordem e, sobretudo, a unidade na Igreja.

Esse trabalho intenciona oferecer uma contribuição em três sentidos: avaliar a personalidade de Hipólito de Roma e perceber que este não conseguiu avançar muito na vida eclesial ao entrar em rota de colisão com o Papa Calisto, sendo recordado atualmente muito mais como antipapa do que santo ou mártir, embora sua memória seja celebrada no calendário litúrgico. Nos dias de hoje vemos um movimento crescente de católicos que se opõem ao Papa Francisco e o acusam de herege, exatamente por o considerarem complacente demais. Certamente não é o melhor caminho a ser trilhado. Seguir a regra de fé, baseada na Sagrada Escritura e Tradição é o meio indicado quando a finalidade é resguardar a ortodoxia e a pureza da fé. Depois demonstrar que a práxis de excomunhão sempre existiu e é necessária para manter a ordem e unidade da Igreja, porém é preciso não se deixar levar pelos extremos, ou seja, a pena de excomunhão não pode ser vista simplesmente como uma punição para afastar o infrator, como se estivesse colocando um mau elemento para fora da Igreja. Mas sim, deve ser encarada como um remédio e na intenção de que o excomungado possa retornar ao seio da Igreja. Aplicar a pena de excomunhão, no ponto de vista de alguns mais radicais, é como se fosse uma vitória, um troféu, uma conquista. Banalizou-se o conceito de heresia. De outro lado também não é correto ser negligente com aquilo que pode afetar a fé e a moral, colocando dúvidas no que o Magistério Católico já definiu como verdade de fé. É preciso firmeza quando verdadeiramente a situação exigir. Por último, esse trabalho pretende demonstrar que apesar de sua personalidade complexa, polêmica e impulsiva, Hipólito de Roma, por conta do valor teológico de suas obras, sobretudo a *Philosophumena*, merece também ser reconhecido como um teólogo que muito contribuiu para o estabelecimento da ortodoxia nos três primeiros séculos do Cristianismo.

6

Referências bibliográficas

- ALBERIGO, G. **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.
- AYÁN,J.J. Irineu de Lyon. In: Berardino, A; Fedalto, G; Simonetti, M. (orgs). **Dicionário de Literatura Patrística**. São Paulo: Ave-Maria, 2010. p.1051
- BEINERT, W.; STUBENRAUCH, B. (Ed). **Novo Léxico da Teologia Dogmática Católica**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BENTO XVI. **Audiência Geral**. Vaticano. Quarta-feira, 28 de Março 2007. Disponível em <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070328.html> Acesso em: 05 fev. 2019.
- BOGAZ, A.S.; COUTO, M. A.; HANSEN, J. H. **Patrística: Caminhos da tradição cristã**. São Paulo: Paulus, 2008.
- BOROBIO, D. **El sacramento de la reconciliación penitencial**. 2. ed. Salamanca: Sígueme, 2011.
- BOTTE, B. **La Tradition Apostolique d’Hippolyte de Rome**. D’Apres les anciennes versions. Sources Chrétiennes 11. Paris: Cerf, 1968.
- BRAUN, R. Marcionismo. In: Lacoste, J.Y. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2014. p.1085-1087.
- BRENT, A. **Hippolytus and the Roman Church in the third century: Communities in tension before the emergence of a monarch-bishop**. New York: E.J. Brill, 1995.
- BUENO, D.R. **Actas de los mártires** (Edición bilingüe): Introduccion geral. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1996.
- BURKHARD, J.J. **Apostolicidade ontem e hoje: Igreja ecumênica no mundo pós-moderno**. São Paulo: Loyola, 2008.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas; Loyola, 1993.
- CIPRIANO DE CARTAGO. **Coleção Patrística** vol. 35/1. São Paulo: Paulus, 2016.
- CLEMENTE ROMANO. **Coleção Patrística** vol. 1. São Paulo: Paulus, 1995.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2017.

COMBY, J. **Para ler a História da Igreja**: Das origens ao século XV. São Paulo: Loyola, 2012.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Documenta**: Documentos publicados desde o Concílio Vaticano II até nossos dias (1965-2016). Brasília: Edições CNBB, 2011.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2014.

CORBIN, A. (Org.). **História do Cristianismo**: Para compreender melhor nosso tempo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COSENTINO, A. **Pseudo-Hipolito** – Confutazione di tutte le eresie. Traduzione, introduzione e note a cura di Augusto Cosentino. Roma: Città Nuova Editrice, 2017.

COSTA, P. C. **Salvatoris Disciplina**: Dionísio de Roma e a Regula Fidei no debate teológico do III século. Roma, 2002. 263p. Tese. Pontificia Università Gregoriana.

CRISTIANI, M. **Breve história das heresias**. São Paulo: Castela Editorial, 2016.

DANIÉLOU, J; MARROU, H. **Nova História da Igreja I**: Dos primórdios a São Gregório Magno. Petrópolis: Vozes, 1984.

DANIEL-ROPS, Henri. **A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires**. São Paulo: Quadrante, 2014.

DEZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Traduzido com base na 43ª edição alemã (2010), aos cuidados de Peter Hünermann e Helmut Hoping. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2013.

DIANICH, S.; NOCETI, S. **Tratado sobre a Igreja**. Aparecida: Santuário, 2007.

DIDAQUÉ. **Coleção Patrística** vol. 1. Padres Apostólicos. São Paulo: Paulus, 1995.

DROBNER, H.R. **Manual de Patrologia**. Petrópolis: Vozes, 2003.

DUFOR, L.X.; DUPLACY, J. (Dir.) **Vocabulário Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977.

ELENA, S.C. Triteísmo. In: PIKAZA, X.; SILANES, N. (Eds.) **Dicionário Teológico O Deus Cristão**. São Paulo: Paulus, 1988. p. 892-895.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **Coleção Patrística** vol. 15. São Paulo: Paulus, 2000.

FARIA, J.F. **Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos** - Poder e heresias!: Introdução crítica e histórica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2009.

FRANGIOTTI, R. **História das Heresias** (séculos I-VII): Conflitos ideológicos dentro do cristianismo. São Paulo: Paulus, 1995.

FRICKEL, J. Ippolito di Roma, scrittore e martire. **Nuove Ricerche su Ippolito**, Roma: Col. Studia Ephemeridis Augustinianum, v. 30, 1989. p.23-41.

GHIRLANDA, G. **O Direito na Igreja**. Mistério de Comunhão. Compêndio de Direito Eclesial. 2.ed. Aparecida/SP: Santuário, 2003.

GIACOBBI, Atillio. **La legislazione della Chiesa lungo i secoli**. *Credereoggi*, 35, 1986. p. 120

GNILKA, J. **Pedro e Roma**: A figura de Pedro nos dois primeiros séculos. São Paulo: Paulinas, 2006.

GONÇALVES, M.L.M. **Introdução ao Direito Canônico**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

GRILLMEIER, A. **Christ in Christian Tradition**. From the Apostolic Age to Chalcedon (451). Londres: London & Oxford, 1975.

GROSSI, V. **Linee di ecclesiologia patrística**. Il formarsi della coscienza di Chiesa nei primi sette secoli. Roma: Edizioni Borda, 2014.

GUARDUCCI, M. La Statua di Sant'Ippolito e la sua provenienza. **Nuove Ricerche su Ippolito**, Roma: Col. Studia Ephemeridis Augustinianum, v. 30, 1989. p. 61-74.

HAIGHT, R. **A Comunidade Cristã na História**: Ecclesiologia histórica. São Paulo: Paulinas, 2012.

HAMMAN, A-G. **Para ler os Padres da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2015.

HERMAS. **Coleção Patrística** vol. 1. Padres Apostólicos. São Paulo: Paulus, 1995.

HIPÓLITO DE ROMA. **Commentaries sur Daniel**. Sources Chrétiennes 14. Paris: Cerf, 1947.

HIPÓLITO DE ROMA. **Philosophumena**. Roma: Città Nuova Editrice, 2017.

HIPÓLITO DE ROMA. **Tradição Apostólica**. Tradução de Maria da Glória Novak; introdução de Maucyr Gibin. Petrópolis: Vozes, 2004.

HOHEMBERG, G. **A Igreja em Comunhão**. A colegialidade episcopal na ecclesiologia de Joseph Ratzinger. Rio de Janeiro, 2017. 446p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. **Coleção Patrística** vol. 1. São Paulo: Paulus, 1995.

IRINEU DE LIÃO. **Coleção Patrística** vol. 4. São Paulo: Paulus, 1995.

IRINEU DE LYON. **Coleção Patrística** vol. 33. São Paulo: Paulus, 2014.

JOÃO PAULO II – **Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2003.

JOÃO PAULO II. **Constituição Apostólica Pastor Bonus sobre a Cúria Romana**. Roma, 22 de junho de 1988. Disponível em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19880628_pastor-bonus-index.html. Acesso em: 12 out. 2019.

- JUSTINO DE ROMA. **Coleção Patrística** vol. 3. São Paulo: Paulus, 1995.
- KASPER, W. **A Igreja Católica: essência, realidade, missão**. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- KAUFMANN, T. et al (Orgs.). **História ecumênica da Igreja: Dos primórdios até a Idade Média**. São Paulo: Paulus; Loyola; São Leopoldo: Sinodal, 2012.
- KELHOFFER, J.A. **Hippolytus and Magic**. An Examination of Elenchos IV 28-42 and Related Passages in Light of the Greek Magical Papyri, in *Zeitschrift für Antikes Christentum*, 11/3. 2008. p 517-548.
- KELLY, J.N.D. **Patrística: Origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- KELLY, J.N.D. **Primitivos Credos Cristianos**. Salamanca: Ediciones Secretariado Trinitario, 1980.
- KERN, W. Heresia. In: LACOSTE, J.Y. (Org). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2014. p.816.
- LENZENWEGER, J. et al (Ed.). **História da Igreja Católica**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- LIMA, M.C. **Introdução à História do Direito Canônico**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- LISSNER, I. **Os Césares: apogeu e loucura**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1959.
- LOMBARDIA, P. **Lições de Direito Canônico**. São Paulo: Loyola, 2008.
- LOPES, G. **Patrística Pré-Nicena**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- LÓPEZ, F.G. **O Pentateuco**. Introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2004.
- MANZANARES, C. V. **Dicionário de Patrística: séc. I-VI**. Aparecida: Santuário, 1995.
- MARA, M.G. Kerygma. In: BERARDINO, A.(org). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 803-804
- MATSUNAGA, L. Sanções penais na Igreja. **Revista de Cultura Teológica**, v. 15, n. 60, p. 155-176, jul./set. 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/15660/11729>> . Acesso em: 09 mar. 2019.
- MCBRIEN, R. **Os Papas: os pontífices de São Pedro a São João Paulo II**. São Paulo: Loyola, 2017.
- MEUNIER, B. **O nascimento dos dogmas cristãos**. São Paulo: Loyola, 2005.
- MIGNE, J. P. (org.), **Patrologiae Graecae cursus completus**, Tomo 10, s.d.
- MIGNE, J. P. (org.), **Patrologiae Graecae cursus completus**, Tomo 11, s.d.

- MIGNE, J. P. (org.), **Patrologiae Graecae** cursus completus, Tomo 83, s.d.
- MIGNE, J. P. (org.), **Patrologiae Graecae** cursus completus, Tomo 103, s.d.
- MIGNE, J. P. (org.), **Patrologiae Latina** cursus completus, Tomo 2, s.d.
- MIGNE, J. P. (org.), **Patrologiae Latina** cursus completus, Tomo 13, s.d.
- MIGNE, J. P. (org.), **Patrologiae Latina** cursus completus, Tomo 16, s.d.
- MIGNE, J. P. (org.), **Patrologiae Latina** cursus completus, Tomo 23, s.d.
- MINUCIO FÉLIX. **Octavio**. Madrid: Ciudad Nueva, 2000.
- MIRANDA, M.F. **Sacramento da Penitência**. O perdão de Deus na comunidade eclesial. 5.ed. São Paulo: Loyola, 1978.
- MONDONI, D. **O cristianismo na antiguidade**. São Paulo: Loyola, 2014.
- MORESCHINI, C; NORELLI, E. **História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina: De Paulo à Era Constantiniana**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- NAUTIN, P., Hipólito. In: BERARDINO, A.(org). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 680
- NINOT, P. S. **Introdução à Eclesiologia**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- NOCKE, F.J. Doutrina Específica dos Sacramentos: Penitência. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). **Manual de Dogmática** Volume II. p. 205-338. Petrópolis: Vozes, 2012.
- ORBE, A. **Estudios sobre la teología Cristiana primitiva**. Madrid: Editorial Ciudad Nueva; Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1994.
- ORÍGENES. **Coleção Patrística** vol. 30. São Paulo: Paulus, 2012.
- PADOVESE, L. **Introdução à Teologia Patrística**. São Paulo: Loyola, 2004.
- PIÉ-NINOT, S. **Crer na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- PIERANTONI, C. **El enigma de los dos Hipólitos. Teología y Vida**, v. 47, n. 1, p. 55-75, 2006 . Disponível em <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0049-34492006000100003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 05 fev. 2019.
- PIERINI, F. **A idade antiga: Curso de História da Igreja I**. São Paulo: Paulus, 2013.
- PRINZIVALI, E. Hipólito. In: Berardino, A; Fedalto, G; Simonetti, M. (orgs). **Dicionário de Literatura Patrística**. São Paulo: Ave Maria, 2010. p. 954-958.
- PRINZIVALLI, E. **Eresia ed eretici nel corpus Ippolitiano. Augustinianum**, v. 25, n.3, p. 712-722, dez. 1995.
- QUASTEN, J. **Patrologia I**. Hasta el concilio de Niceia. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.
- RATZINGER, J. **Compreender a Igreja hoje**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

- RATZINGER, J. **O novo povo de Deus**. São Paulo: Molokai, 2016.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: Volume I. São Paulo: Paulus, 1990.
- REGIDOR, J.R. **Teologia do Sacramento da Penitência**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- RIVERO, A. **História da Igreja**: Século a século. Juiz de Fora: Martyria, 2017.
- ROLOFF, J. **A Igreja no Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal; Centro de Estudos Bíblicos, 2005.
- ROLOFF, J. Apóstolo. In: LACOSTE, J.Y. (Org). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2014. p. 179.
- ROPS, D. **A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires**. 3. ed. São Paulo: Quadrante, 2014.
- ROSSI, G.B. **Bullettino di Archeologia Cristiana**, n. 2.Roma. Disponível em: <<https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/bacr1882>>. Acesso em: 10 set. 2019.
- SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. 2ª edição Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.
- SESBOÛÉ, B; WOLINKSI, J. **História dos Dogmas**: O Deus da Salvação - Tomo 1 - Séculos I-VIII. São Paulo: Loyola, 2005.
- SIMONETTI, M. Aggiornamento su Ippolito. **Nuove Ricerche su Ippolito**, Roma, v. 30, 1989. p.75-130.
- SIMONETTI, M. Marcião. In: Berardino, A; Fedalto, G; Simonetti, M. (orgs). **Dicionário de Literatura Patrística**. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 2010. p. 1183.
- SUFFERT, G. **Tu és Pedro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- TESTINI, P. Vetera et nova su Ippolito. **Nuove Ricerche su Ippolito**, Roma, v. 30, p.8-22,1989.
- VERBRAKEN, P.P. **Les premiers siècles chrétiens**. Du college apostolique a l'empire Carolingien. Paris: Cerf, 1984.